

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA

BRUNA RIBEIRO VIRAQUÉ

**A CONSTRUÇÃO DA FONOLOGIA POR CRIANÇAS FALANTES NATIVAS
DE ESPANHOL: A AQUISIÇÃO DO SISTEMA CONSONANTAL**

Pelotas
2014

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA

BRUNA RIBEIRO VIRAQUÉ

A CONSTRUÇÃO DA FONOLOGIA POR CRIANÇAS FALANTES NATIVAS
DE ESPANHOL: A AQUISIÇÃO DO SISTEMA CONSONANTAL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Linguística Aplicada, da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Linha de Pesquisa: Aquisição, Variação e Ensino

Orientadora: Profa. Dra. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer (PPGL/UCPEL)

Pelotas, março de 2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V813c Viraqué, Bruna Ribeiro

A construção da fonologia por crianças falantes nativas de espanhol. / Bruna Ribeiro Viraqué . – Pelotas: UCPEL, 2015.

175f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Pelotas ,
Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, BR-RS, 2014.
Orientadora: Carmen Lúcia Barreto Matzenauer.

1. aquisição fonológica. 2. traços distintos. 3. sistema
consonantal do espanhol. I. Matzenauer, Carmem Lúcia
Barreto, or..

CDD 414

Dedico esta Dissertação à minha mãe, Vera Regina, meus irmãos Henry e Érick e ao meu sempre companheiro Adriano Viegas.

AGRADECIMENTOS

À minha família (mãe, irmãos e avós), minha base, a quem agradeço todo o apoio e incentivo dispensados a mim sempre que me proponho realizar um sonho. Agradeço pela compreensão em minha ausência e pelo auxílio que me prestaram sempre que necessitei.

À minha mãe que, incondicionalmente, é o meu maior exemplo de luta e força de vontade, por estar sempre dedicada a me proporcionar uma educação de qualidade, jamais me deixar esmorecer e estar sempre me incentivando pela busca de conhecimento.

Ao meu namorado Adriano, pelo companheirismo em mais esta etapa, sempre disposto a enunciar uma palavra de incentivo e demonstrar um gesto de carinho. Agradeço pelo crédito às minhas ideias e pelo relevante auxílio na formatação desta Dissertação.

Aos meus tios Reginaldo Ribeiro e Marla Heckler, por me acolherem em sua casa, semanalmente, durante todo o período do Mestrado. Agradeço o apoio, o incentivo ao estudo e os momentos de distração. Sem vocês a caminhada seria mais difícil!

Aos meus afilhados, por serem crianças tão adoráveis e por me fazerem criança quando em suas presenças. Agradeço, especialmente, ao Gian e a Hannah pelo simples fato de estarem perto de mim e por sempre compreenderem e incentivarem a realização dos “temas da escola da dinda”.

À minha prima, irmã do coração, Joseany Heckler, por compartilhar comigo os anseios da vida acadêmica, as inquietudes da pesquisa e todos os momentos da minha vida pessoal.

À minha orientadora, Prof.^a Carmen Matzenauer, pelo incentivo constante, pela amizade, pela disponibilidade em todos os momentos, pela atenção e carinho, mas, principalmente, por me proporcionar a realização de mais um sonho: tê-la como orientadora de pesquisa. Obrigada por fazer parte da minha vida acadêmica e pessoal!

A todos os meus familiares, amigos e amigas que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta etapa tão importante em minha vida. Agradeço todo o apoio, toda a compreensão e todos os abraços motivadores.

Às crianças participantes desta pesquisa e aos seus pais.

Ao CAIF e toda sua competente equipe.

À CAPES, pela bolsa concedida.

A todos os colegas da turma de Mestrado, por compartilhar conhecimento, experiências e anseios durante o período de convívio.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPel, pelos momentos de aprendizagem, pelos conhecimentos compartilhados, pelos primorosos exemplos como pessoas e profissionais que são.

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

Cora Carolina

RESUMO

Com o objetivo de contribuir para a descrição e análise do processo de aquisição da língua espanhola, este trabalho, com foco na construção do sistema consonantal, situa-se no campo das carentes investigações que envolvem o componente fonológico dessa língua. Para proceder à análise da progressiva aquisição de contrastes entre consoantes do espanhol, o suporte utilizado foi o modelo teórico de Princípios Fonológicos baseados em Traços, propostos por Clements ([2005] 2009), por meio do Modelo Padrão de Aquisição de Contrastes (PAC), proposto por Lazzarotto-Volcão (2009). Esta pesquisa foi desenvolvida na cidade de Aceguá-Uruguai, no Centro de Assistência à Infância e à Família, a partir do acompanhamento de quatro crianças, com faixa etária entre 1:6 a 2:1 (anos: meses) de idade. Essas crianças tiveram suas produções linguísticas gravadas, longitudinalmente, por um período de seis meses. A amostra de dados linguísticos dos informantes foi obtida através de entrevistas individuais que incluíram fala espontânea e fala eliciada por meio de brinquedos e da aplicação do instrumento AFC – Avaliação Fonológica da Criança -, proposto por Yavas, Matzenauer-Hernandorena e Lamprecht (1991), o qual dispõe de seis desenhos temáticos que eliciam palavras da gramática das crianças. Descritos os dados, procedemos à análise por meio do modelo Padrão de Aquisição de Contrastes para o PB. A análise permitiu a proposta do modelo para o espanhol (PAC para o ESP) e conduziu à verificação de que a aquisição da fonologia por crianças uruguaias é muito semelhante à aquisição fonológica por crianças brasileiras, principalmente no que se refere à aquisição inicial, que inclui as classes das plosivas e das nasais, registrando uma possível diferença no fato de as crianças falantes nativas de espanhol mostrarem certa precocidade na aquisição do contraste determinado pelo traço [\pm anterior] na classe das consoantes fricativas. Esta pesquisa confirmou ser o PAC um modelo capaz de subsidiar a análise da aquisição de inventários fonológicos, com a definição da gradual emergência de contrastes, oferecendo o substrato para a determinação de um perfil do processo de aquisição da fonologia de diferentes sistemas linguísticos.

Palavras-chave: aquisição fonológica; traços distintivos; sistema consonantal do espanhol.

RESÚMEN

Con el objetivo de contribuir para la descripción y análisis del proceso de adquisición de la lengua española, este trabajo, con foco en la construcción del sistema consonántico, se sitúa en el área de las carentes investigaciones que involucran el componente fonológico de esa lengua. Para proceder el análisis de la progresiva adquisición de contrastes entre consonantes del español, el soporte utilizado fue el modelo teórico de Principios Fonológicos embasados en Rasgos, propuesto por Clements ([2005] 2009), por medio del Modelo Padrón de Adquisición de Contrastes (PAC), propuesto por Lazzarotto-Volcão (2009). Esta investigación fue desarrollada en la ciudad de Aceguá-Uruguay, en el Centro de Asistencia a la Niñez y a la Familia, a partir del acompañamiento de cuatro niños (as), con faja de edad entre 1:6 a 2:1 (año: meses) de edad. Esos niños (as) tuvieron sus producciones lingüísticas grabadas, longitudinalmente, por un período de seis meses. La muestra de datos lingüísticos de los informantes fue obtenida a través de encuestas individuales que incluyeron habla espontánea y habla provocada por medio de juguetes y de la aplicación del instrumento AFC – Evaluación Fonológica de Niños -, propuesto por Yavas, Matzenauer-Hernandorena e Lamprecht (1991), lo cual dispone de seis dibujos temáticos que suscitan a palabras de la gramática de los niños. Descriptos los datos, procedemos el análisis por medio del modelo Padrón de Adquisición de Contrastes para el PB. El análisis permitió la propuesta del modelo para el español (PAC para el ESP) y llevó a la verificación de que la adquisición de la fonología por niños uruguayos es muy semejante a la adquisición fonológica por niños brasileños, principalmente relativo a la adquisición inicial, que incluye las clases de las plosivas y de las nasales, registrando una posible distinción en el hecho de los niños hablantes nativos de español mostraren cierta precocidad en la adquisición del contraste determinado por el contraste [\pm anterior] en la clase de las consonantes fricativas. Esta investigación confirmó ser el PAC un modelo capaz de subsidiar el análisis de la adquisición de inventarios fonológicos, con la definición de la gradual emergencia de contrastes, ofreciendo el substrato para la determinación de un perfil del proceso de adquisición de la fonología de distintos sistemas lingüísticos.

Palabras-clave: adquisición fonológica; rasgos distintivos; sistema consonántico del español

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Quadro do sistema fonológico consonantal do espanhol, segundo a norma culta (Alarcos, 1991).....	29
Figura 02 – Quadro do sistema fonológico consonantal do espanhol com destaques.....	29
Figura 03 – Quadro do sistema fonológico consonantal do espanhol, posterior a reajustes fonológicos.....	31
Figura 04 – Exemplos de contrastes mais e menos robustos (CLEMENTS, 2009, p. 43).....	35
Figura 05 – Escala Parcial de Robustez para Traços de Consoantes.....	36
Figura 06 – Desenho Básico do PAC.....	40
Figura 07 – Desenho Básico do PAC, com exemplo de contraste.....	40
Figura 08 – Desenho Básico do PAC, com exemplo de coocorrência redundante..	41
Figura 09 – Ordem de aquisição das consoantes do PB por idade.....	42
Figura 10 – Ordem de aquisição de contrastes fonológicos no PB.....	42
Figura 11 – Traços ou valores de traços marcados necessários à representação das consoantes do PB.....	43
Figura 12 – Padrão de Aquisição de Contrastos (PAC) do PB.....	44
Figura 13 – 1ª etapa de aquisição fonológica do ESP – versão preliminar.....	46
Figura 14 – 2ª etapa de aquisição fonológica do ESP – versão preliminar.....	47
Figura 15 – 3ª etapa de aquisição fonológica do ESP – versão preliminar.....	48
Figura 16 – 4ª etapa de aquisição fonológica do ESP – versão preliminar.....	49
Figura 17 – 5ª etapa de aquisição fonológica do ESP (hipotética) – versão preliminar.....	50
Figura 18 – 6ª etapa de aquisição fonológica do ESP (hipotética) – versão preliminar.....	51
Figura 19 – PAC para o ESP – versão preliminar.....	52
Figura 20 – Mapa de localização geográfica da cidade de Aceguá-Uruguaí.....	54

Figura 21 – 1ª etapa de aquisição fonológica do ESP – proposta final.....	152
Figura 22 – 2ª etapa de aquisição fonológica do ESP – proposta final.....	153
Figura 23 – 3ª etapa de aquisição fonológica do ESP – proposta final.....	154
Figura 24 – 4ª etapa de aquisição fonológica do ESP – proposta final.....	155
Figura 25 – 5ª etapa de aquisição fonológica do ESP (hipotética) – proposta final..	156
Figura 26 – 6ª etapa de aquisição fonológica do ESP (hipotética) – proposta final..	157
Figura 27 – PAC para o ESP – proposta final.....	159
Figura 28 – Escala de Robustez para Coocorrências de Traços para Aquisição do PB.....	161
Figura 29 – Escala de Robustez para Coocorrências de Traços para a Aquisição do Espanhol.....	162
Figura 30 – Escala de Robustez para Coocorrências de Traços para a Aquisição do PB e do ESP.....	166

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Sistema fonológico consonantal do espanhol falado no Uruguai.....	32
Quadro 02 – Inventário fonético de S1 – 1ª gravação.....	59
Quadro 03 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S1 – 1ª gravação....	59
Quadro 04 – Sistema de fones contrastivos de S1 – 1ª gravação.....	60
Quadro 05 – Inventário fonético de S1 – 2ª gravação.....	62
Quadro 06 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S1 – 2ª gravação....	62
Quadro 07 – Sistema de fones contrastivos de S1 – 2ª gravação.....	63
Quadro 08 – Inventário fonético de S1 – 3ª gravação.....	65
Quadro 09 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S1 – 3ª gravação....	65
Quadro 10 – Sistema de fones contrastivos de S1 – 3ª gravação.....	66
Quadro 11 – Inventário fonético de S1 – 4ª gravação.....	68
Quadro 12 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S1 – 4ª gravação....	68
Quadro 13 – Sistema de fones contrastivos de S1 – 4ª gravação.....	69
Quadro 14 – Inventário fonético de S1 – 5ª gravação.....	71
Quadro 15 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S1 – 5ª gravação....	71
Quadro 16 – Sistema de fones contrastivos de S1 – 5ª gravação.....	72
Quadro 17 – Inventário fonético de S1 – 6ª gravação.....	74
Quadro 18 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S1 – 6ª gravação....	74
Quadro 19 – Sistema de fones contrastivos de S1 – 6ª gravação.....	75
Quadro 20 – Inventário fonético de S2 – 1ª gravação.....	77
Quadro 21 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S2 – 1ª gravação....	77
Quadro 22 – Sistema de fones contrastivos de S2 – 1ª gravação.....	78
Quadro 23 – Inventário fonético de S2 – 2ª gravação.....	80
Quadro 24 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S2 – 2ª gravação....	80
Quadro 25 – Sistema de fones contrastivos de S2 – 2ª gravação.....	81

Quadro 26 – Inventário fonético de S2 – 3ª gravação.....	83
Quadro 27 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S2 – 3ª gravação....	83
Quadro 28 – Sistema de fones contrastivos de S2 – 3ª gravação.....	84
Quadro 29 – Inventário fonético de S2 – 4ª gravação.....	86
Quadro 30 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S2 – 4ª gravação....	86
Quadro 31 – Sistema de fones contrastivos de S2 – 4ª gravação.....	87
Quadro 32 – Inventário fonético de S2 – 5ª gravação.....	89
Quadro 33 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S2 – 5ª gravação....	89
Quadro 34 – Sistema de fones contrastivos de S2 – 5ª gravação.....	90
Quadro 35 – Inventário fonético de S2 – 6ª gravação.....	92
Quadro 36 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S2 – 6ª gravação....	92
Quadro 37 – Sistema de fones contrastivos de S2 – 6ª gravação.....	93
Quadro 38 – Inventário fonético de S3 – 1ª gravação.....	95
Quadro 39 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S3 – 1ª gravação....	95
Quadro 40 – Sistema de fones contrastivos de S3 – 1ª gravação.....	96
Quadro 41 – Inventário fonético de S3 – 2ª gravação.....	98
Quadro 42 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S3 – 2ª gravação....	98
Quadro 43 – Sistema de fones contrastivos de S3 – 2ª gravação.....	99
Quadro 44 – Inventário fonético de S3 – 3ª gravação.....	101
Quadro 45 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S3 – 3ª gravação....	101
Quadro 46 – Sistema de fones contrastivos de S3 – 3ª gravação.....	102
Quadro 47 – Inventário fonético de S3 – 4ª gravação.....	104
Quadro 48 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S3 – 4ª gravação....	104
Quadro 49 – Sistema de fones contrastivos de S3 – 4ª gravação.....	105
Quadro 50 – Inventário fonético de S3 – 5ª gravação.....	107
Quadro 51 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S3 – 5ª gravação....	107
Quadro 52 – Sistema de fones contrastivos de S3 – 5ª gravação.....	108

Quadro 53 – Inventário fonético de S3 – 6ª gravação.....	110
Quadro 54 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S3 – 6ª gravação....	110
Quadro 55 – Sistema de fones contrastivos de S3 – 6ª gravação.....	111
Quadro 56 – Inventário fonético de S4 – 1ª gravação.....	113
Quadro 57 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S4 – 1ª gravação....	113
Quadro 58 – Sistema de fones contrastivos de S4 – 1ª gravação.....	114
Quadro 59 – Inventário fonético de S4 – 2ª gravação.....	116
Quadro 60 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S4 – 2ª gravação....	116
Quadro 61 – Sistema de fones contrastivos de S4 – 2ª gravação.....	117
Quadro 62 – Inventário fonético de S4 – 3ª gravação.....	119
Quadro 63 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S4 – 3ª gravação....	119
Quadro 64 – Sistema de fones contrastivos de S4 – 3ª gravação.....	120
Quadro 65 – Inventário fonético de S4 – 4ª gravação.....	122
Quadro 66 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S4 – 4ª gravação....	122
Quadro 67 – Sistema de fones contrastivos de S4 – 4ª gravação.....	123
Quadro 68 – Inventário fonético de S4 – 5ª gravação.....	125
Quadro 69 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S4 – 5ª gravação....	125
Quadro 70 – Sistema de fones contrastivos de S4 – 5ª gravação.....	126
Quadro 71 – Inventário fonético de S4 – 6ª gravação.....	128
Quadro 72 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S4 – 6ª gravação....	128
Quadro 73 – Sistema de fones contrastivos de S4 – 6ª gravação.....	129
Quadro 74 – Contrastes estabelecidos por S1.....	131
Quadro 75 – Produções de S1.....	132
Quadro 76 – Contrastes estabelecidos por S2.....	137
Quadro 77 – Produções de S2.....	138
Quadro 78 – Contrastes estabelecidos por S3.....	142
Quadro 79 – Produções de S3.....	143

Quadro 80 – Contrastes estabelecidos por S4.....	147
Quadro 81 – Produções de S4.....	148

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
2.1 Aquisição da linguagem.....	22
2.2 Aquisição da fonologia.....	24
2.3 Sistema fonológico do espanhol.....	27
2.4 O modelo teórico de Princípios Fonológicos baseados em Traços.....	32
2.5 O Modelo Padrão de Aquisição de Contrastes (PAC) para o Português Brasileiro (PB).....	38
2.5.1 Princípios básicos do PAC.....	38
2.5.2 Arquitetura e formalismo do PAC.....	39
2.5.3 Proposta final do PAC para o PB.....	41
2.6 Proposta preliminar do PAC para o espanhol.....	45
3 METODOLOGIA.....	53
3.1 Caracterização da pesquisa.....	53
3.1.1 Comunidade de pesquisa.....	53
3.1.2 Sujeitos da pesquisa.....	55
3.1.3 O <i>corpus</i> da pesquisa.....	55
3.2 Descrição dos dados.....	56
3.2.1 Forma de descrição e apresentação dos dados.....	56

3.2.2 Descrição dos dados.....	57
3.2.2.1 Sujeito 1.....	58
3.2.2.1.1 Sujeito 1 – Coleta 1 (idade – 1:6).....	58
3.2.2.1.2 Sujeito 1 – Coleta 2 (idade – 1:8).....	61
3.2.2.1.3 Sujeito 1 – Coleta 3 (idade – 1:9).....	64
3.2.2.1.4 Sujeito 1 – Coleta 4 (idade – 1:10).....	67
3.2.2.1.5 Sujeito 1 – Coleta 5 (idade – 1:11).....	70
3.2.2.1.6 Sujeito 1 – Coleta 6 (idade – 2:0).....	73
3.2.2.2 Sujeito 2.....	76
3.2.2.2.1 Sujeito 2 – Coleta 1 (idade – 1:7).....	77
3.2.2.2.2 Sujeito 2 – Coleta 2 (idade – 1:8).....	79
3.2.2.2.3 Sujeito 2 – Coleta 3 (idade – 1:9).....	82
3.2.2.2.4 Sujeito 2 – Coleta 4 (idade – 1:10).....	85
3.2.2.2.5 Sujeito 2 – Coleta 5 (idade – 1:11).....	88
3.2.2.2.6 Sujeito 2 – Coleta 6 (idade – 2:0).....	91
3.2.2.3 Sujeito 3	94
3.2.2.3.1 Sujeito 3 – Coleta 1 (idade – 1:7).....	94
3.2.2.3.2 Sujeito 3 – Coleta 2 (idade – 1:8).....	97
3.2.2.3.3 Sujeito 3 – Coleta 3 (idade – 1:9).....	100
3.2.2.3.4 Sujeito 3 – Coleta 4 (idade – 1:11).....	103
3.2.2.3.5 Sujeito 3 – Coleta 5 (idade – 2:0).....	106
3.2.2.3.6 Sujeito 3 – Coleta 6 (idade – 2:1).....	109

3.2.2.4 Sujeito 4	112
3.2.2.4.1 Sujeito 4 – Coleta 1 (idade – 1:6).....	112
3.2.2.4.2 Sujeito 4 – Coleta 2 (idade – 1:8).....	115
3.2.2.4.3 Sujeito 4 – Coleta 3 (idade – 1:9).....	118
3.2.2.4.4 Sujeito 4 – Coleta 4 (idade – 1:10).....	121
3.2.2.4.5 Sujeito 4 – Coleta 5 (idade – 1:11).....	124
3.2.2.4.6 Sujeito 4 – Coleta 6 (idade – 2:0).....	127
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	130
4.1 Sujeito 01.....	130
4.2 Sujeito 02.....	136
4.3 Sujeito 03.....	141
4.4 Sujeito 04.....	146
5 IMPLICAÇÕES DA ANÁLISE.....	151
5.1 O modelo PAC para o espanhol – proposta final.....	151
5.2 Comparação entre a proposta final do PAC para o português brasileiro e para o espanhol.....	160
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	171

1 INTRODUÇÃO

As pesquisas relativas à aquisição da linguagem despertam, cada vez mais, o olhar atento e curioso de estudiosos que buscam descrever, analisar e explicar os processos que envolvem esse campo da ciência linguística. Por ser um processo complexo, a linguagem das crianças proporciona uma diversidade de estudos que estão em constante desenvolvimento. Dentro dessa diversidade, a presente pesquisa situa-se no contexto das carentes investigações alusivas à aquisição fonológica da língua espanhola, com foco específico no sistema consonantal da língua.

As pesquisas sobre a aquisição da fonologia de diferentes sistemas linguísticos, embora contemplem um mesmo objeto de estudo, fundamentam a análise e a formalização de seus dados seguindo diferentes propostas teóricas. Sendo assim, encontramos na literatura estudos que utilizam teorias lineares, como a Fonologia Natural (STAMPE, 1973) e a Fonologia Gerativa Clássica (CHOMSKY e HALLE, 1968), e teorias não-lineares, que surgem a partir da década de 90, com maior poder explicativo para o processo de aquisição da fonologia das línguas, como a Fonologia Autossegmental (CLEMENTS e HUME, 1995), e, mais recentemente, a Teoria da Otimidade (OT), de Prince e Smolensky (1993) e McCarthy e Prince (1993).

Nesse cenário teórico, esta pesquisa, que abordará o processo de aquisição fonológica do espanhol, está embasada em um modelo representacional de Princípios Fonológicos baseados em Traços, proposto por Clements ([2005] 2009¹). Os cinco princípios são: *Feature Bounding* (Limitação de Traços), *Feature Economy* (Economia de Traços), *Marked Feature Avoidance* (Evitação de Traços Marcados), *Robustness* (Robustez) e *Phonological Enhancement* (Reforço Fonológico). Por meio desses princípios, Clements (op. cit) busca evidenciar o papel central que os traços distintivos possuem na estruturação de inventários fonológicos e no estabelecimento de contrastes entre os segmentos que constituem um sistema linguístico.

Especificamente no que se refere ao processo de aquisição da linguagem, essa proposta teórica contribui para a explicação, por exemplo, da relevância das classes naturais durante o desenvolvimento fonológico da criança e, também, para o ordenamento na aquisição de contrastes entre segmentos.

¹ A primeira versão deste trabalho, datada de 2005, foi publicada no *website* do autor, sendo publicada de forma impressa no ano de 2009.

Para o desenvolvimento deste estudo, temos como argumento principal a carência de pesquisas voltadas à aquisição do espanhol, de modo particular com foco no processo de aquisição do componente fonológico da língua. Nesse contexto, a presente investigação visa a contribuir para a área da aquisição da linguagem, buscando a descrição e a análise do processo de aquisição da fonologia do espanhol por crianças uruguaias.

Além disso, a presente pesquisa tem relevância pelo fato de possibilitar um estudo comparativo entre o processo de aquisição fonológica do espanhol e do português, uma vez que diferentes investigações realizadas no Brasil já conseguiram traçar um perfil do desenvolvimento da fonologia por crianças falantes nativas do português brasileiro (vide Lamprecht et.al. (2004)). Tal estudo comparativo também é inovador, considerando-se o número restrito de trabalhos que a literatura do campo da aquisição da linguagem registra com foco no espanhol como língua materna.

Tem-se um exemplo de abordagem comparativa da aquisição fonológica do português e do espanhol na pesquisa de Oliveira (2006), o qual, no entanto, fica restrito às consoantes róticas, deixando de analisar todas as outras consoantes que integram a fonologia das duas línguas. Além disso, a investigação de Oliveira (2006) estuda o espanhol europeu, em lugar de dedicar-se ao espanhol falado nos países da América do Sul.

Assim, este estudo vem preencher uma lacuna nas pesquisas em aquisição fonológica, não apenas por estudar crianças falantes nativas do espanhol do Uruguai, mas também por promover uma comparação entre o processo de desenvolvimento linguístico das crianças brasileiras e uruguaias.

No que se refere à escolha do embasamento teórico, argumentamos que esta pesquisa, voltada à análise da aquisição da linguagem, tem como objeto de estudo os segmentos, os quais são compostos por traços que constituem sua estrutura interna e regulam o funcionamento da fonologia das línguas.

Sendo assim, o modelo teórico de Princípios Fonológicos baseados em Traços, de Clements ([2005] 2009), adéqua-se à proposta da pesquisa, pois compartilha o pressuposto de que a emergência de contrastes na gramática das línguas é de responsabilidade dos traços fonológicos, que não agem de forma isolada, mas, sim, em conjunto, isto é, a constituição do inventário fonológico depende da coocorrência de

traços e não está condicionada pelo comportamento isolado dos traços. Além disso, o próprio autor sugere que essas propriedades gerais dos sistemas fonológicos possa encontrar explicação na natureza da aquisição da linguagem (CLEMENTS, [2005] 2009, p. 01).

Outrossim, esse foi o último modelo teórico proposto por Clements e não há, na literatura, estudos sobre a aquisição da fonologia do espanhol que se fundamentem nessa teoria fonológica.

Uma vez que nosso estudo objetiva a análise da progressiva aquisição de contrastes entre consoantes do espanhol, justificamos a utilização do Modelo Padrão de Aquisição de Contrastos (PAC), proposto por Lazzarotto-Volcão (2009), que possui como ideia central a possibilidade de explicação e formalização das etapas de aquisição da fonologia do português brasileiro, utilizando também, como base, o modelo teórico de Princípios Fonológicos baseados em Traços, de Clements ([2005] 2009). Nesse sentido, o presente estudo inova, pois será o primeiro a aplicar o PAC para a análise de outra língua.

Além de dar suporte para o estabelecimento das etapas de aquisição fonológica do espanhol, o PAC servirá de base para o comparativo entre os dados resultantes de sua aplicação no contexto do PB e os dados resultantes desse estudo, no contexto do espanhol.

O objetivo geral desta pesquisa é descrever e analisar o processo de aquisição dos contrastes na construção do inventário fonológico consonantal por crianças falantes nativas de espanhol, com o suporte de uma teoria baseada em traços.

Como objetivos específicos, temos:

- ◆ analisar a progressiva aquisição de contraste entre as consoantes do espanhol, com o suporte do modelo teórico de Princípios Fonológicos Baseados em Traços, de Clements ([2005] 2009), por meio do Modelo Padrão de Aquisição de Contrastos, proposto por Lazzarotto-Volcão (2009);

- ◆ comparar o processo de aquisição dos sistemas consonantais de duas línguas românicas, o português e o espanhol;

- ◆ contribuir para a determinação de um perfil do processo de aquisição fonológica de crianças falantes nativas de espanhol.

Visando cumprir os objetivos mencionados acima, esta pesquisa busca responder às seguintes questões norteadoras:

◆ Qual é o ordenamento do processo de aquisição do inventário consonantal por crianças falantes nativas de espanhol? O PAC é um modelo teórico capaz de analisar a aquisição de contrastes entre as consoantes do espanhol?

◆ A progressiva aquisição de contrastes entre consoantes é semelhante entre crianças falantes nativas de espanhol e do português do Brasil?

◆ É possível, com o subsídio do PAC, determinar um perfil do processo de aquisição do espanhol por crianças falantes nativas da língua?

A presente dissertação está dividida em seis capítulos, sendo o primeiro destinado à parte introdutória, com a explicitação do tema, objetivos gerais e específicos e questões norteadoras da pesquisa.

O segundo capítulo é destinado à apresentação da fundamentação teórica e é composto por seis seções. Na primeira seção abordamos aspectos teóricos relativos à aquisição da linguagem. A segunda seção está destinada à explicitação do processo de aquisição da fonologia das línguas. Na terceira seção apresentamos o sistema fonológico do espanhol, especificamente aquele utilizado por falantes nativos de espanhol uruguaio. A quarta seção traz explicações acerca do modelo teórico de Princípios Fonológicos baseados em Traços, proposto por Clements ([2005] 2009), principal base teórica deste estudo. Na quinta seção mostramos, detalhadamente, o modelo Padrão de Aquisição de Contrastes (PAC), de Lazzarotto-Volcão (2009), modelo pelo qual analisaremos nossos dados. Nessa seção sobre o PAC, trataremos de seus princípios básicos, sua arquitetura e formalismo e da proposta final do modelo para o PB. A última seção desse capítulo trará uma proposta preliminar do PAC para o espanhol.

Destinamos o terceiro capítulo à metodologia empregada neste estudo, dividindo-o em três seções. Na primeira seção a pesquisa é caracterizada, por meio da descrição da comunidade em que realizamos o estudo, a caracterização dos informantes e a constituição do *corpus*. A segunda seção está reservada para a explicação sobre a maneira como descrevemos e analisamos os dados obtidos. Na terceira seção descrevemos os dados obtidos junto a cada sujeito.

No quarto capítulo apresentamos a análise dos dados resultantes desta investigação. Para a análise dos dados de cada informante, dispensamos uma seção, totalizando, portanto, quatro seções para o referido capítulo.

O quinto capítulo está destinado à apresentação das implicações da análise realizada no capítulo anterior. Nesse capítulo, temos uma seção contendo a proposta final

do PAC para o ESP e outra seção apresentando uma comparação entre a proposta final do PAC para o PB, contida em Lazzarotto-Volcão (2009), e a proposta final do PAC para o ESP, prevista por este estudo.

No último capítulo são respondidas as questões norteadoras desta pesquisa e são apresentadas as últimas considerações, que finalizam esta Dissertação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo abordamos a fundamentação teórica do presente trabalho, iniciando por uma explanação acerca da aquisição da linguagem. Por situarmos nossa pesquisa no componente fonológico, apresentamos, em outra seção, aspectos alusivos à aquisição da fonologia das línguas. A seguir, abordamos o sistema fonológico da língua espanhola. Na sequência, apresentamos a base teórica deste estudo, o modelo de Princípios Fonológicos baseados em Traços, proposto por Clements ([2005] 2009). Em próxima seção, expomos o modelo Padrão de Aquisição de Contrastes (PAC) para o português brasileiro, proposto por Lazzarotto-Volcão (2009), que também norteia a presente pesquisa, e, para finalizar este capítulo, propomos uma versão preliminar do PAC para o espanhol.

2.1 Aquisição da linguagem

A aquisição da linguagem provoca, entre estudiosos da área, especulações e discussões teóricas. Seu caráter complexo, em virtude da natureza das línguas naturais, propicia o desenvolvimento constante de pesquisas que objetivem, de modo geral, descrever e explicar esse processo.

Esse campo de estudos recebeu impulso particular com o linguista americano Noam Chomsky, no final da década de 50, com uma proposta que se opunha à posição behaviorista até então vigente. O behaviorismo pressupunha que “a aprendizagem da linguagem seria fator de exposição ao meio e decorrente de mecanismos comportamentais como reforço, estímulo e resposta.” (SCARPA, 2001, p. 206). Chomsky argumenta em desfavor dessa visão, uma vez que a mesma não explica, por exemplo, como as crianças possuem a capacidade de produzir palavras e sentenças que não constam em seu *input* linguístico, ou seja, que jamais ouviram e, também, de gerar um número potencialmente infinito de enunciados.

Em vistas a explicar essa criatividade e capacidade linguística das crianças, no processo de aquisição da linguagem, o linguista americano propõe que o ser humano é dotado de um dispositivo inato – a faculdade da linguagem –, herdado geneticamente, que lhe possibilita a aquisição de uma língua. A faculdade da linguagem é aspecto particular das faculdades mentais da espécie humana; constitui-se em aparato genético, alocado no cérebro humano; é propriedade específica para lidar com os elementos presentes nas línguas naturais e não outros quaisquer (CHOMSKY, 1986).

Para o autor, a Gramática Universal (GU), estado zero da faculdade da linguagem, é um conjunto de propriedades inatas, biologicamente determinadas, de natureza especificamente linguística (isto é, não compartilhada por nenhum outro sistema cognitivo particular ou geral) e cujo desenvolvimento e “maturação”, em interação com o meio ambiente, determina uma gramática particular na mente de cada indivíduo adulto. A GU reflete de maneira universal a estrutura ou a organização da mente humana.

Em razão de suas características, o gerativismo explica por que somente os seres humanos são capazes de combinar itens de um conjunto de elementos segundo certos princípios básicos, que são em número finito, de modo a gerar um número infinito de sentenças novas, ou seja, explica por que apenas os seres humanos são capazes de adquirir um sistema linguístico e, por conseguinte, por que as crianças conseguem produzir estruturas jamais ouvidas e reelaborar dados estruturais de sua língua alvo. Sob esse ponto de vista, a tarefa da criança, no processo de aquisição da linguagem, é extrair, do *input* que recebe, as unidades da língua e as regras ou restrições que regulam as relações entre elas estabelecidas – esse seria o caminho para a construção da gramática pela criança. A capacidade para cumprir tal tarefa a criança possui, segundo os pressupostos do gerativismo, em razão de dispositivos inatos, ou seja, da predisposição biológica dos seres humanos para a aquisição de uma língua.

Além de demarcar pressupostos pioneiros no campo da aquisição da linguagem, as visões gerativista e behaviorista, também caracterizam períodos de desenvolvimento de estudos voltados à aquisição da linguagem. Tais estudos, segundo Ingram (1989, p. 7), historicamente, estão divididos em três momentos: o período dos estudos de diário (1876-1926), o período dos estudos com amostras amplas (1926-1957) e o período atual, de estudos longitudinais (a partir de 1957).

Os estudos de base behaviorista estão localizados no período de amostras amplas por buscarem um número expressivo de informantes, sem pretensão de acompanhar o

desenvolvimento da linguagem, “mas com o objetivo de coletar dados que permitissem fazer induções e, dessa forma, traçar um perfil do comportamento considerado normal para crianças” (LORANDI, CRUZ e SCHERER, 2011, p. 145).

Já os estudos de base gerativista localizam-se no terceiro e atual período, de estudos longitudinais, no qual, conforme Scarpa (2001, p. 204), se objetiva acompanhar “o desenvolvimento da linguagem de uma criança ao longo do tempo”. Sendo assim, busca-se, a partir de um quantitativo razoável de amostras de fala de uma criança, analisar o conhecimento que ela possui dos componentes da gramática de sua língua, em especial, na pesquisa aqui relatada, o conhecimento do componente fonológico.

Integrando a teoria gerativa, também está o pressuposto de que, no componente fonológico das línguas, o traço distintivo constitui-se na unidade mínima dos sistemas fonológicos das línguas. Nesse sentido, situamos a abordagem teórica proposta por Clements ([2005] 2009)², a qual possui base gerativista, e, também, argumenta em favor do papel fundamental que os traços fonológicos possuem na constituição de inventários fonológicos.

Buscando discutir o tema da aquisição da fonologia das línguas, apresentamos, na próxima seção, aspectos relativos à aquisição do componente fonológico.

2.2 Aquisição da fonologia

Durante o processo de aquisição da linguagem, a criança adquire o sistema de sua língua materna e, conseqüentemente, apropria-se dos componentes fonético e fonológico.

A literatura da área da aquisição da fonologia tem sido unânime em apontar que é característico desse processo que a criança começa adquirindo o que é considerado não-marcado, gradualmente incorporando o que é considerado linguisticamente marcado. Durante esse processo, a criança apresenta fases desenvolvimentais que, devido à variabilidade individual, mesmo em sujeitos com aquisição sem desvios, podem sofrer oscilações. Como referências básicas, adotamos os estágios propostos por Ingram (1989, p. 2), com a proposição dos seguintes períodos da aquisição da linguagem:

1. desenvolvimento pré-linguístico – do nascimento até o final do primeiro ano de idade;
2. enunciados de uma única palavra – a partir de cerca de 1 ano até 1:6 de idade;

² Detalhamento no item 2.4

3. primeiras combinações de palavras – a partir de 1:6 até 2 anos de idade;
4. sentenças simples e complexas – a partir dos 3 anos.

(INGRAM, 1989, p. 2, tradução nossa)

O primeiro estágio corresponde à fase do balbucio, na qual não há relação entre o significado e a forma fonética.

O segundo refere-se ao período em que as crianças empregam palavras isoladas, ainda sem combiná-las em uma sequência – é fase em que, segundo Ingram (1989), começa a haver a compreensão consistente das palavras dos adultos; nesse estágio, a palavra corresponde a um enunciado.

O estágio de combinações de palavras corresponde ao período de notável aumento do vocabulário produzido pela criança, bem como grande desenvolvimento fonêmico, no qual há maior sistematicidade na produção de sequências da língua. Nesse período, os segmentos ou traços podem ser unidades básicas para o funcionamento das línguas. Em razão disso, a maioria dos estudos voltados à aquisição da linguagem centram-se neste estágio. A nossa proposta de análise inicia-se, também, neste período.

O último estágio corresponde à fase de produção de frases simples e complexas, na qual a criança evidencia o emprego de estruturas sintáticas, além do desenvolvimento fonológico e semântico da língua alvo.

Na busca por explicar esse processo evolutivo da aquisição da fonologia das línguas, as teorias fonológicas surgem sob diversas perspectivas e com distintas concepções acerca do mesmo assunto, como, por exemplo, as correntes behaviorista, gerativista, conexionista, cognitivista, entre outras.

A fundamentação teórica do presente trabalho possui raízes gerativas, propostas por Chomsky. De base gerativa, a literatura apresenta, como modelos lineares, a Fonologia Natural, de Stampe (1973), a Fonologia Gerativa Clássica, de Chomsky e Halle (1968), e como modelos não-lineares, a Fonologia Autossegmental (Goldsmith, 1976), em especial a Geometria de Traços (Clements e Hume, 1995) e, mais recentemente, a Teoria da Otimidade (OT), proposta por Prince e Smolensky (1993) e

McCarthy e Prince (1993). Embora contendo as mesmas fundamentações basilares, cada teoria concebe a aquisição da fonologia de forma específica.

À luz da Fonologia Natural³ (STAMPE, 1973), a aquisição fonológica é vista a partir da definição de processo fonológico, que é conceituado pelo autor (op. cit), como

uma operação mental que se aplica à fala para substituir, em lugar de uma classe de sons e sequência de sons que apresentam uma dificuldade específica comum para a capacidade de fala do indivíduo, uma classe alternativa idêntica em todos os outros sentidos porém desprovida de propriedade difícil. (STAMPE, 1973, p. 1)

Isso significa que a criança possui em sua mente algumas operações inatas, as quais são aplicadas quando ela se depara com aspectos linguísticos mais complexos. Essa teoria é capaz de alcançar grandes generalizações e, ainda, dá subsídio à pesquisas da área da fonoaudiologia.

Para a Fonologia Gerativa Clássica (CHOMSKY e HALLE, 1968), os traços distintivos passam a ser vistos como unidade mínima da fonologia das línguas. A partir dessa concepção, foi possível determinar a gramática da criança em cada etapa do processo de aquisição com base nos traços que compõem os segmentos, bem como agrupar os segmentos em classes naturais e verificar que os segmentos de uma mesma classe natural funcionam de maneira semelhante.

As teorias que surgiram posteriormente à Teoria Gerativa Clássica tentaram alcançar maior poder explicativo para os fenômenos linguísticos. A Fonologia Autossegmental, proposta por Clements e Hume (1995), representou um acréscimo aos modelos fonológicos anteriores ao defender a existência de uma hierarquia entre os traços que integram os segmentos, atribuindo-lhes uma estrutura interna. Sendo assim, durante o processo de aquisição da linguagem, pode-se pressupor que as crianças constroem gradativamente a estrutura interna dos segmentos, a partir do emprego de traços com valor fonológico. Conforme Matzenauer-Hernandorena (1996), o sistema fonológico das crianças inicia-se por coocorrências de traços não marcadas para as diferentes classes de segmentos, havendo a tendência à precoce emergência dos fonemas /p, t, m, n/, e, à

³ Embora a teoria da Fonologia Natural tenha data mais recente que a Fonologia Gerativa Clássica, optamos por mencioná-la anteriormente a essa, pois os primeiros trabalhos desenvolvidas na área da aquisição fonológica embasaram-se na proposta de Stampe (1973).

medida que os traços vão sendo incorporados à estrutura interna dos segmentos, a gramática da criança aproxima-se do sistema-alvo.

Seguindo essa perspectiva e “considerando-se que as unidades básicas da representação fonológica são traços distintivos, e não segmentos, [e] que os traços são atributos dos segmentos (sonoridade, nasalidade, etc.)” (MATZENAUER, 2004, p. 43), situamos nosso referencial teórico a partir do modelo teórico de Princípios baseados em Traços, última proposta de Clements ([2005] 2009), que explicitamos a seguir (seção 2.4).

Uma vez que o nosso principal objetivo é analisar a progressiva aquisição de contrastes do sistema fonológico consonantal do espanhol, passamos à descrição do inventário de fonemas consonantais dessa língua na próxima seção.

2.3 Sistema fonológico do espanhol

A língua espanhola, como língua falada, está presente em todos os continentes. Como língua oficial apresenta-se em vinte e um países, dentre os quais a maioria localiza-se no continente americano. Devido a essa presença considerável, no que se refere à extensão geográfica, os hispanoamericanos possuem algumas diferenças nos campos fonético-fonológico e lexical. Uma vez que nosso estudo possui foco no componente fonológico da língua espanhola, neste capítulo, verificaremos quais fonemas constituem o sistema consonantal do espanhol falado no Uruguai.

Navarro Tomas (1985) observa que as diferenças, relativas às realizações fonéticas, entre países e regiões de falantes nativos de espanhol são muito relevantes, uma vez que demonstram características específicas de cada região. Especificamente, ao que se refere à localização geográfica que caracteriza esta pesquisa, países americanos de língua espanhola, o autor destaca que “o estudo do espanhol na América especifica conceitos e limites das importantes diferenças fonéticas existentes dentro do que se

designa como pronúncia hispanoamericana.” (NAVARRO TOMAS, 1985, p. 6, tradução nossa⁴).

Para constituirmos o inventário fonológico do espanhol uruguaio é relevante tomarmos como base a primeira descrição estrutural do sistema fonológico consonantal do espanhol, que foi realizada por Alarcos (1950)⁵. Esse estudo, fundamentado na corrente funcionalista, constitui-se, segundo Hidalgo e Quilis (2004), em uma proposta de imprescindível conhecimento, uma vez que alguns de seus pressupostos foram aplicados e revistos por outras perspectivas teóricas.

Conforme a descrição proposta por Alarcos (1950), o sistema fonológico consonantal do espanhol (considerado a partir da norma culta peninsular), é constituído por dezenove fonemas: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /θ/, /s/, /y/, /x/, /tʃ/, /m/, /n/, /ɲ/, /l/, /ʎ/, /r/ e /ʝ/. Para ilustrarmos esse inventário fonológico, apresentamos abaixo o quadro proposto pelo autor:

⁴ Texto original do autor: “El estudio del español en América va especificando el concepto y los límites de las importantes diferencias fonéticas existentes dentro de lo que de un modo general se designa con el nombre de pronunciación hispanoamericana.

⁵ Neste trabalho, utilizamos a quarta edição (8ª reimpressão) de 1991, na qual o autor expõe a mesma proposta de descrição para o sistema fonológico consonantal do espanhol, contida no trabalho datado de 1950.

Fig. 01 – Quadro do sistema fonológico consonantal do espanhol, segundo a norma culta (Alarcos, 1991)

Quadro conson. espanhol	Bilabial		Labio-dental		Inter-dental		Dental		Alveolar		Palatal		Velar	
	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn
oclusivas	/p/	/b/					/t/	/d/					/k/	/g/
	pie	bala					tía	día					casa	gato
fricativas			/f/		/θ/				/s/		/y/		/x/	
			faca		cero				siete		mayo		jamás	
africada											/ʎ/			
											coche			
nasais		/m/							/n/		/ɲ/			
		moneda							nada		España			
laterais									/l/		/ʎ/			
									lado		calla			
vibrante s m.									para /r/					
									rueda /r̄/					

O inventário fonológico do espanhol representado acima demonstra as oposições fonológicas que constituem este sistema. Alarcos (1999) chama a atenção para o fato de que a norma culta peninsular coexiste com outras variantes de distinta extensão social e geográfica e, por conta disso, certas oposições fonológicas deixaram de ser pertinentes.

Entre as que são relevantes para a constituição do inventário fonológico do espanhol uruguaio, destacamos a fricativa interdental surda, a fricativa palatal sonora e a líquida lateral palatal, conforme demonstramos na Fig. 02, na qual replicamos o quadro proposto por Alarcos (1991), adicionando os destaques referidos acima.

Fig. 02 – Quadro do sistema consonantal fonológico do espanhol com destaques

Quadro conson. espanhol	Bilabial		Labio-dental		Inter-dental		Dental		Alveolar		Palatal		Velar	
	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn
oclusivas	/p/	/b/					/t/	/d/					/k/	/g/
	pie	bala					tía	día					casa	gato
fricativas			/f/		/θ/				/s/		/y/		/x/	
			faca		cero				siete		mayo		jamás	
africada											/ʎ/			
											coche			
nasais		/m/							/n/		/ɲ/			
		moneda							nada		España			
laterais									/l/		/ʎ/			
									lado		calla			
vibrante s m.									para /r/					
									rueda /r̄/					

Passemos para a análise de cada uma das consoantes destacadas.

A fricativa interdental surda, /θ/, produzida em palavras como: *caza* [‘kaθa], *cocer* [ko’θer], *azuzar* [a’θuθar], é desconhecida, fonologicamente, em muitas regiões, tanto da Espanha quanto da Hispanoamérica, conforme explica Quilis e Fernández (1969, p. 94, tradução nossa⁶), “por razões de fonética histórica foi substituído pela alveolar /s/.” Esse fenômeno recebe o nome de *seseo*. Com ele, a oposição θ/s fica neutralizada, fazendo com que a significação de algumas palavras ocorra somente pelo contexto, uma vez que o fonema /s/ é produzido foneticamente tanto para grafia de *s* diante de vogais e em final de sílaba, quanto para os contextos ortográficos de *c* (*ce*, *ci*) e *z* (*za*, *zo*, *zu*). Como exemplos do fenômeno, podemos observar as seguintes palavras: /kaθa/ *caza* com /kasa/ *casa*⁷, /θeʃar/ *cerrar* com /seʃar/ *serrar*⁸, /sumo/ *sumo* com /θumo/ *zumo*⁹.

Em razão de a variante linguística do espanhol falado no Uruguai sofrer esse processo de neutralização, não há nesse inventário fonológico a fricativa interdental surda /θ/, adotando-se, assim, a fricativa alveolar surda /s/.

A próxima consoante destacada, a fricativa palatal sonora, /y/¹⁰, equivale a produção de palavras como: *hierro* [yeʝo], *yeso* [yeso], *desayuno* [desayuno]. Porém, essa consoante pode realizar-se de distintas maneiras, segundo a variante da região. Segundo Navarro Tomas (1985, p. 120, tradução nossa¹¹), “em alguns casos a *y* chega a obter mais timbre de vogal do que de consoante” e, acrescenta que “a consoante *y* e a vogal *i* apresentam vários traços em comum.” (NAVARRO TOMAS, op. cit., tradução nossa¹²).

Especificamente, na variante uruguaia, a fricativa palatal sonora não é produzida em contextos de grafia nos quais utiliza-se o *hi*, sendo produzida a vogal *i*, em seu lugar. Nos demais contextos, a grafia de *y* é realizada, foneticamente, como a fricativa palatal sonora, /ʝ/, a qual se distingue de /y/ em razão do traço de ponto, sendo aquela coronal e essa dorsal.

⁶ Texto original do autor: “por razones de fonética histórica fue sustituido por el lingualveolar /s/.”

⁷ Tradução para o português: *caza* – substantivo casa; *casa* – verbo caçar.

⁸ Tradução para o português: *cerrar* – verbo fechar; *serrar* – verbo serrar.

⁹ Tradução para o português: *sumo* – superior, supremo; *zumo* – suco.

¹⁰ O alfabeto fonético da Revista de Filología Española adota os símbolos fonéticos /y/ e /j/ para essa fricativa.

¹¹ Texto original do autor: “hace que en algunos casos la *y* llegue propiamente a tener más timbre de vocal que de consonante.”

¹² Texto original do autor: “La consonante *y* y la vocal *i* presentan varios rasgos comunes.”

A líquida lateral palatal, /ʎ/, corresponde a produção de palavras, tais como: *lluvia* [ʎuβja], *calle* [kaʎe], *cepillo* [sepiʎo]. Por um processo de deslateralização, a lateral palatal desapareceu em grandes regiões de fala espanhola na América. Essa consoante passou a ser produzida como a aproximante palatal sonora [j]. Sendo assim, nessas regiões perdeu-se a distinção *ʎ*/*ʎ*, deixando de existir, por exemplo, oposições como *pooyo-pollo*¹³, *rayar-rallar*¹⁴. A esse fenômeno de desfonologização (termo utilizado por Hidalgo e Quilis (2004)) dá-se o nome de *yeísmo*. A fonologia uruguaia sofreu esse processo e, para palavras grafadas com *ll* (*doble l*), assim como para aquelas grafadas com *y* (*i griega*), produz-se o som /ʒ/.

Alarcos (1999) observa que o sistema fonológico apresentado acima (Fig. 01), considerado pelo próprio autor como conservador, se reduz ao exposto na Fig. 03, em virtude dos reajustes fonológicos realizados pelos próprios falantes. Portanto, o sistema fonológico consonantal do espanhol, segundo a linguagem informal e respeitando as variedades regionais, possui dezessete fonemas:

Fig. 03 – Quadro do sistema fonológico consonantal do espanhol, posterior a reajustes fonológicos

Quadro conson. espanhol	Bilabial		Labio-dental		Inter-dental		Dental		Alveolar		Palatal		Velar		
	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn	
oclusivas	/p/	/b/					/t/	/d/						/k/	/g/
	pie	bala					tía	día						casa	gato
fricativas			/f/		/θ/				/s/		/x/			/x/	
			faca		cero				siete		mayo			jamás	
africada											/tʃ/				
											coche				
nasais		/m/								/n/		/ɲ/			
		moneda								nada		España			
laterais										/l/		/ʎ/			
										lado		calla			
vibrante s m.										para /r/					
										rueda /r̄/					

Fonte: Alarcos, 1999, pg. 35¹⁵

Em razão das especificidades e características do inventário fonológico que iremos analisar nesta pesquisa, bem como aos fenômenos ocorridos na fonologia da

¹³ Tradução para o português: *pooyo* – poio, poial; *pollo* – frango.

¹⁴ Tradução para o português: *rayar* – raiar; *rallar* – ralar.

¹⁵ Embora o quadro presente o sistema consonantal fonológico do espanhol, o autor utiliza denominações referentes à parâmetros fonéticos. Exemplo: modo e ponto de articulação.

língua espanhola, adotaremos para o espanhol falado no Uruguai, o seguinte sistema fonológico consonantal:

Quadro 01 – Sistema fonológico consonantal do espanhol falado no Uruguai

Ponto artic. Modo artic.		bilabial		lab/dent		dent/alv		palatal		velar	
		Su	So	Su	So	Su	So	Su	So	Su	So
plosiva/occlus.		p	b			t	d			k	g
fricativa				f		s			ʃ	x	
africada								tʃ			
nasal			m				n		ɲ		
líq. lateral							l				
líq.	simp.						r				
ñ-lat.	mult.						r				

O próximo capítulo está destinado à apresentação da principal fundamentação teórica deste estudo. Abordaremos o modelo teórico de Princípios Fonológicos baseados em Traços, proposto por Clements ([2005] 2009).

2.4 O modelo teórico de Princípios Fonológicos baseado em Traços

As teorias fonológicas surgem com a intenção de alcançar maior poder explicativo na análise dos fenômenos linguísticos. Sendo assim, também devem ajudar na elucidação do processo de aquisição da linguagem. Partindo do princípio de que o nosso estudo prevê a análise da aquisição de contrastes, tomamos por base uma teoria fonológica que corrobora o entendimento de que as classes naturais são formadas a partir da coocorrência de traços e, não, de sua ativação isolada.

Segundo Clements ([2005] 2009), os traços distintivos possuem um papel central na estruturação dos contrastes nos inventários fonológicos. Até o lançamento dessa proposta, os estudos voltados à constituição desses inventários levavam em consideração o segmento isolado, porém a noção de contrastes, conforme salienta Clements (op. cit), possibilita o entendimento de que os traços distintivos não atuam sozinhos, mas, sim, em conjunto. Assim, a ativação de contrastes na língua não depende da atividade isolada de um traço, mas, sim, da coocorrência de traços (MATZENAUER-HERNANDORENA, 1990; LAZZAROTO-VOLCÃO, 2009).

Na busca por evidenciar a relevância dos traços na constituição de inventários fonológicos universais e com o apoio do banco de dados UPSID (Universidade da Califórnia), constituído por inventários de 451 línguas, Clements ([2005] 2009) propõe cinco princípios baseados em traços que regulam a fonologia das línguas.

a) *Feature Bounding* (Limitação de Traços)

O princípio da Limitação de Traços refere-se a duas afirmações. A primeira relaciona-se com a quantidade de sons que uma língua pode ter, a partir do número de traços existentes em sua gramática, seguindo a fórmula 2^n , onde n é o número de traços. Por exemplo, uma língua que possua 4 traços terá, no máximo, 16 sons contrastivos em sua gramática (2^4).

A segunda asserção está relacionada à limitação máxima do número de contrastes de uma língua, também, a partir do número de traços existentes. A expressão utilizada para esse cálculo é $C = (S * (S - 1)) / 2$, em que C é o número de contrastes e S é o número de sons. Considerando a fórmula da primeira asserção, bem como nosso exemplo, temos que uma língua que possui 4 traços poderá ter 16 sons contrastivos, como já afirmado, e 120 contrastes ($C = (2^4 * (2^4 - 1)) / 2$).

b) *Feature Economy* (Economia de Traços)

O princípio de Economia de Traços diz respeito à tendência de uma língua maximizar a combinação de traços. O índice de economia é calculado pela expressão $E = S/T$ ¹⁶. Quanto maior o valor de E , mais “econômica” a língua é, ou seja, quanto menor o número de T traços e quanto maior o número de S sons, mais econômica será a língua.

Clements ([2005] 2009) aponta que as línguas evoluem na direção dessa economia, no sentido de passarem a estabelecer contrastes a partir de traços já existentes em seu inventário fonológico e eliminarem aqueles traços responsáveis por um único contraste. Nesse viés, o linguista chama a atenção para o fato de que as línguas utilizam a Economia de Traços em diversos graus, porém nenhuma delas utiliza todas as possibilidades de combinação de seus traços.

Para elucidar a ação desse princípio, utilizemos as línguas em evidência neste estudo: o português brasileiro e o espanhol uruguaio. No PB o traço [+voz] é usado

¹⁶ S e T possuem as respectivas significações da fórmula no princípio de Limitação de Traços, a saber: S corresponde ao número de sons e T equivale ao número de traços.

maximamente no contexto das obstruintes e dobra o número de segmentos dessa classe (os três tipos de plosivas e os três tipos de fricativas contrastam pelo traço [\pm voz]). Isso demonstra que esse traço é empregado de forma muito econômica por essa língua, uma vez que maximiza toda a classe natural das obstruintes. Já o mesmo traço, [\pm voz], no espanhol uruguaio é usado para criar contraste apenas na classe das plosivas, na qual há, como no PB, três segmentos de traço [+voz] e três de traço [-voz]; na classe das fricativas, esse traço não assume valor contrastivo. Se tomarmos comparativamente essas duas línguas, portanto, podemos afirmar que o traço [\pm voz] é menos econômico para o espanhol uruguaio.

c) *Marked Feature Avoidance* (Evitação de Traços Marcados)

O terceiro princípio proposto por Clements refere-se à tendência a evitar a ocorrência de traços (ou valores de traços) marcados. Essa noção conduz ao entendimento da concepção de marcação, segundo esse autor, na qual “um valor de traço é marcado se estiver ausente em algumas línguas, do contrário, é não-marcado” (CLEMENTS, 2009, p.35), ou seja, seu critério de marcação leva em consideração a frequência com que determinado traço é utilizado nas línguas para estabelecer contrastes. Sendo assim, o autor rejeita considerar como marcado um traço que possui alguma característica articulatória ou perceptual mais complexa, em comparação com outro que não possui.

Esse princípio interage com o princípio da Economia de Traços, no sentido de que se traços (ou valores de traços) marcados estiverem presentes na gramática de determinada língua, o princípio da Economia forçará o aproveitamento máximo desse contraste.

Clements (2009, p. 37) postula esse princípio a partir da seguinte afirmação: “Dentro de uma classe de sons na qual um determinado traço T é potencialmente distintivo, o número de sons que carrega o valor marcado de T é menor que o número de sons que carrega o valor não-marcado de T.”

Clements salienta que, assim como o princípio da Economia de Traços, o princípio da Evitação de Traços Marcados representa uma força e, não, uma lei nas línguas naturais, já que eles podem não ser respeitados por determinadas gramáticas, uma vez que aceitam exceções.

d) *Robustness* (Robustez)

O princípio da Robustez é construído com base na existência de uma hierarquia universal de traços, a qual reflete a preferência que as línguas têm ao estabelecerem contrastes na construção de seus inventários fonológicos. Essa preferência está relacionada com a colocação de traços posicionados mais acima na hierarquia, em oposição a traços posicionados mais abaixo.

Esse posicionamento encontra explicação no fato de que as línguas tendem a estabelecer contrastes mais evidentes do ponto de vista acústico-articulatório. O princípio da Robustez prevê a ocorrência de contrastes mais favorecidos, menos favorecidos e desfavorecidos nos sistemas linguísticos. Como exemplo, temos o contraste entre consoantes soantes e não-soantes como mais frequente nas línguas, portanto mais robusto, em oposição ao contraste entre segmentos glotais e não-gloteais, menos frequente, conseqüentemente, menos robusto.

No que concerne o processo de aquisição da linguagem, Clements ([2005] 2009) afirma que, seguindo a mesma lógica, os contrastes posicionados mais acima na hierarquia são adquiridos mais cedo do que aqueles que estão posicionadas mais abaixo. No quadro abaixo, temos os contrastes mais e menos robusto, conforme a concepção de Clements (op. cit):

Fig. 04 – Exemplos de contrastes mais e menos robustos (CLEMENTS, 2009, p.43)

Mais robusto	Menos robusto
soantes <i>versus</i> obstruintes	apical <i>versus</i> não-apical
labial <i>versus</i> coronal <i>versus</i> dorsal	central <i>versus</i> lateral
nasal <i>versus</i> oral	aspirado <i>versus</i> não-aspirado
plosivas <i>versus</i> fricativas (contínuas)	glotalizado <i>versus</i> não-glotalizado
sonoras <i>versus</i> surdas	implosivo <i>versus</i> explosivo

Antes de propor, efetivamente, uma escala baseada nesse quarto princípio, o linguista chama a atenção para a distinção correta entre marcação e robustez, postulando que aquela é uma propriedade de valores de traços e esta é uma propriedade de contraste com base em traços.

Abaixo, na Fig. 05, está representada a Escala Parcial de Robustez para Traços de Consoantes, segundo Clements (op. cit., p. 46-47):

Fig. 05 – Escala Parcial de Robustez para Traços de Consoantes

a. [±soante] [labial] [coronal] [dorsal]
b. [±contínuo] [±posterior]
c. [±voz] [±nasal]
d. [glotal]
e.outros

Baseado nessa escala, Clements (2009, p. 48) descreve o princípio da Robustez:

Em qualquer classe de sons na qual dois traços são potencialmente distintivos, contrastes mínimos envolvendo o traço ranqueado mais abaixo tenderão a estar presentes somente se contrastes mínimos envolvendo o traço mais altamente ranqueado também estiverem presentes. (CLEMENTS, op. cit., p. 48).

Conforme referido anteriormente, a Escala de Robustez foi construída a partir da fonologia das línguas analisadas pelo autor. Portanto, espera-se que a aquisição também possa ser interpretada por esse princípio, isto é, sistemas fonológicos em desenvolvimento adquirem contrastes advindos de traços hierarquicamente posicionados mais acima anteriormente aqueles posicionados mais abaixo – essa também foi a hipótese de Lazzarotto-Volcão (2009), ao analisar da aquisição da fonologia por crianças brasileiras, tratando tanto do processo de aquisição considerado típico, como do processo atípico, encontrado em casos de desvios fonológicos.

Isso nos leva à asserção de que somente estarão presentes, no inventário fonológico da criança, os contrastes estabelecidos por traços ranqueados mais baixo na Escala de Robustez, se os contrastes estabelecidos por traços posicionados mais acima também já o estiverem.

e) *Phonological Enhancement* (Reforço Fonológico)

O último princípio proposto refere-se à introdução do valor marcado de um traço para reforçar o contraste entre duas classes de sons já existentes em um sistema, ou seja, é

o acréscimo de um traço (ou valor de traço) considerado redundante, que seja capaz de reforçar características perceptuais dos sons.

Clements (2009, p.51) apresenta exemplos de reforços fonológicos comuns nas línguas que contrariam o Princípio da Evitação de Traços Marcados, dos quais destacamos:

a) [+estridente] reforça o traço [+contínuo] nas obstruintes coronais – é mais fácil diferenciar um /s/ de uma plosiva como /t/, do que um /θ/, devido aos ruídos de alta energia característicos da fricativa /s/.

b) [+nasal] reforça [-contínuo]¹⁷ no contexto das soantes – o fonema /n/ é mais diferenciado das líquidas /l/ ou /r/, devido à nasalidade, do que a líquida /l/.

Com esse princípio, Clements consegue explicar a presença de traços marcados nos sistemas linguísticos com a justificativa de haver a necessidade de reforçar determinados contrastes das línguas.

Argumentamos a favor da escolha por esta fundamentação teórica, por propormos uma pesquisa voltada à análise da aquisição da linguagem, tendo especificamente como objeto de estudo a aquisição dos segmentos, considerando a emergência dos contrastes entre eles no processo de construção do inventário fonológico – a pertinência dessa escolha está no fato de que os segmentos são compostos por traços que constituem sua estrutura interna e regulam o estabelecimento de contrastes e, na verdade, o funcionamento da fonologia das línguas. A relevância dos estudos no campo da aquisição da linguagem pode encontrar respaldo na afirmação de Clements ([2005] 2009, p. 01) de que é na aquisição inicial da linguagem que as propriedades gerais dos sistemas fonológicos podem encontrar uma explicação.

Sendo assim, o modelo teórico de Princípios baseados em Traços, de Clements ([2005] 2009), adéqua-se à proposta desta pesquisa, pois compartilha o pressuposto de que a emergência de contrastes na gramática das línguas é de responsabilidade dos traços fonológicos, que não agem de forma isolada, mas, sim, em conjunto, isto é, a constituição do inventário fonológico depende da coocorrência de traços e não está condicionada pelo comportamento isolado dos traços.

Outrossim, esse foi o último modelo teórico proposto por Clements e não há, na literatura, estudos sobre a aquisição da fonologia do espanhol que se fundamentem nessa teoria fonológica. No PB, essa proposta teórica foi utilizada por Matzenauer e Miranda

¹⁷ Clements classifica as líquidas laterais como [-contínuo] e as não-laterais como [+contínuo].

(2007), em análises da fonologia dessa língua, por Matzenauer (2008a, 2008b), em estudo sobre uma criança com desvio fonológico e por Lazzarotto-Volcão (2009), em pesquisa sobre a aquisição de contrastes por crianças brasileiras em desenvolvimento típico e atípico; do estudo de Lazzarotto-Volcão resultou a proposta de um “Modelo Padrão de Aquisição de Contrastes” (PAC), que também dá suporte à presente investigação e terá seus pressupostos básicos e sua formalização, detalhados na próxima seção.

2.5 O Modelo Padrão de Aquisição de Contrastes (PAC) para o Português Brasileiro

Neste capítulo apresentaremos a proposta do modelo PAC, desenvolvido por Lazzarotto-Volcão (2009), em sua tese de doutoramento. Na primeira subseção, abordaremos os princípios básicos do modelo. Na segunda subseção, explicaremos a arquitetura e o formalismo do modelo, com exemplos dos padrões normais de aquisição fonológica para o português brasileiro. A terceira subseção apresentará a proposta final do modelo, com as respectivas etapas de aquisição fonológica normal para o português brasileiro.

2.5.1 Princípios básicos do PAC

O modelo Padrão de Aquisição de Contrastes (PAC) é proposta capaz de caracterizar, categorizar e formalizar as etapas de aquisição de contrastes da fonologia do português brasileiro em seu processo considerado normal, bem como de dar suporte à caracterização, categorização e formalização da aquisição de contrastes em se tratando de casos de sistemas fonológicos com desvio. Embora tivesse, em sua origem, o foco em sistemas com desvios fonológicos, a proposta precisou estabelecer etapas do processo de aquisição fonológica considerado típico, fazendo, então, surgir um modelo de caráter geral sobre a aquisição da fonologia do PB: o PAC.

Para propor o PAC para o PB, Lazzarotto-Volcão (2009) embasou-se, teoricamente, nos Princípios Fonológicos baseados em Traços (detalhamento no item 2.4), proposto por Clements ([2005] 2009).

No que se refere aos traços fonológicos, o modelo está calcado na noção de que os traços presentes nas representações fonológicas são responsáveis pelo surgimento de contrastes nas gramáticas das línguas e a ativação desses contrastes não acontece pela

ação isolada desses traços, mas, sim, por sua ação em conjunto. Sendo assim, é possível afirmar que não é a atividade isolada de traços fonológicos que faz surgirem os contrastes na língua, mas a coocorrência de traços (MATZENAUER-HERNANDORENA, 1990).

A partir dessa noção, Lazzarotto-Volcão (op. cit.) propõe um modelo que explicita a construção do sistema fonológico do PB através da emergência de contrastes, identificando quais coocorrências de traços surgem nesse sistema como responsáveis pelos contrastes na língua.

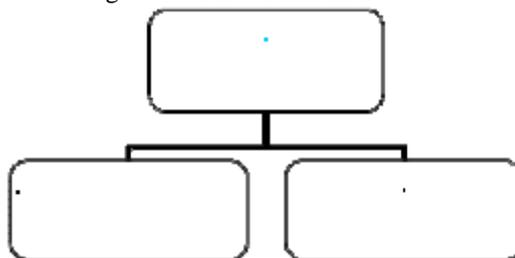
2.5.2 Arquitetura e formalismo do PAC

Como já referido, a ideia central do modelo Padrão de Aquisição de Contrastos (PAC) é a possível formalização e explicação das etapas de aquisição fonológica do PB, com base na aquisição de contrastes e, não, na aquisição de traços ou segmentos isolados. Sendo assim, a noção de formação de classes naturais por meio da coocorrência de traços é essencial para a constituição do modelo, uma vez que os contrastes pressupõem essa ação de coocorrência e, por consequência, a existência de classes naturais de segmentos em inventários fonológicos que caracterizam diferentes etapas de aquisição da língua.

A autora do modelo explica que etapas de aquisição são entendidas como períodos em que determinados contrastes da língua passam a ficar estáveis no sistema fonológico da criança, sem que haja uma ordem fixa de emergência dos mesmos, dentro das etapas. Com isso, foi proposto um modelo flexível para dar conta das variabilidades individuais, mas que demonstra os grandes períodos de aquisição, partindo de um estágio inicial em que existem menos contrastes no sistema, em se comparando com o alvo da aquisição, e indo em direção ao sistema adulto, em que se evidencia a ocorrência de todos os contrastes da língua.

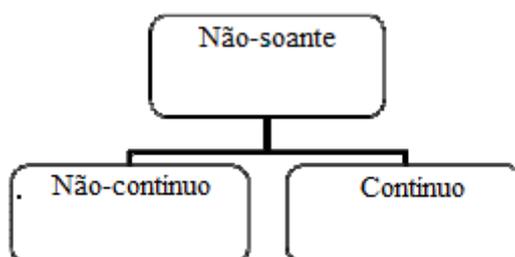
Na Fig. 06 é apresentado o desenho básico do modelo. Os retângulos representam as classes (ou subclasses) naturais, as linhas horizontais demonstram a presença de contraste no sistema e as linhas verticais evidenciam o contexto em que o contraste emerge, bem como evidenciam a coocorrência de traços.

Fig. 06 - Desenho básico do PAC



Na Fig. 07 apresentamos o desenho básico do modelo, a partir de um exemplo, dado pela autora, para representar a presença de contraste entre consoantes não-contínuas e contínuas, no contexto das não-soantes.

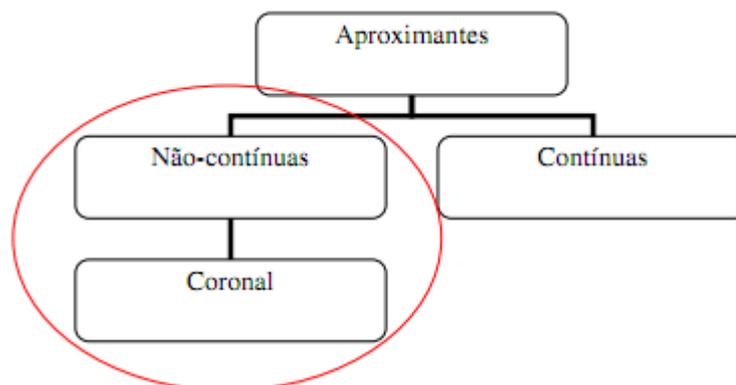
Fig. 07 - Desenho básico do PAC, com exemplo de contraste



A linha horizontal representa a presença de contraste entre consoantes contínuas e não-contínuas no sistema fonológico em questão, enquanto a linha vertical representa a presença de contraste entre segmentos com essas propriedades no contexto das obstruintes (não-soantes).

O desenho do PAC também formaliza a indicação de uma coocorrência redundante, como é o caso das líquidas laterais no PB, em que são todas coronais. O desenho é representado pela presença de uma classe imediatamente abaixo da outra, sem uma divisão, conforme apresentado na Fig. 08.

Fig. 08 - Desenho básico do PAC, com exemplo de coocorrência redundante



2.5.3 Proposta final do PAC

O modelo Padrão de Aquisição de Contrastes (PAC), conforme já mencionado, foi construído com intuito de analisar e classificar as etapas de aquisição fonológica do português brasileiro em processo considerado normal e em sistemas com desvio fonológico.

Para a caracterização do processo considerado típico de aquisição fonológica, Lazzarotto-Volcão (2009) procedeu à testagem do modelo a partir do perfil de aquisição da fonologia do PB apresentado em Lamprecht et. al. (2004)¹⁸. Nessa obra estão reunidos os resultados de vários estudos voltados à análise dos padrões de aquisição da fonologia do português, na região sul do Brasil. Os dados de aquisição analisados fazem referência à aquisição dos segmentos, formadores de grandes classes naturais do sistema fonológico em questão, a saber: vogais, plosivas, nasais, fricativas e líquidas; e à aquisição das estruturas silábicas.

Na Fig. 09, de forma resumida, está representada a cronologia de aquisição dos fonemas do PB, na posição de *onset*, por idade de aquisição (LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2009, p. 96).

¹⁸Cabe salientar que, anterior à proposta final do PAC baseado em dados empíricos contidos em Lamprecht (2004), Lazzarotto-Volcão (2009) formaliza o modelo com base na Escala de Robustez, proposta em Clements ([2005] 2009), com objetivo de comparar ambas as propostas e verificar se essa proposta teórica seria capaz de representar o processo de aquisição da fonologia de uma língua específica, o PB.

Fig. 09 - Ordem de aquisição das consoantes do PB por idade

Classes de fonemas	Idade de aquisição	Classes de fonemas	Idade de aquisição
Plosivas		Nasais	
/p/	1:6 a 1:8	/m/	1:6 a 1:8
/t/	1:6 a 1:8	/n/	1:6 a 1:8
/b/	1:6 a 1:8	/ɲ/	1:7
/d/	1:6 a 1:8		
/k/	1:7		
/g/	1:8		
Fricativas		Líquidas	
/v/	1:8	/l/	2:8 a 3:0
/f/	1:9	/r/	3:4
/z/	2:0	/ʎ/	4:0
/s/	2:6	/ɾ/	4:2
/ʃ/	2:6		
/ʒ/	2:10		

Já na Fig. 10 tem-se uma ilustração representativa da aquisição de contrastes do PB, assim como as coocorrências de traços responsáveis por esses contrastes. Na primeira coluna constam as faixas etárias; a segunda apresenta o traço responsável pelo contraste; na terceira coluna, está o contexto em que esse traço estabelece o contraste; e, na última coluna, são apresentados alguns exemplos de oposições segmentais.

Fig.10 - Ordem de aquisição de contrastes fonológicos no PB

Faixa etária	Traço distintivo presente na representação fonológica lexical e	Contexto	Contrastes estabelecidos em ordem cronológica	Exemplo
1:6 a 1:8	[+soante]	(+consonantal) ³³	soante x obstruinte	t/n, p/m
	[labial]	(+conson, -contínuo)	Labial x coronal	m/n p/t
	[+voz]	(-soante, -cont, labial ou coronal)	Surdo x sonoro	t/d, p/b
1:7	[dorsal]	(-soante)	dorsal x labial	k/p
	[-anterior] ³⁴	(+soante, -contínuo)	dorsal x coronal anterior x posterior	k/t n/ɲ
1:8	[+voz]	(-soante, -cont, dors)	Surdo x sonoro	k/g
	[+contínuo]	(-soante)	cont x não-cont	v/b
1:9	[+voz]	(-soante, +contínuo)	Surdo x sonoro	v/f
2:0	[labial]	(-soante, +contínuo)	Labial x coronal	v/z
2:6	[+voz]	(-soante, +cont, cor)	Surdo x sonoro	z/s
	[-anterior]	(-soante, +cont, cor)	anterior x posterior	z/ʒ
2:8 a 3:0	[+aproximante] ³⁵	(+soante)	Não-aprox x aprox	n/l
2:10	[+voz]	(-soante, +contínuo, coronal, -anterior)	sonoro x surdo	ʃ/ʒ
3:4	[+contínuo] ³⁶	(+soante, +aprox)	lat x não-lat	l/r
4:0	[-anterior]	(+lateral)	anterior x posterior	l/ʎ
4:2	[dorsal]	(+soante, +aprox, -lat)	dorsal x coronal	r/ʀ

Diante do exposto e partindo do pressuposto de Clements (2009) de que apenas traços (ou valores de traços) marcados são inseridos na representação lexical de uma língua, Lazzarotto-Volcão (2009, p. 98) aponta uma escala contendo os traços ou valores de traços marcados necessários para a representação das consoantes do PB, conforme observamos na Fig. 11:

Fig. 11 - Traços ou valores de traços marcados necessários à representação das consoantes do PB

[+soante]
 [labial]
 [dorsal]
 [+contínuo]
 [+voz]
 [-anterior]
 [+aproximante]

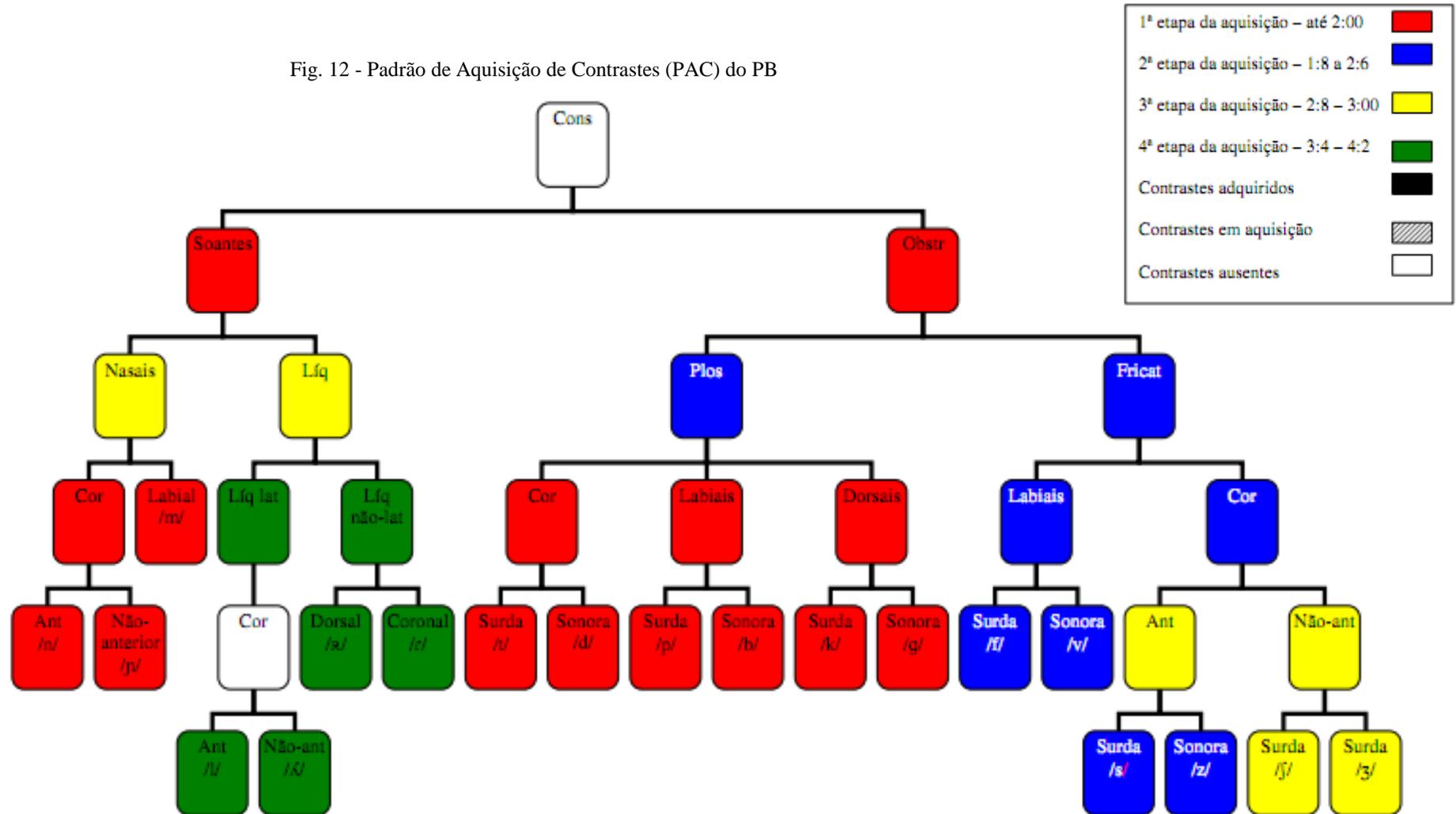
A partir dos dados empíricos fornecidos por Lamprecht et. al. (2004), o PAC é proposto com vistas à previsão de quatro etapas de aquisição da fonologia do PB. Cabe salientar que, devido à flexibilidade do modelo, justificada por alguns fatores individuais que poderiam implicar a aquisição de determinados contrastes, são propostas, também, possíveis subetapas dentro das quatro grandes etapas de aquisição. Os contrastes emergentes em cada etapa são identificados por uma cor, e seguem a ordem subsequente:

- Primeira etapa: cor vermelha;
- Segunda etapa: cor azul;
- Terceira etapa: cor amarela;
- Quarta etapa: cor verde.

Os retângulos em branco demonstram a ausência de contraste referente à classe de sons representada por esse retângulo.

Na Fig. 12 apresentamos a formalização da proposta final do PAC para o PB, com base nas quatro grandes etapas da aquisição fonológica do sistema em análise.

Fig. 12 - Padrão de Aquisição de Contrastes (PAC) do PB



A partir da análise do PAC para o PB, bem como a reflexão sobre o sistema fonológico do espanhol, no próximo capítulo, seguimos para a proposta preliminar do PAC para o espanhol.

2.6 Proposta preliminar do PAC para o Espanhol

Nesta seção apresentamos a proposta preliminar do modelo Padrão de Aquisição de Contrastos para o espanhol.

Para a proposição do PAC para o espanhol (PAC para o ESP), tomamos como base o sistema fonológico do espanhol do Uruguai (vide seção 2.3), a versão final do PAC para o PB e, com o objetivo de sermos coerente com a proposta que dá subsídio a nossa análise, utilizamos, também, a relação de traços ou valores de traços marcados necessário à representação das consoantes do PB, proposta por Lazzarotto-Volcão (2009, p. 98).

Assim como proposta no PAC para o PB, os contrastes que surgem em cada uma das etapas são identificados por uma cor. O modelo para o PB utiliza a cor vermelha para identificar a primeira etapa de aquisição, que compreende a faixa etária até 2:0; a cor azul para representar a segunda etapa, de 1:8 a 2:6; a terceira etapa está identificada pela cor amarela e corresponde à faixa de 2:8 a 3:0; e a cor verde identifica a quarta etapa de aquisição, compreendendo a faixa de 3:4 a 4:2. Uma vez que as crianças estudadas por esta pesquisa possuíam faixa etária entre 1:6 e 2:1, foi necessário que adaptássemos as cores utilizadas para identificar as etapas, que, em razão da faixa etária, são precedentes àquelas vistas em Lazzarotto-Volcão (2009).

Para os contrastes que surgem na primeira etapa de aquisição do sistema consonantal do espanhol (1:6 a 1:7), utilizamos a cor rosa (conforme Fig. 13); para aqueles que emergem na segunda etapa (1:8 a 1:10), a cor azul claro (Fig. 14); para os contrastes da terceira etapa (1:11 a 2:0), empregamos a cor laranja (Fig.15) e para os da quarta (2:0 a 2:1), a cor verde claro (Fig. 16).

Com vistas a dar conta de todo o inventário fonológico do espanhol, previmos, hipoteticamente, as etapas de aquisição subseqüentes àquelas que analisamos. Para a

quinta etapa hipotética, utilizamos o roxo (Fig. 17) e, para a sexta, o azul turquesa (Fig. 18).

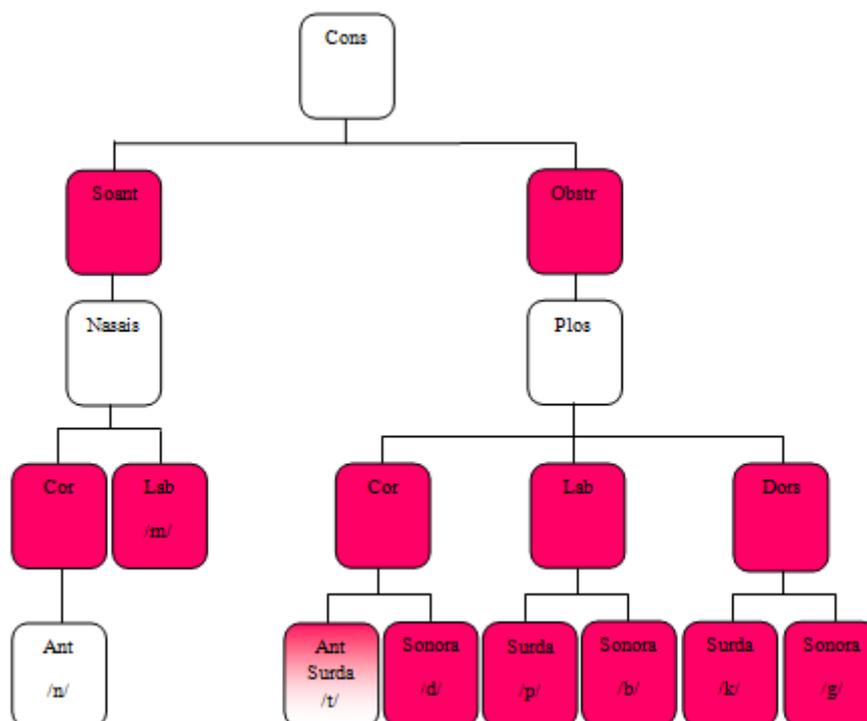
No que concerne à escolha por faixas etárias curtas para a determinação de etapas de aquisição fonológica, a justificamos pela busca em garantir que nenhum estágio deixasse de ser registrado, enquanto da coleta de dados. Os períodos curtos objetivam a determinação fidedigna do momento em que determinado contraste passa a integrar o sistema fonológico da criança.

Chamamos a atenção para a plosiva /t/, que recebe a cor rosa e a cor roxa. Optamos por essa formalização, pois, nesse contexto, estão envolvidos dois contrastes: $[\pm\text{voz}]$ na coocorrência $[-\text{soante, coronal}]$ e $[\pm\text{anterior}]$ na coocorrência $[-\text{contínuo, coronal}]$. Pela primeira coocorrência de traços, /t/ opõe-se a /d/; pela segunda, /t/ opõe-se à africada /tʃ/.

Os princípios que norteiam a presente proposta seguem o Modelo de Lazzarotto-Volcão (2009). Assim, os retângulos em branco representam a ausência de contraste referente à classe de sons por ele designada.

A seguir, apresentamos o PAC para o ESP, com as diferentes etapas de aquisição dos contrastes que caracterizam o sistema consonantal da língua. A primeira etapa, conforme já referido, é representada pela cor rosa.

Fig. 13 – 1ª etapa de aquisição fonológica do ESP – versão preliminar

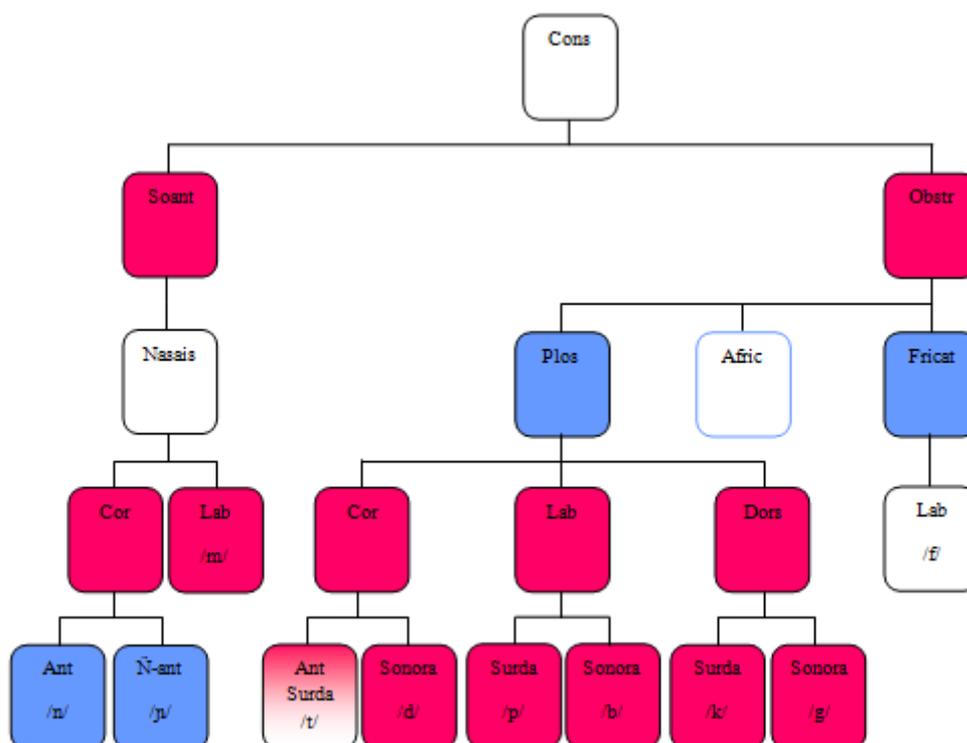


Essa primeira etapa de aquisição caracteriza-se pela emergência e aquisição de vários contrastes, especialmente daqueles responsáveis pelo surgimento das grandes classes naturais, como, por exemplo, as obstruintes e as soantes. Sendo assim, o contraste de traço [\pm soante] já está estabelecido nesta fase. Além disso, verificamos que a classe das plosivas está com todos os contrastes de ponto e sonoridade plenamente adquiridos. Com relação às nasais, evidenciamos que o contraste de ponto coronal *versus* labial já está estabelecido.

Ao final desta etapa desenvolvimental do PAC para o ESP, estão presentes os fonemas /p, b, t, d, k, g, m, n/.

Passamos à representação da segunda etapa, em azul claro, aliada à primeira, na aquisição de contrastes relativos as consoantes do espanhol.

Fig. 14 – 2ª etapa de aquisição fonológica do ESP – versão preliminar

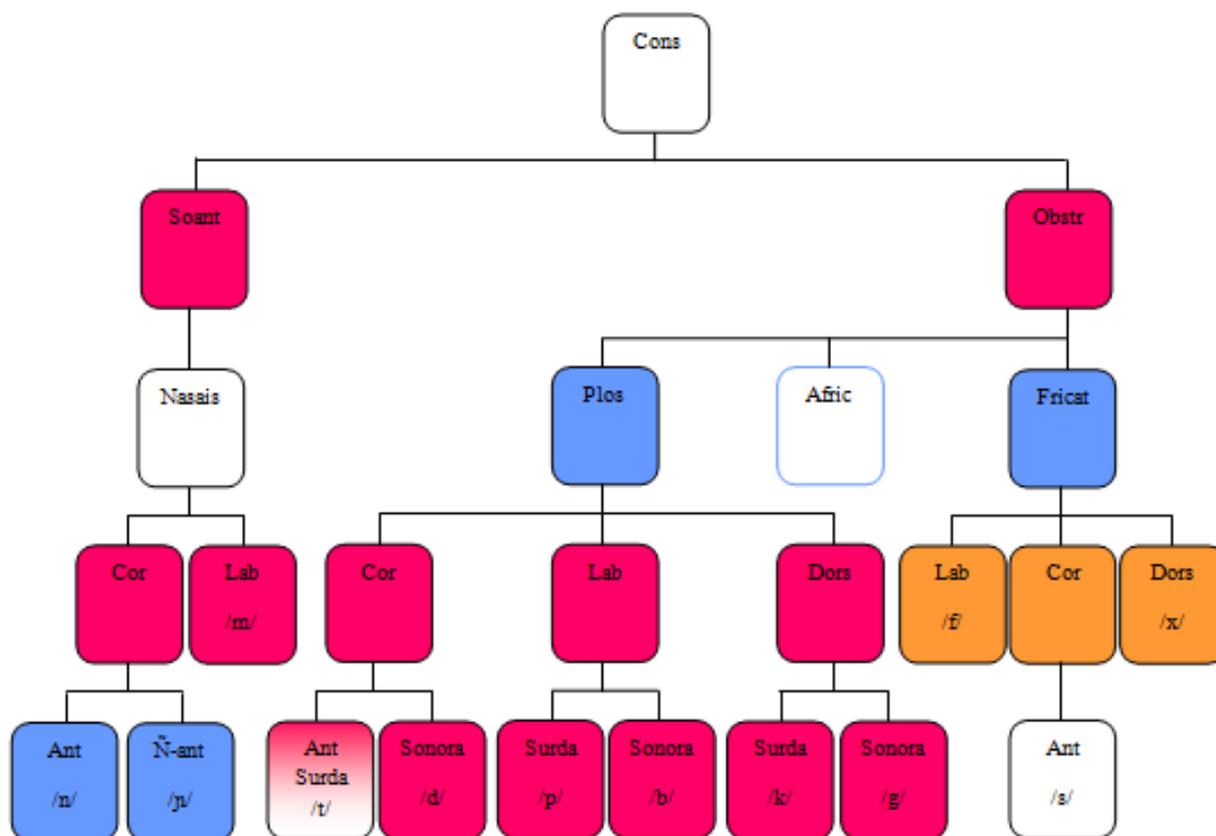


Na segunda etapa de aquisição, observamos a emergência do contraste contínuo *versus* não-contínuo, no contexto das obstruintes, surgindo, portanto, a classe das fricativas. O espaço da consoante africada está reservado, como parte da classe das obstruintes, mas, como não houve a emergência de /tʃ/, não houve a aquisição do

contraste que implica dentro da classe. Na classe das soantes, evidenciamos o surgimento do contraste anterior *versus* não-anterior, no contexto das nasais coronais, concluindo a emergência dos contrastes relativos à classe das nasais. Assim, ao final desta etapa, a criança adquiriu os fonemas /f, ɲ/.

Com a terceira etapa, representada em cor laranja, novos contrastes entre segmentos consonantais são adquiridos.

Fig. 15 – 3ª etapa de aquisição fonológica do ESP – versão preliminar



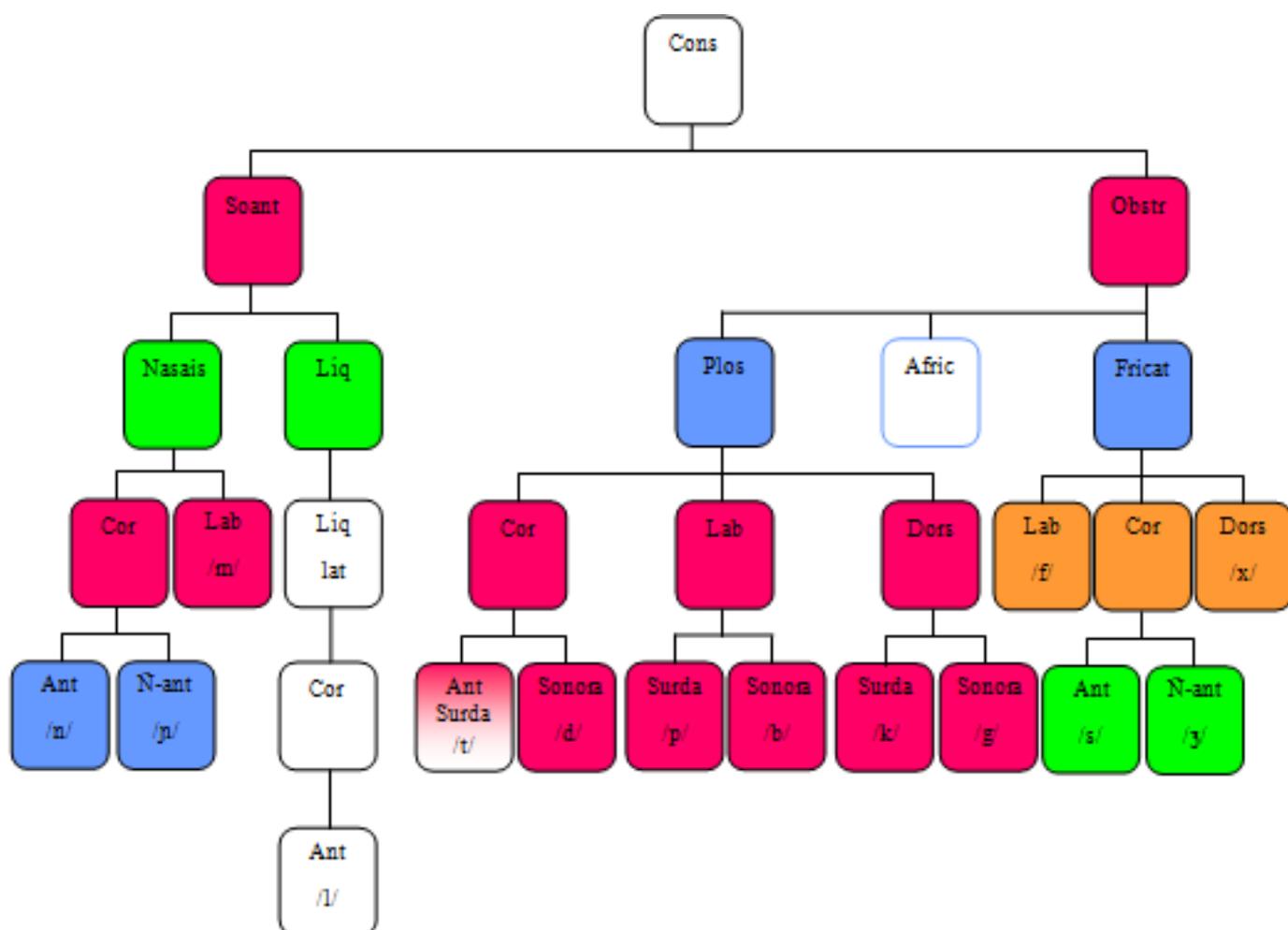
A terceira etapa caracteriza-se pelo surgimento dos contrastes de ponto, no contexto das obstruintes de traço [+contínuo], ou seja, observamos a emergência de contraste entre as fricativas labial *versus* coronal *versus* dorsal. Uma vez que esse contraste já havia sido adquirido, em etapa anterior, no contexto das plosivas, é possível explicitar que a aquisição de um contraste está vinculada ao fenômeno da coocorrência de traços. Como explica Lazzarotto-Volcão (2009, p. 105), “Tal fato implica que a emergência de um traço fica restrita a uma classe de segmentos ou contexto de traços,

não se estendendo a todas as classes em que o traço opera como distintivo no sistema-alvo.” Portanto, a noção de coocorrência de traços é basilar para o modelo PAC.

Nesta fase, os segmentos /s, x/ são adquiridos.

Na quarta etapa, em verde claro, novos contrastes emergem, evidenciando o desenvolvimento da gramática fonológica das crianças em se tratando do sistema consonantal do espanhol.

Fig. 16 – 4ª etapa de aquisição fonológico do ESP – versão preliminar



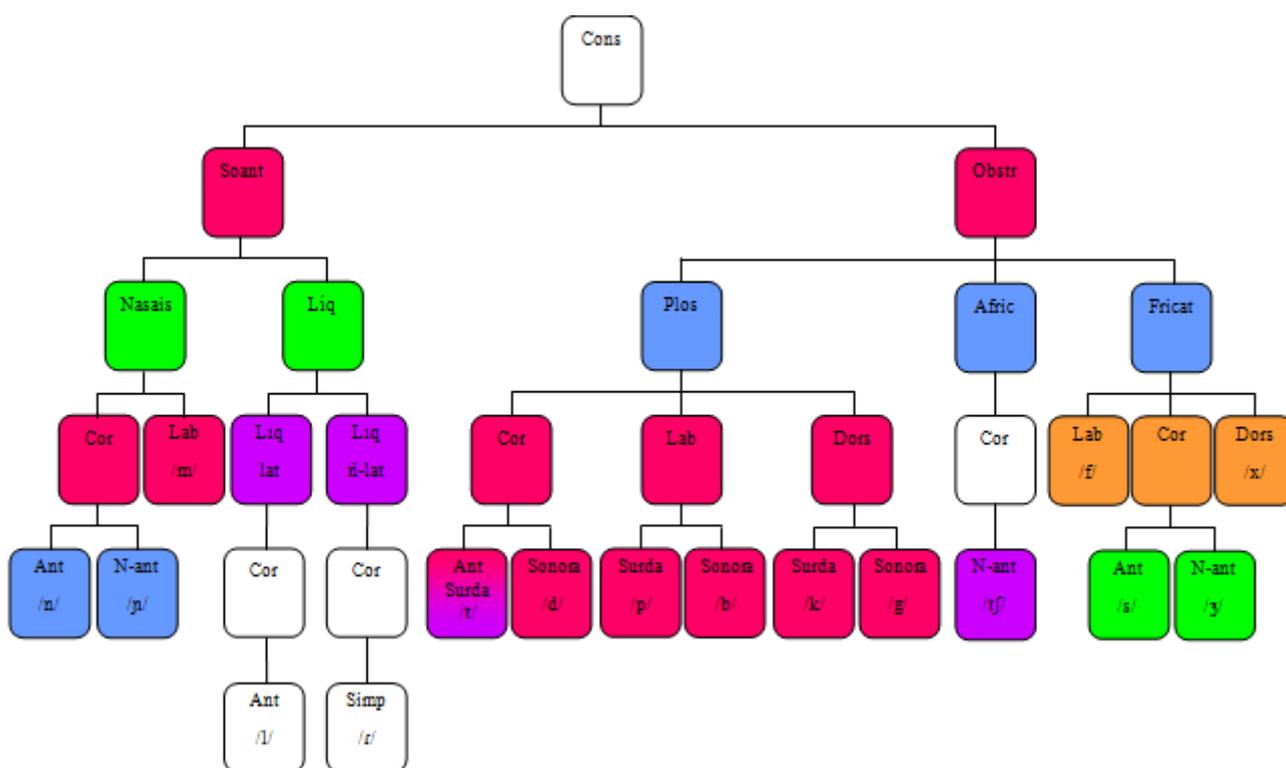
Na quarta etapa de aquisição evidenciamos o surgimento do contraste anterior *versus* não-anterior, no contexto das obstruintes contínuas. Nesta etapa, também, verificamos a emergência de contraste entre soantes nasais e orais. Conforme aponta Lazzarotto-Volcão (2009), não seria coerente afirmar que o traço responsável por essa emergência é o $[\pm\text{nasal}]$, pois o mesmo é redundante, uma vez que ele já existe no

sistema, pela oposição entre plosivas orais e nasais. Por esse motivo, em sua tese, Lazzarotto-Volcão propõe que o traço $[\pm\text{aproximante}]$ é o responsável pelo surgimento dessa oposição¹⁹.

Para essa etapa desenvolvimental temos a aquisição dos fonemas /ʒ, l/.

Os dados estudados na presente Dissertação permitiram o traçado de apenas essas quatro etapas no desenvolvimento de contrastes do sistema consonantal do espanhol. No entanto, com inspiração no estudo, realizado por Lazzarotto-Volcão (2009), sobre a aquisição de contrastes que caracterizam a fonologia do PB, foi possível estabelecermos hipóteses sobre as possíveis fases subsequentes na aquisição fonológica de crianças falantes nativas de espanhol. Com esse fundamento, duas foram as etapas hipotetizadas – 5ª e 6ª etapas –, as apresentamos a seguir.

Fig. 17 – 5ª etapa de aquisição fonológica do ESP (hipotética) – versão preliminar

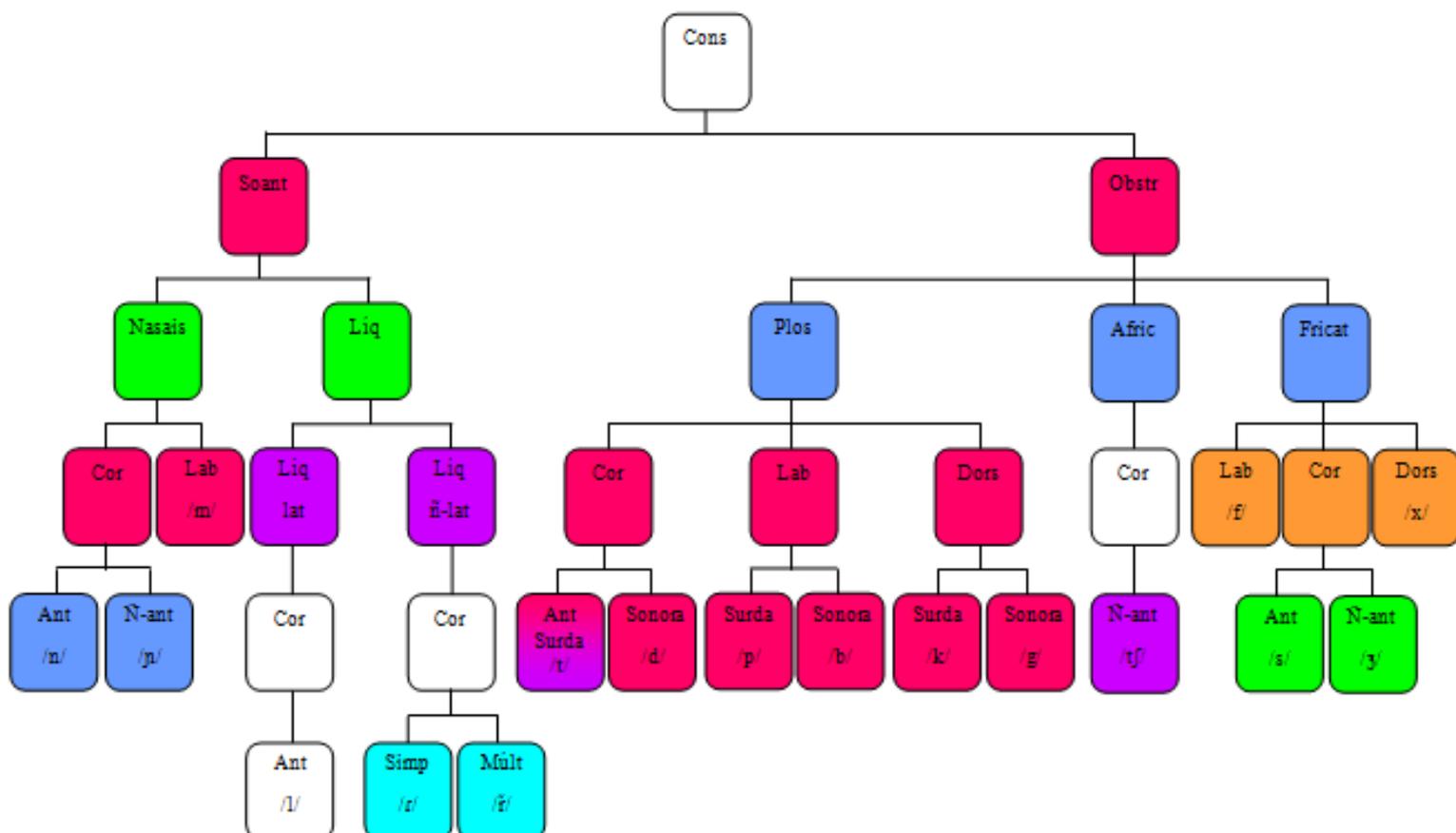


Como quinta etapa de aquisição fonológica, temos a hipótese de que surgem os contrastes entre soantes aproximantes laterais *versus* não-laterais. Nesse contexto,

¹⁹ Conforme, também, Clements e Hume (1995) e Mota (1996).

surgiria o contraste $[\pm\text{contínuo}]$.²⁰ Na classe das obstruintes, nossa hipótese é a de que surja o contraste anterior *versus* não-anterior, no contexto das coronais de traço $[-\text{contínuo}]$. Portanto, surgiriam, nesta fase, os segmentos /t, tʃ/.

Fig. 18 – 6ª etapa de aquisição fonológica do ESP (hipotética) – versão preliminar

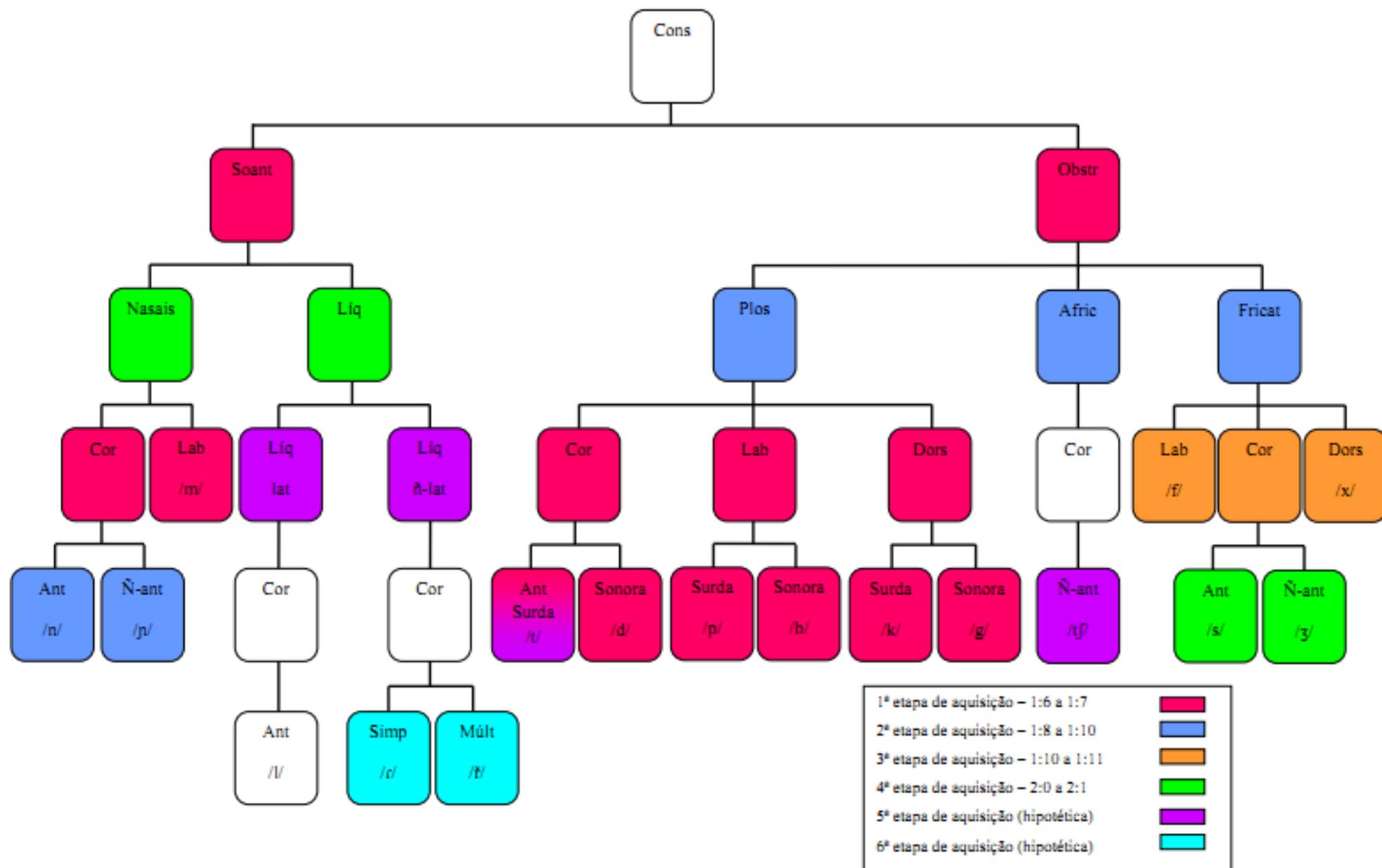


Na última etapa de aquisição fonológica para o ESP, estariam presentes os contrastes alusivos à classe das aproximantes não-laterais, $[\pm\text{tenso}]$, sendo esses os responsáveis pelo surgimento do segmento /ʃ/.

Com esse encaminhamento, temos, na Fig. 19, a formalização do Modelo PAC para o ESP.

²⁰ Conforme Clements e Hume (1995) e Mota (1996), o contraste $[\pm\text{lateral}]$ seria redundante para o estabelecimento do contraste entre líquidas laterais e não-laterais. Por isso, opta-se por utilizar o contraste $[\pm\text{contínuo}]$.

Fig. 19 – PAC para o ESP – versão preliminar



3 METODOLOGIA

Este capítulo destina-se à apresentação da metodologia empregada nesta pesquisa. Nele explicitaremos as seções de caracterização da pesquisa e de procedimentos de descrição e análise dos dados obtidos.

Na primeira seção discorreremos sobre as características da comunidade na qual a pesquisa foi realizada, a caracterização dos sujeitos informantes do estudo e a descrição sobre a obtenção do *corpus* a ser analisado.

A segunda seção abordará os procedimentos utilizados para a coleta dos dados, bem como o encaminhamento dado à análise dos mesmos.

Esta pesquisa obteve do Comitê de Ética o número de processo 12170113.1.0000.5339 e, uma vez que todos os informantes são menores de idade, todos os responsáveis legais pelas crianças assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), autorizando a gravação e utilização dos dados gravados para fins científicos. Salientamos que o TCLE foi traduzido para o espanhol, a fim de contemplar a língua oficial dos responsáveis pelos informantes.

3.1 Caracterização da pesquisa

3.1.1 Comunidade da pesquisa

A presente pesquisa foi desenvolvida na cidade de Aceguá-Uruguai, vila do Departamento de Cerro Largo, que faz fronteira com a cidade brasileira de mesmo nome, Aceguá-Brasil. O município brasileiro e a vila uruguaia são separadas, geograficamente, por uma rua e estão a uma distância de 60km da cidade de Bagé/RS.

O mapa de parte da fronteira Brasil-Uruguai, apresentado a seguir, permite que se visualize a posição geográfica da cidade uruguaia em que foi realizado o presente estudo.

Fig. 20 – Mapa de localização geográfica da cidade de Aceguá-Uruguai



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-31.6167779,-54.232179,9z>

Por tratar-se de uma vila, Aceguá-Uruguai conta com uma estrutura social, política e econômica bem limitada. Economicamente, as principais atividades são a pecuária e a agricultura, além do crescimento dos estabelecimentos comerciais, impulsionados pela instalação dos *freeshops*. Na área da saúde, a vila conta com uma policlínica. No que se refere à educação, Aceguá-Uruguai possui três estabelecimentos de ensino: o CAIF (Centro de Assistência à Infância e à Família), que atende a crianças de 0 a 5 anos de idade; uma escola de educação primária; e a UTU (Universidade do Trabalho do Uruguai), que conta com cursos técnicos preparatórios para o mercado de trabalho, na qual os alunos cursam, juntamente, o equivalente ao Ensino Médio.

A comunidade da qual as crianças informantes desta pesquisa fazem parte possui hábitos uruguaios, mesmo estando em região fronteiriça, como, por exemplo, o horário de funcionamento do comércio, o preparo dos alimentos e o consumo de produtos uruguaios, a utilização da moeda local, peso uruguaio, entre outros aspectos. Cabe ressaltar que, apesar da proximidade com o Brasil, a comunidade de pesquisa cultiva a cultura uruguaia. A língua utilizada pela comunidade, em seu dia-a-dia, é o espanhol.

Os sujeitos deste estudo são crianças atendidas pelo CAIF, os quais descreveremos detalhadamente a seguir.

3.1.2 Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa contou com a participação de quatro informantes, com idade compreendida entre 1:6 e 2:1 (anos:meses), de ambos os sexos, as quais foram acompanhadas longitudinalmente pelo período de 6 (seis) meses.

Todas as crianças cujos dados constituem o *corpus* deste estudo são filhas de pais uruguaios e têm o espanhol como língua materna – o espanhol é também a língua usada no convívio familiar e na escola.

Essas crianças participam, semanalmente, de oficinas oferecidas pelo CAIF, nas quais se fazem presentes as professoras, as mães das crianças e uma psicóloga, que aborda assuntos relativos à infância.

Enquanto as mães discutem informações e trocam experiências com a psicóloga, as crianças, sob os cuidados das professoras, ficam brincando na sala com os materiais que lhes são disponibilizados. Esse procedimento metodológico adotado pelo CAIF tem o objetivo de adaptar a criança e a família ao ambiente escolar, até a chegada dos dois anos, período a partir do qual todos passarão a frequentar a escola sem o acompanhamento dos responsáveis e por turno integral.

A metodologia de coleta dos dados de fala, objeto de análise do estudo em questão, passa a ser descrita na próxima seção.

3.1.3 O *corpus* da pesquisa

A coleta dos dados constituintes do *corpus* da pesquisa ocorreu por acompanhamento longitudinal, em entrevistas mensais (uma por mês), pelo período de seis meses. As entrevistas duraram, aproximadamente, de 30 a 40min cada uma e foram realizadas individualmente, pela pesquisadora, com cada um dos informantes da pesquisa. Os dados foram gravados em um gravador digital da marca Panasonic, modelo ICD-PX312.

A amostra de dados linguísticos das crianças obtida nas entrevistas individuais incluiu fala espontânea e fala eliciada a partir de brinquedos e da aplicação do

instrumento Avaliação Fonológica da Criança – AFC – (YAVAS, MATZENAUER-HERNANDORENA e LAMPRECHT, 1991). Tal instrumento é constituído por cinco desenhos temáticos (“zoológico”, “veículos”, “sala”, “banheiro” e “cozinha”), além do desenho “circo” elaborado por Matzenauer-Hernandorena e Lamprecht (1991, 1996). Embora criado para eliciar a produção de palavras do português, o instrumento adapta-se perfeitamente à motivação de produção linguística também do espanhol.

Os desenhos eliciam palavras que pertencem ao universo da criança e contêm os segmentos consonantais da língua espanhola, em posição de *onset* simples (absoluto, medial) e *onset* complexo e em posição de coda (medial e final) de sílaba. Aqueles segmentos do espanhol que não seriam contemplados pelo instrumento, foram motivados à produção, através da visualização de livros infantis de desenhos e de histórias.

Posteriormente à gravação, os dados foram transcritos foneticamente com base no Alfabeto Fonético Internacional (IPA).

3.2 Descrição dos dados

3.2.1 Forma de descrição e apresentação dos dados

Os dados gravados foram transcritos foneticamente e ofereceram a base para o estabelecimento dos inventários fonético e fonológico de cada criança, correspondentes a cada etapa do desenvolvimento fonológico.

Para a descrição e análise linguística dos dados, empregamos inicialmente a Análise Contrastiva (AC), que se detém em estabelecer uma comparação entre a forma infantil e a adulta, obtendo-se, então, o inventário fonético e fonológico das crianças (YAVAS, MATZENAUER-HERNANDORENA & LAMPRECHT, 1991). Utilizamos os mesmos critérios desses autores para estabelecer se o segmento está ou não adquirido pelos informantes, a saber:

- a) acerto inferior a 50%, não possui o fone contrastivo;
- b) acerto de 51% a 75%, possui o segmento em concorrência com o que o substitui;
- c) acerto de 76% a 85%, já adquiriu o fone contrastivo, mas deve-se registrar o fone ainda empregado em seu lugar; finalmente,

d) acerto de 86% a 100%, o fone contrastivo foi efetivamente adquirido pela criança.

Após a transcrição, os dados foram descritos e submetidos à análise com base no modelo teórico de Princípios Fonológicos Baseados em Traços de Clements ([2005], 2009) e no Modelo Padrão de Aquisição de Contrastes, proposto por Lazzarotto-Volcão (2009).

Subsequentemente, foi realizado o estabelecimento do perfil de aquisição fonológica do sistema consonantal do espanhol de cada um dos informantes, com base no *corpus* da presente pesquisa.

Por fim, os dados foram analisados mediante uma comparação entre o processo de aquisição fonológica de crianças uruguaias e brasileiras, na busca de observar a ocorrência de universais linguísticos. Salientamos que o inventário fonológico de crianças brasileiras utilizado em comparação aos dados obtidos por este estudo é o apresentado em Lazzarotto-Volcão (2009).

Os pressupostos teóricos que norteiam a presente proposta de pesquisa serão chamados durante todo o percurso de análise de dados, inclusive na etapa de comparação entre os sistemas do português e do espanhol.

3.2.2 Descrição dos dados

Nesta seção procederemos à descrição dos dados obtidos a partir das gravações das produções linguísticas dos sujeitos.

Conforme mencionado no item 3.1.2, os sujeitos informantes desta pesquisa possuem idade compreendida entre 1:6 e 2:1, de ambos sexos e são moradores de Aceguá-Uruguaí, falantes nativos de espanhol. Os dados desses sujeitos, descritos individualmente nesta seção, foram coletados, longitudinalmente, por um período de seis meses, através de gravações mensais.

Salientamos que, para a determinação de quadros correspondentes ao sistema fonológico de cada sujeito (como o Quadro 3, do sujeito 1) , foi utilizado o critério de aquisição de segmentos explicitado na seção 3.2.

3.2.2.1 Sujeito 1

O sujeito 1 (de agora em diante S1) é do sexo feminino e teve seu desenvolvimento fonológico acompanhado pelo período de seis meses, desde a idade de 1:6 (anos:meses) até 2:0. A produção linguística da menina foi registrada em seis gravações, com o intervalo médio de um mês.

3.2.2.1.1 Sujeito 1 – Coleta 1 (idade - 1:6)

Na ocasião da primeira coleta de dados, a menina estava com 1 ano e seis meses (1:6). A partir dos dados linguísticos produzidos, obtivemos o inventário fonético de S1, para esta etapa, no qual constam os sons [p, b, t, k, g, m, n], conforme pode ser visto no Quadro 02.

No Quadro 03 verificamos a variabilidade de produção e, por fim, no Quadro 04 demonstramos o sistema de fones contrastivos de S1.

Quadro 02 – Inventário fonético de S1 – 1ª gravação²¹

	labial		dent/alv		pal	velar	
plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	*		-		-	-	
africada					*		
nasal	m		n		-		
líquida lateral			-				
não-lat. simp múlt			-				
			*				

Quadro 03 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S1 – 1ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
k → Ø			1/2	50	1/2	50
k			1/2	50	1/2	50
s → Ø	1/1	100			1/1	100
ʒ → Ø			1/1	100	1/1	100
x → j			1/1	100	1/1	100
ɲ → Ø			1/1	100	1/1	100
l → Ø	1/1	100	1/1	100	2/2	100
r → Ø			1/1	100	1/1	100
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
s → Ø			1/1	100	1/1	100

²¹ Em todos os quadros relativos ao inventário fonético dos informantes, adotamos a seguinte formalização: o asterisco (*) representa que não houve contexto para produção de determinado fonema e o hífen (-) representa que, embora havendo contexto, a criança não produziu a forma correspondente a determinado fonema.

Quadro 04 – Sistema de fones contrastivos de S1 – 1ª gravação

OA

p p	b b	t t	d d		k s/ poss	g g
f s/ poss		s Ø			ʒ s/ poss	x s/ poss
	m m		n n	tʃ s/ poss		
			l Ø			
			ʀ s/ poss			

OM

p p	b b	t t	d d		k k Ø	g g
f s/ poss		s s/ poss			ʒ Ø	x j
	m m		n n	tʃ s/ poss		
			l Ø		ɲ Ø	
			r Ø			
			ʀ s/ poss			

CM

s s/ poss	N s/ poss
r s/ poss	l s/ poss

CF

s Ø	N s/ poss
r s/ poss	l s/ poss

A partir dos dados apresentados, podemos verificar que S1, nesta primeira fase de coleta, possui um sistema com poucos contrastes. Na posição de OA, S1 já estabeleceu o contraste de ponto articulatorio na classe das plosivas, com exceção da plosiva dorsal surda, para a qual não houve contexto de produção. Portanto, nessa posição silábica, não podemos afirmar se a informante está com dificuldade no estabelecimento do contraste [±voz]. Na classe das fricativas, houve a possibilidade de produção da coronal [anterior], porém a mesma foi apagada por S1, deixando de ser

produzida. Quanto às nasais, verificamos que a labial e a coronal, licenciada pela gramática espanhola para a posição silábica de OA, já estão adquiridas. No que se refere à líquida lateral, observamos um zero fonético em seu lugar.

Na posição de OM, observamos que, na classe das plosivas, S1 apresenta uma dificuldade no estabelecimento do contraste [\pm voz] para as dorsais. Em relação às fricativas, a coronal [-anterior] não é produzida; a dorsal está sendo semivocalizada. Quanto às nasais, S1 apresenta dificuldade quanto ao estabelecimento do contraste [\pm anterior]. As líquidas, lateral e não-lateral simples, possuem um zero fonético em seu lugar.

Quanto à posição silábica de coda, verificamos que não houve contexto para palavras com coda medial e, para o contexto existente para coda final, não foi produzido nenhum segmento.

No que se refere à estrutura silábica, S1 só adquiriu a estrutura (C)V.

3.2.2.1.2 Sujeito 1 – Coleta 2 (idade - 1:8)

Na segunda etapa de gravação, S1 estava com 1 ano e 8 meses. Os dados obtidos, nesse segundo período de coleta, demonstram o inventário fonético de S1, o qual é constituído pelos sons [p, b, t, d, k, f, m, n, ɲ], conforme representado no Quadro 05.

No Quadro 06 verificamos a variabilidade de produção e, para finalizar, demonstramos no Quadro 07 o sistema de fones contrastivos de S1 para o segundo período de coleta.

Quadro 05 – Inventário fonético de S1 – 2ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
plosiva	p	b	t	d		k	- ²²
fricativa	f		-		-	-	
africada					-		
nasal		m		n		ɲ	
líquida lateral				-			
não-lat. simp				-			
múlt				-			

Quadro 06 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S1 – 2ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
g → k	1/1	100			1/1	100
s → Ø	1/1	100	0/2	0	1/3	33,3
f	0/1	0	1/2	50	1/3	33,3
k	0/1	0	1/2	50	1/3	33,3
ʒ → p			1/2	50	1/2	50
n			1/2	50	1/2	50
x → k	1/1	100			1/1	100
tʃ → t	1/1	100			1/1	100
ɲ → ɲ			2/4	50	2/4	50
n			1/4	25	1/4	25
t			1/4	25	1/4	25
l → n	1/1	100			1/1	100
r → Ø			2/3	67	2/3	67
m			1/3	33	1/3	33
ʃ → Ø	1/2	50			1/2	50
d	1/2	50			1/2	50
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
r → Ø	1/1	100	1/1	100	2/2	100

²² O hífen (-) demonstra que houve contexto para produção do fonema, porém a criança não o produziu. Contudo, neste caso, em etapa anterior, já houve a produção do fonema /g/.

Quadro 07 – Sistema de fones contrastivos para S1 – 2ª gravação

OA

p p	b b	t t	d d		k k, m	g k
f f		s Ø			ʒ s/poss	x k
	m m			tʃ t		
			n n			
			l n			
			ʀ Ø d			

OM

p p	b b	t t	d d		k k	g s/ poss
f s/ poss		s k f			ʒ p n	x s/ poss
	m m			tʃ s/ poss		
			n n		ɲ ɲ (t n)	
			l s/ poss			
			r Ø m			
			ʀ s/ poss			

CM

s s/ poss	N s/ poss
r Ø	l s/ poss

CF

s s/ poss	N n
r Ø	l s/ poss

Em OA, a classe das plosivas já está adquirida por S1, neste segundo período de coleta. Em relação às fricativas, observamos que a labial está adquirida, porém há dificuldade no estabelecimento do contraste de ponto labial *versus* coronal *versus* dorsal e, também, com o traço [±contínuo], uma vez que a fricativa coronal [+anterior] não é realizada e no lugar da fricativa dorsal é produzida uma plosiva. No que se refere à africada /tʃ/, S1 produz em seu lugar a plosiva [t], o que evidencia uma dificuldade no estabelecimento do traço [±anterior], na coocorrência com [-contínuo]. Quanto às

nasais, temos a aquisição de ambas. A líquida lateral /l/ está sendo realizada como a nasal coronal [n], o que demonstra que o traço [aproximante] ainda não está estabelecido. No caso da vibrante múltipla, S1 procede ao apagamento da mesma ou realiza um [d], o que demonstra dificuldade no estabelecimento dos traços [+soante] e [+contínuo]. Os dados evidenciam uma preferência por segmentos com o traço [-contínuo]; o único segmento [+contínuo] empregado por S1 é a fricativa labial.

Em posição de *onset* medial, todas as plosivas estão adquiridas. Com relação às fricativas, a coronal [+anterior] é produzida ora como [k], ora como [f], demonstrando, assim, dificuldades no estabelecimento do contraste de ponto e, também dos traços [+contínuo, +anterior]. Já com coronal [-anterior], S1 evidencia dificuldades com o traço [-soante] e [+contínuo].

Quanto às soantes, a variabilidade de produção é encontrada na nasal coronal [-anterior] que, mesmo sendo realizada, está coocorrendo com /t/ e /n/, demonstrando problemas com os traços [±soante, ±anterior]. Já a vibrante simples que, por vez, não foi realizada e, depois, foi produzida como [m], evidencia que S1 está com dificuldades, novamente, com o estabelecimento do traço [contínuo].

Na posição de coda, obtivemos o apagamento da vibrante simples, tanto em coda medial quanto em coda final e a realização da nasal em coda medial. Portanto, quanto à estrutura silábica, S1, neste segundo momento de análise, adquiriu somente o *onset* simples e ainda não adquiriu a posição de coda medial ou final.

3.2.2.1.3 Sujeito 1 – Coleta 3 (idade - 1:9)

Na ocasião do terceiro período de coleta de dados, S1 estava com 1 ano e 9 meses e seu inventário fonético era constituído pelos sons [p, b, t, d, k, g, f, m, n, ŋ], consoante Quadro 08, exposto abaixo.

No Quadro 09 está reservado à análise contrastiva, por meio da observação da variabilidade de produção. No Quadro 10 demonstramos o sistema de fones contrastivos de S1 para essa terceira etapa.

Quadro 08 – Inventário fonético de S1 – 3ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
Plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	f		-		-	*	
africada					-		
Nasal		m		n	ɲ		
líquida lateral				-			
não-lat. simp				-			
múlt				-			

Quadro 09 – Análise Contrastiva - Variabilidade de produção de S1 – 3ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
t → t			4/5	80	4/5	80
∅			1/5	20	1/5	20
s → m			1/3	33,3	1/3	33,3
p			1/3	33,3	1/3	33,3
f			1/3	33,3	1/3	33,3
ʒ → j			1/2	50	1/2	50
p			1/2	50	1/2	50
tʃ → p	1/1	100			1/1	100
m → m	1/2	50			1/2	50
n	1/2	50			1/2	50
ɲ → ɲ			1/3	33	1/3	33
n			2/3	67	2/3	67
l → b	2/2	100	1/1	100	3/3	100
r → ∅			2/2	100	2/2	100
ʀ → ∅	2/2	100			2/2	100
p			1/1	100	1/1	100
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
r → ∅	1/1	100			1/1	100

Quadro 10 – Sistema de fones contrastivos de S1 – 3ª gravação

OA

p p	b b	t s/ poss	d s/ poss		k k	g g
f f		s s/ poss			ʒ s/ poss	x s/ poss
				tʃ p		
	m m n		n n			
			l b			
			ř Ø			

OM

p p	b b	t t Ø	d s/ poss		k k	g g
f s/ poss		s p f m			ʒ p j	x s/ poss
				tʃ s/ poss		
	m m		n n		ɲ n ɲ	
			l b			
			r Ø			
			ř p			

CM

s s/ poss	N s/ poss
r s/ poss	l s/ poss

CF

s s/ poss	N s/ poss
r Ø	l s/ poss

De acordo com as consoantes produzidas por S1, no terceiro momento de análise, podemos afirmar que, na posição de *onset* absoluto, as classes das plosivas e a fricativa labial estão adquiridas. Quanto à africada, depreendemos que há uma dificuldade no estabelecimento do contraste labial *versus* coronal, seguido de dificuldades quanto ao contraste [\pm anterior]. No que se refere às soantes, percebemos a concorrência entre a nasal labial e a nasal coronal, evidenciando, mais uma vez, a dificuldade desse contraste de ponto. Em relação às líquidas, para a vibrante múltipla,

S1 não produz qualquer segmento e, para a lateral /l/, a informante atribui valor negativo aos traços [soante, contínuo], produzindo assim, a plosiva [b] em seu lugar.

Em posição de OM, verificamos que, na classe das plosivas, há variabilidade de produção da coronal sonora que, em algumas produções, é realizada como tal e, em outras, possui um zero fonético em seu lugar. Com relação às fricativas, a variabilidade está presente nas coronais. Para /s/ foram realizados [p, f, m], o que demonstra problemas com o estabelecimento de contraste de ponto e com a coocorrência dos traços [-soante, +contínuo, coronal]. Já para a coronal [-anterior], S1 produziu a plosiva /p/, evidenciando a não-aquisição do traço [±anterior], bem como ratificando dificuldades com os traços [+contínuo e coronal]. Quanto às nasais, percebemos a concorrência do traço [±anterior], no contexto das coronais. A informante apresenta a mesma dificuldade que aquela apresentada em posição de *onset* absoluto para a líquida lateral, a qual também se realiza como [b], em *onset* medial. Quanto às não-laterais, verificamos o apagamento da vibrante simples e a realização de [p], no lugar da vibrante múltipla, o que demonstra problemas com o traço [+soante].

Com relação à coda, ainda não há evidências da produção da mesma, tanto em posição medial quanto em posição final.

3.2.2.1.4 Sujeito 1 – Coleta 4 (idade - 1:10)

No quarto período de coleta de dados, S1 estava com 1 ano e 10 meses. Seu inventário fonético era composto por plosivas e as nasais [m, n], como expusemos no Quadro 11.

O Quadro 12 demonstra a variabilidade de produção realizada pela informante e, no Quadro 13, apresentamos o sistema de fones contrastivos para essa etapa.

Quadro 11 - Inventário fonético de S1 – 4ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	f		-		-	-	
africada					-		
nasal		m		n	-		
líquida lateral				*			
não-lat. simp				-			
múlt				*			

Quadro 12 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção – 4ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
g → k			1/1	100	1/1	100
s → p	1/1	100			1/1	100
ʒ → Ø	1/2	50			1/2	50
f	1/2	50			1/2	50
x → Ø	1/1	100	0/1	0	1/2	50
k	0/1	0	1/1	100	1/2	50
tʃ → p	1/2	50			1/2	50
t	1/2	50			1/2	50
r → Ø			2/2	100	2/2	100
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
s → Ø			3/3	100	3/3	100

Quadro 13 – Sistema de fones contrastivos de S1 – 4ª gravação

OA

p p	b b	t t	d d		k k	g g
f f		s p			ʒ ∅ f	x ∅
	m m		n s/ poss	tʃ p t		
			l s/ poss			
			ʀ s/ poss			

OM

p p	b b	t t	d d		k k	g k
f s/ poss		s s/ poss			ʒ ʒ	x k
	m m		n n	tʃ s/ poss	ɲ s/ poss	
			l s/ poss			
			r ∅			
			ʀ s/ poss			

CM

s s/ poss	N n
r s/ poss	l s/ poss

CF

s ∅	N s/ poss
r s/ poss	l s/ poss

A partir da análise dos dados, observamos que, na posição de OA, S1 já adquiriu a classe das plosivas. No contexto das fricativas, verificamos que a labial já está adquirida. O fonema /s/ está sendo realizado como a plosiva [p], o que demonstra dificuldades no estabelecimento dos traços [+contínuo, coronal]. No lugar da fricativa /ʒ/ há um zero fonético ou a produção da fricativa [f], evidenciando problemas quanto ao contraste de ponto. A fricativa dorsal não é produzida por S1. Em relação à africada,

verificamos dificuldades com o contraste [\pm anterior] e o contraste de ponto, já que essa consoante está sendo realizada como [p] ou [t].

Em posição de *onset* medial, verificamos o não-estabelecimento do traço [\pm voz], no contexto das plosivas dorsais. No que se refere às fricativas, observamos o estabelecimento da coronal [-anterior] e dificuldades quanto à dorsal, no que tange o traço [contínuo], uma vez que há a realização da plosiva dorsal em seu lugar. No contexto das soantes, verificamos que S1 ainda não adquiriu, a vibrante simples, pois não realiza nenhum fonema em seu lugar.

Em coda medial, verificamos a produção da nasal e em coda final há o apagamento da fricativa.

3.2.2.1.5 Sujeito 1 – Coleta 5 (idade- 1:11)

No penúltimo período de coleta das produções de S1, a informante possuía 1 ano e 11 meses. Foneticamente, ela produzia a classe das plosivas, nasais e as fricativas [f, s, ʒ], conforme verificamos no Quadro 14.

O Quadro 15 evidencia a variabilidade de produção e o Quadro 16 apresenta o sistema de fones contrastivos de S1.

Quadro 14 – Inventário fonético de S1 – 5ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	f		S		ʒ	-	
africada					*		
nasal		m		n	ɲ		
líquida lateral				l			
não-lat. simp				-			
múlt				*			

Quadro 15 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção – 5ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
s → Ø	1/3	33	1/5	50	2/5	40
p	2/3	67			2/5	40
f			1/5	50	1/5	20
x → Ø			1/1	100	1/1	100
l → Ø	1/1	100	3/3	100	4/4	100
r → Ø			1/4	25	1/4	25
j			3/4	75	3/4	75
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%

Quadro 16 – Sistema de fones contrastivos – 5ª gravação

OA

p p	b b	t t	d d			k k	g g
f f		s Ø p			ʒ ʒ	x s/ poss	
	m m		n n	tʃ s/ poss			
			l Ø				
			ʀ s/ poss				

OM

p p	b b	t t	d d			k k	g g
f s/ poss		s Ø f			ʒ ʒ	x Ø	
	m m		n n	tʃ s/ poss		ɲ ɲ	
			l Ø				
			r j Ø				
			ʀ s/ poss				

CM

s s/ poss	N s/ poss
r s/ poss	l s/ poss

CF

s s	N n
r s/ poss	l s/ poss

Os dados apresentados acima possibilitam a verificação de que S1 já possui, tanto em posição silábica de *onset* absoluto quanto em *onset* medial, as classes das plosivas e nasais adquiridas. Verificamos, também, que as fricativas labial e coronal [-anterior] já constituem o inventário fonológico da informante.

Em posição de OA, observamos que /s/ ora é apagado, ora é realizado como [p], demonstrando dificuldades com o estabelecimento dos traços [+contínuo, coronal,

+anterior]. No contexto das líquidas, a lateral ainda não está adquirida, uma vez que há um zero fonético em seu lugar.

Com relação ao OM, verificamos uma dificuldade no estabelecimento do contraste de ponto, relacionado à produção fonética da fricativa /s/ que, por vez, é produzida como [f] e, por outras, deixa de ser realizada, assim como ocorre com a fricativa dorsal e com a líquida lateral, evidenciando uma tendência de S1 ao apagamento das consoantes que ela ainda não adquiriu. A vibrante simples também sofre o processo de apagamento, que concorre com o glide palatal [j].

No que se refere à estruturação silábica, observamos a realização de [s] e [n] em coda final.

3.2.2.1.6 Sujeito 1 – Coleta 6 (idade - 2:0)

No último período de gravações, S1 estava com 2 anos completos. De um inventário composto por dezessete sons, a informante apresentou, foneticamente, doze sons, que correspondem às classes das plosivas, nasais e fricativas, com exceção da fricativa dorsal, a qual não foi realizada. Esse inventário fonético está exposto no Quadro 17.

No Quadro 18, demonstramos a variabilidade de produção das consoantes e, para finalizar, o sistema de fones contrastivos de S1, pode ser visto no Quadro 19.

Quadro 17 – Inventário fonético de S1 – 6ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	f		s		ʒ	-	
africada					-		
nasal		m		n	ɲ		
líquida lateral				-			
não-lat. simp				-			
múlt				-			

Quadro 18 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S1 – 6ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
x → Ø	0/2	0	1/5	20	1/7	14
k	0/2	0	3/5	60	3/7	43
ʒ	2/2	100	1/5	20	3/7	43
tʃ → t	1/1	100	1/1	100	2/2	100
l → Ø	2/3	67	4/4	100	6/7	85
b	1/3	33	0/4	0	1/7	15
r → Ø			5/5	100	5/5	100
ř → Ø	1/3	33,3	0/1	0	1/4	25
p	1/3	33,3	0/1	0	1/4	25
d	1/3	33,3	1/1	100	2/4	50
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
l → Ø	2/2	100			2/2	100
r → Ø			1/1	100	1/1	100
n → Ø	1/3	33	0/5	0	1/8	12,5
n	2/3	67	5/5	100	7/8	87,5

Quadro 19 – Sistema de fones contrastivos de S1 – 6ª gravação

OA

p p	b b	t t	d d			k k	g g
f f		s s			ʒ ʒ	x ʒ	
	m m		n n	tʃ t			
			l ∅ b				
			ʀ ∅ p d				

OM

p p	b b	t t	d d			k k	g g
f f		s s			ʒ ʒ	x k ʒ ∅	
	m m		n n	tʃ t		ɲ ɲ	
			l ∅				
			r ∅				
			ʀ d				

CM

s s/ poss	N N ∅
r s/ poss	l ∅

CF

s s	N N
r ∅	l s/ poss

Os dados apresentados por S1, nesta última etapa de gravações, propicia verificarmos que, em ambas posições silábicas de *onset*, as classes das plosivas e nasais estão adquiridas. Quanto às fricativas, há dificuldade no estabelecimento do contraste de ponto, para a dorsal, pois a mesma está sendo realizada como coronal [-anterior], em posição de OA. Em OM, além da referida dificuldade, há problemas com o traço [±contínuo].

A africada /tʃ/ apresenta o mesmo comportamento fonológico em OA e OM, uma vez que S1 produz em seu lugar a plosiva [t], o que evidencia uma dificuldade no estabelecimento do contraste do traço [\pm anterior], no contexto das obstruintes de traço [-contínuo]. Essa mesma realização fonética ficou evidenciada na segunda e quarta etapas de gravações.

No que tange às soantes, em posição de OA, verificamos a continuidade da realização de [b] ou zero fonético, no lugar da líquida lateral /l/, parece-nos que S1 permanece com dificuldades no estabelecimento dos traços [+soante, coronal]. Quanto ao espaço da vibrante múltipla, S1 o ocupa foneticamente com [p], [d] ou um zero fonético. Portanto, observamos problemas com os traços [+soante, +contínuo]. Em posição de OM, tanto a líquida lateral quanto a vibrante simples possuem um zero fonético em seu lugar. Já a vibrante múltipla é realizada como [d], evidenciando dificuldades com a coocorrência de traços [+soante, +contínuo].

Em posição de CM verificamos a não realização da líquida lateral e, no caso da nasal, a concorrência entre zero fonético e a correta representação fonética da consoante. Em CF, temos a não realização da vibrante simples e a aquisição da fricativa e da nasal.

Com relação à estrutura silábica, S1 possui a sílabas (C)VC e não há a aquisição de *onsets* complexos, uma vez que todos os encontros consonantais são reduzidos à consoante principal obstruinte, isto é, à plosiva ou fricativa que integra a sequência consonantal presente no sistema alvo.

3.2.2.2 Sujeito 2

O sujeito 2 (de agora em diante S2) é do sexo masculino e teve seu processo de aquisição fonológica acompanhado pelo período de seis meses, desde a idade de 1:7 até 2:0. A produção linguística do menino foi registrada em seis gravações, com intervalo médio de um mês.

3.2.2.2.1 Sujeito 2 – Coleta 1 (idade - 1:7)

Na ocasião da primeira coleta de dados, o menino estava com 1 ano e sete meses (1:7). A partir dos dados linguísticos produzidos, obtivemos o inventário fonético de S2, para esta etapa, no qual constam os sons [p, b, t, d, k, g, m, n], conforme observamos no Quadro 20.

No Quadro 21 demonstramos a variabilidade de produção de S2 e, na sequência, o Quadro 22, demonstra o sistema de fones contrastivos de S2.

Quadro 20 – Inventário fonético de S2 – 1ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
Plosiva	p	b	t	d		k	g
Fricativa	-		-		-	*	
Africada					-		
Nasal		m		n	-		
líquida lateral				-			
não-lat. simp				-			
múlt				-			

Quadro 21 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S2 – 1ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
k → k	2/3	67			2/3	67
t	1/3	33			1/3	33
f → p	0/2	0	1/1	100	1/3	33
t	2/2	100	0/1	0	2/3	67
s → Ø	1/1	100			1/1	100
ʒ → n	1/1	100	0/2	0	1/3	33
t	0/1	0	2/2	100	2/3	67
tʃ → t			2/2	100	2/2	100
p → n			1/1	100	1/1	100
l → Ø	1/1	100			1/1	100
r → Ø			2/2	100	2/2	100
ř → Ø	0/1	0	1/2	50	1/3	33,3
p	0/1	0	1/2	50	1/3	33,3
d	1/1	100	0/2	0	1/3	33,3
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
s → Ø			1/1	100	1/1	100
n → Ø			1/2	50	1/2	50
n			1/2	50	1/2	50

Quadro 22 – Sistema de fones contrastivos de S2 – 1ª gravação

OA

p p	b b	t t	d d			k k t	g g
f t		s Ø				ʒ n	x s/poss
				tʃ s/poss			
	m m		n n				
			l Ø				
			ʀ d				

OM

p p	b b	t t	d d			k s/poss	g g
f p		s s/poss				ʒ t	x s/poss
				tʃ t			
	m m		n n			ɲ n	
			l s/poss				
			r Ø				
			ʀ Ø p				

CM

s s/poss	N s/poss
r s/poss	l s/poss

CF

s Ø	N Ø n
r s/poss	l s/poss

A partir dos dados apresentados acima, verificamos que, nesta primeira coleta na posição de *onset* absoluto, S2 adquiriu quase todos os fonemas da classe das plosivas, evidenciando uma concorrência na representação fonética da plosiva dorsal surda, /k/, que está sendo realizada como [k] e, também, como a plosiva coronal surda [t], o que demonstra dificuldades no estabelecimento do contraste de ponto. Quanto às fricativas, verificamos que a labial é produzida como a plosiva coronal [t], demonstrando um problema no estabelecimento do traço [±contínuo]. No lugar da fricativa coronal [+anterior], percebemos um zero fonético e, quanto à produção da fricativa coronal [-

anterior], /ʒ/, observamos a realização da nasal coronal [n] em seu lugar, evidenciando dificuldades com o traço [±anterior]. No que se refere às líquidas, verificamos que a lateral não é realizada e a vibrante múltipla é produzida como a plosiva dorsal [d], o que permite observarmos problemas quanto ao contraste de ponto e quanto ao estabelecimento do traço [±soante].

Na posição de OM, verificamos que S2 já adquiriu a classe das plosivas. Quanto às fricativas, a labial é produzida como a plosiva [p], retratando uma dificuldade com o estabelecimento do traço [±contínuo]. A fricativa coronal /ʒ/ é realizada como a plosiva coronal [t], evidenciado, assim, problemas com os traços [±contínuo, ±anterior]. No que se refere à africada /tʃ/, S2 produz em seu lugar a plosiva [t], o que evidencia uma dificuldade no estabelecimento do traço [±anterior], sendo o responsável por opor a plosiva /t/ à africada /tʃ/. Em relação às nasais, o menino realiza a palatal como a coronal [+anterior], demonstrando problemas com o contraste de ponto, nessa classe natural, especificamente com a oposição determinada por [±anterior]. Quanto às líquidas, verificamos que no lugar da vibrante simples há um zero fonético, assim como no espaço da vibrante múltipla, porém no caso dessa última há a coocorrência com a plosiva [p], demonstrando uma dificuldade com o estabelecimento do traço [±soante].

Com relação à posição de coda final, observamos a predominância de zero fonético e, no caso da nasal, verificamos que concorre a realização correta, como [n], com o apagamento da consoante.

3.2.2.2.2 Sujeito 2 – Coleta 2 (idade - 1:8)

Na segunda coleta, S2 estava com 1 ano e 8 meses (1:8) e verificamos em seu inventário fonético a presença da classe das plosivas e nasais e a fricativa labial, conforme observamos no Quadro 23. Houve o acréscimo da fricativa labial e da nasal palatal, em relação ao mês anterior.

O Quadro 24 apresenta a variabilidade de produção de S2, o que dá subsídio à AC. No Quadro 25 verificamos o sistema de fones contrastivos do informante, para esta etapa.

Quadro 23 – Inventário fonético de S2 – 2ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	f		-		-	-	
africada					-		
nasal		m		n	ɲ		
líquida lateral				-			
não-lat. simp múlt				- *			

Quadro 24 –Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S2 – 2ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
s → k			1/1	100	1/1	100
ʒ → t			1/1	100	1/1	100
x → g	3/3	100			3/3	100
tʃ → t			3/3	100	3/3	100
l → Ø	1/1	100			1/1	100
r → Ø			1/1	100	1/1	100
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
n → Ø	1/1	100	1/1	100	2/2	100
r → Ø	1/1	100			1/1	100

Quadro 25 – Sistema de fones contrastivos de S2 – 2ª gravação

OA

p p	b b	t s/poss	d s/poss		k k	g g
f s/poss		s s/poss			ʒ s/poss	x g
	m m		n n	tʃ s/poss		
			l ∅			
			ʎ s/poss			

OM

p p	b b	t t	d d		k s/poss	g g
f f		s k			ʒ t	x s/poss
	m m		n n	tʃ t		
			l s/poss		ɲ ɲ	
			r ∅			
			ʎ s/poss			

CM

s s/poss	N ∅
r ∅	l s/poss

CF

s s/poss	N ∅
r s/poss	l s/poss

A partir dos dados apresentados, verificamos que os contrastes alusivos às classes das plosivas e das nasais já foram adquiridos por S2, nesta segunda etapa, tanto para a posição silábica de OA quanto para OM.

Em posição de OA, observamos que a fricativa dorsal é realizada como a plosiva dorsal [g], demonstrando que S2 não adquiriu o traço [+contínuo] e, conseqüentemente, não adquiriu a oposição determinada por [±contínuo]. Quanto à líquida lateral, mantém-se o zero fonético em seu lugar, assim como observamos na ocasião da primeira coleta.

Na posição de *onset* medial, evidenciamos a aquisição da fricativa labial e variabilidade de produção quanto às fricativas coronal anterior e não-anterior, envolvendo dificuldades no estabelecimento dos valores dos traços [contínuo, anterior] para ambas consoantes, uma vez que em seus lugares é realizada a plosiva dorsal [k] e a plosiva coronal [t], respectivamente. Com relação à africada, observamos a permanência de produção da plosiva [t], em seu lugar, o que demonstra que o informante continua com dificuldades para estabelecer o contraste de traço [\pm anterior], na coocorrência [-soante, -contínuo]. Quanto à líquida vibrante, observamos a não realização da mesma.

No que se refere à coda, há uma preferência por sua não realização, dentre as possibilidades eliciadas. O menino possui uma estrutura silábica composta por (C)V.

3.2.2.2.3 Sujeito 2 – Coleta 3 (idade - 1:9)

Na ocasião da terceira coleta de dados linguísticos, S2 estava com 1 ano e 9 meses (1:9). Seu inventário fonético era constituído pelas classes das plosivas e nasais, como demonstra o Quadro 26, mantendo as características da 1ª coleta (1:7).

No Quadro 27 verificamos a variabilidade de produção do menino, enquanto que, no Quadro 28 observamos o sistema de fones em contraste do informante.

Quadro 26 – Inventário fonético de S2 – 3ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	-		-		-	-	
africada					-		
nasal		m		n	ɲ		
líquida lateral				-			
não-lat. simp				-			
múlt				-			

Quadro 27 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S2 – 3ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
t → t			7/8	87,5	7/8	87,5
p			1/8	12,5	1/8	12,5
f → t	1/1	100	1/1	100	2/2	100
s → Ø	2/2	100	0/2	0	2/4	50
t	0/2	0	2/2	100	2/4	50
ʒ → t	2/2	100	0/1	0	2/3	67
Ø	0/2	0	1/1	100	1/3	33
x → g	3/3	100	0/1	0	3/4	75
k	0/3	0	1/1	100	1/4	25
tʃ → t	2/2	100	1/1	100	3/3	100
ɲ → ɲ			1/2	50	1/2	50
n			1/2	50	1/2	50
l → Ø	2/2	100			2/2	100
r → Ø			1/2	50	1/2	50
m			1/2	50	1/2	50
ʁ → p			1/1	100	1/1	100
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
s → Ø			1/1	100	1/1	100
n → n	1/3	33			1/3	33
Ø	2/3	67			2/3	67
l → j			1/1	100	1/1	100
r → Ø	1/1	100	1/1	100	2/2	100

Quadro 28 – Sistema de fones contrastivos de S2 – 3ª gravação

OA

p p	b b	t t	d s/poss		k k	g s/poss
f t		s Ø			ʒ t	x g
				tʃ t		
	m m		n n			
			l Ø			
			ʃ s/poss			

OM

p p	b b	t t	d d		k k	g g
f t		s t			ʒ Ø	x k
				tʃ t		
	m m		n n		ɲ (n n)	
			l s/poss			
			r (m Ø)			
			ʃ p			

CM

s s/poss	N n Ø
r Ø	l s/poss

CF

s Ø	N s/poss
r Ø	l j

Os dados obtidos, nesta etapa, demonstram que o informante possui algumas dificuldades para o estabelecimento do traço [\pm contínuo].

Observamos a aquisição da classe das plosivas, tanto em OA quanto em OM. No que se refere às fricativas, evidenciamos a dificuldade apresentada por S2 quanto ao estabelecimento do traço [+contínuo], característico dessa classe natural. Embora, em etapa anterior, o menino tenha produzido a fricativa labial, nesta coleta foi realizada a plosiva coronal [t] em seu lugar, nas posições de OA e OM, demonstrando problemas

com o traço [+contínuo] e com contraste de ponto, assim como ocorre com a fricativa coronal [-anterior], que também é realizada como [t], em OA, evidenciando as mesmas dificuldades. Já em OM, essa consoante não é produzida pelo informante. Quanto à fricativa coronal [+anterior], há um zero fonético em seu lugar, na posição de OA, e a produção de [t], na posição de OM, para essa fricativa, ratificando a preferência de S2 por segmentos de traço [-contínuo]. Com relação à fricativa dorsal, observamos problemas com o traço [+contínuo], pois a mesma é produzida como as plosivas dorsais [g] ou [k], em OA e OM, respectivamente.

A africada /tʃ/ apresenta o mesmo comportamento fonológico em OA e OM, uma vez que o sujeito produz em seu lugar a plosiva [t], o que evidencia uma dificuldade no estabelecimento do contraste do traço [±anterior]. Quanto às líquidas, permanece a predominância do zero fonético em seus lugares.

Com relação às nasais, há variabilidade somente com a palatal /ɲ/, que é realizada ora de maneira correta, ora como coronal [+anterior], evidenciando dificuldades no estabelecimento do contraste de ponto [±anterior].

Quanto às líquidas, observamos, em posição de OA, a presença de um zero fonético, no lugar da lateral /l/. Já em OM, a vibrante simples não é produzida ou é realizada como a nasal [m], o que demonstra dificuldades com os traços [+aproximante] e [+coronal]. Quanto à produção da vibrante múltipla, observamos a plosiva labial em seu lugar, demonstrando dificuldade como o contraste [±soante].

No que se refere à coda medial, percebemos a predominância do zero fonético para maior parte das possibilidades, com exceção da nasal, em que a forma correta concorre com a não realização. Quanto à coda final, observamos a mesma preferência evidenciada em CM, porém para a líquida /l/ é produzida a semivogal palatal [j].

3.2.2.2.4 Sujeito 2 – Coleta 4 (idade - 1:10)

Na quarta coleta de dados linguísticos, o informante possuía 1 ano e 10 meses (1:10). Observamos, segundo o Quadro 29, que o inventário fonético de S2 era composto por plosivas, nasais e a fricativa labial, em consonância com os dados da Coleta 2, com 1:8.

No Quadro 30 evidenciamos a produção variável das consoantes de S2. Por fim, no Quadro 31 demonstramos o sistema de fones em contraste do menino.

Quadro 29 – Inventário fonético de S2 – 4ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
Plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	f		-		-	-	
africada					-		
Nasal		m		n	ɲ		
líquida lateral				-			
não-lat. simp				-			
múlt				-			

Quadro 30 –Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S2 – 4ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
t → t			9/11	82	9/11	82
n			1/11	9	1/11	9
ɲ			1/11	9	1/11	9
k → k	6/7	86	2/2	100	8/9	88
∅	1/7	14	0/2	0	1/9	12
s → p	1/2	50			1/2	50
f	1/2	50			1/2	50
ʒ → b	1/1	100	0/1	0	1/2	50
∅	0/1	0	1/1	100	1/2	50
x → g	1/1	100			1/1	100
tʃ → ∅	1/1	100	0/1	0	1/2	50
p	0/1	0	1/1	100	1/2	50
ɲ → ɲ			3/5	60	3/5	60
m			1/5	20	1/5	20
t			1/5	20	1/5	20
l → ∅	1/2	50			1/2	50
b	1/2	50			1/2	50
r → ∅			4/5	80	4/5	80
m			1/5	20	1/5	20
ʃ → g	2/2	100			2/2	100
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
n → ∅	1/1	100	1/1	100	2/2	100

Quadro 31 – Sistema de fones contrastivos de S2 – 4ª gravação

OA

P P	b s/poss	t t	d d		k k	g g
F F		s (p f)			ʒ b	x g
	m m		n n	tʃ ∅		
			l b ∅			
			ʃ g			

OM

P P	b b	t t (n ɲ)	d d		k k	g g
F F		s s/poss			ʒ ∅	x s/poss
	m m		n n	tʃ p		
			l s/poss		ɲ ɲ (m t)	
			r ∅ m			
			ʃ s/poss			

CM

s s/poss	N ∅
r s/poss	l s/poss

CF

s s/poss	N ∅
r s/poss	l s/poss

Nesta etapa de coleta, os dados de S2 demonstram a permanência de dificuldades com o estabelecimento do contraste de traço [\pm contínuo].

Em OA, verificamos que a classe das plosivas e das nasais não sofrem variabilidade em suas produções. Quanto às fricativas, observamos que a labial está adquirida, contudo há dificuldades no estabelecimento do contraste de ponto labial *versus* coronal, pois no lugar da coronal anterior produziu-se ou a fricativa labial ou uma plosiva labial, determinando, também, problemas com o traço [+contínuo],

dificuldade essa que percebemos ainda com a fricativa coronal [-anterior] e com a dorsal. No caso da africada, há preferência por sua não realização. Quanto às líquidas, percebemos problemas com o contraste de traço [\pm soante].

Em posição de OM, no contexto das plosivas, há variabilidade com a coronal surda, que em duas ocorrências foi produzida como [n] e [ɲ], demonstrando dificuldade com o traço [-soante], tendo sido mantido o ponto [coronal]. No contexto das fricativas, percebemos a preferência pela não produção da palatal. Quanto à africada /tʃ/ observamos que em seu lugar há a realização da plosiva [p], evidenciando problemas com o estabelecimento do contraste de ponto labial *versus* coronal e com o contraste de traço [\pm anterior]. Com relação às nasais, observamos uma produção variável na representação fonética da palatal /ɲ/, que apresenta três produções distintas: como [ɲ], de forma correta, e como [m] e [t], demonstrando dificuldades no estabelecimento do contraste de ponto, quando produz a nasal labial, e problemas com o contraste [\pm soante], quando produz a plosiva coronal. A líquida simples é realizada como nasal labial, evidenciando dificuldades com o traço [\pm aproximante], ou não é produzida.

Com relação à coda, S2 permanece preferindo não realizá-la, demonstrando, assim, sílabas constituídas por consoantes e vogais, sem composição de coda.

3.2.2.2.5 Sujeito 2 – Coleta 5 (idade - 1:11)

Na ocasião da quinta coleta de dados, S2 estava com 1 ano e 11 meses (1:11). No seu inventário fonético constavam os seguintes sons: [p, b, t, d, k, g, f, s, m, n, ɲ], conforme Quadro 32. Essa etapa evidencia, portanto, o acréscimo do som [s].

No Quadro 33 verificamos a análise contrastiva, a partir da variabilidade de produção de S2. No Quadro 34, evidenciamos o sistema de fones contrastivos do menino.

Quadro 32 – Inventário fonético de S2 – 5ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
Plosiva	p	b	t	d		k	g
Fricativa	f		s		-	-	
Africada					-		
Nasal	m		n		ɲ		
líquida lateral			-				
não-lat. simp			-				
múlt			-				

Quadro 33 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S2 – 5ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
s → s	2/3	67			2/3	67
f	1/3	33			1/3	33
ʒ → Ø			2/3	67	2/3	67
s			1/3	33	1/3	33
x → b	1/1	100			1/2	50
k			1/1	100	½	50
tʃ → t	1/1	100			1/1	100
l → Ø			3/5	60	3/5	60
t			1/5	20	1/5	20
d			1/5	20	1/5	20
r → Ø			3/3	100	3/3	100
ĩ → g	1/1	100	0/1	0	1/2	50
j	0/1	0	1/1	100	1/2	50
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
r → Ø	2/2	100	1/1	100	3/3	100
n → Ø	2/2	100	1/1	100	3/3	100
l → Ø	1/1	100			1/1	100

Quadro 34 – Sistema de fones contrastivos de S2 – 5ª gravação

OA

p p	b b	t t	d d		k k	g g
f f		s s f			ʒ s/poss	x b
	m s/poss		n s/poss	tʃ t		
			L s/poss			
			ř g			

OM

p s/poss	b b	t t	d d		k k	g s/poss
f f		s s/poss			ʒ ∅ s	x k
	m m		n n	tʃ s/poss		ɲ ɲ
			l ∅ (t d)			
			r ∅			
			ř j			

CM

s s/poss	N ∅
r ∅	l ∅

CF

s s/poss	N ∅
r ∅	l s/poss

A partir dos dados apresentados, evidenciamos que o menino possui em seu inventário fonológico as classes das plosivas, das nasais e a fricativa labial, nas duas posições de *onset*.

Quanto às demais fricativas, observamos que há dificuldades com o estabelecimento do contraste de ponto labial *versus* coronal *versus* dorsal, além de a fricativa dorsal /x/ ser representada foneticamente por segmentos de traço [-contínuo], o que enfatiza a dificuldade do informante com o contraste [±contínuo].

A produção da africada como plosiva coronal mantém-se, o que demonstra problemas como o estabelecimento do contraste de traço [\pm anterior], responsável pela oposição entre /t/ e /tʃ/.

No que se refere às líquidas, percebemos algumas predominâncias de zero fonético ou a produção de consoantes de traço [-soante]. Além disso, a vibrante múltipla foi realizada como semivogal palatal.

As posições de coda, tanto medial quanto final, ainda não são ocupadas por S2, permanecendo a mesma estruturação silábica de etapas anteriores.

3.2.2.2.6 Sujeito 2 – Coleta 6 (idade - 2:0)

Na última coleta de dados, o informante em questão estava com 2 anos (2:0). Foneticamente, ele produzia a classe das plosivas, nasais e fricativas, com exceção da fricativa dorsal, conforme podemos observar no Quadro 35.

No Quadro 36 temos a variabilidade de produção de S2, para esta etapa, e no Quadro 37 demonstramos o sistema de fones em contraste do informante.

Quadro 35 – Inventário fonético de S2 – 6ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	f		s		ʒ	-	
africada					-		
nasal		m		n	ɲ		
líquida lateral				-			
não-lat. simp				-			
múlt				-			

Quadro 36 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S2 – 6ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
s → s	4/4	100	3/4	50	7/8	88
m			1/4	25	1/8	12
ʒ → ʒ			2/4	50	2/4	50
p			1/4	25	1/4	25
b			1/4	25	1/4	25
x → k			1/1	100	1/1	100
tʃ → t	2/2	100	3/3	100	5/5	100
l → Ø	1/2	50	1/1	100	2/3	67
n	1/2	50	0/1	0	1/3	33
r → Ø			1/1	100	1/1	100
ř → Ø	1/1	100	0/1	0	1/2	50
d	0/1	0	1/1	100	1/2	50
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
n → Ø	1/2	50	0/3	0	1/5	20
n	1/2	50	3/3	100	4/5	80

Quadro 37 – Sistema de fones contrastivos de S2 – 6ª gravação

OA

p p	b b	t t	d d			k k	g g
f s/poss		s s			ʒ s/poss	x s/poss	
				tʃ t			
	m m		n n				
			l (Ø n)				
			ř Ø				

OM

p p	b b	t t	d d			k d	g g
f f		s s m			ʒ ʒ (p b)	x k	
				tʃ t			
	m m		n n		ɲ ɲ		
			l Ø				
			r Ø				
			ř d				

CM

s s/poss	N (n Ø)
r s/poss	l s/poss

CF

s s	N N
r s/poss	l s/poss

Os dados da última coleta de dados deste informante demonstram poucas alterações em relação às duas fases anteriores.

Em posição de OA, há a aquisição das classes das plosivas, das nasais e da fricativa coronal /s/. A africada ainda não é realizada, em função de dificuldades com o estabelecimento do contraste de traço [\pm anterior], sendo que essa dificuldade é apresentada tanto em OA quanto em OM. As líquidas permanecem sem serem

produzidas, contudo a lateral /l/ também é realizada como a nasal coronal [n], demonstrando problemas com o traço [±aproximante].

Em posição de OM, plosivas, nasais e a fricativa labial não apresentam variabilidade de produção. A fricativa coronal /s/ passa a ser produzida, porém concorrem as produções como [s] e como a nasal [m], demonstrando problemas com o contraste de traço [±soante]. Dificuldades semelhantes ocorrem com a fricativa palatal /ʃ/, pois, embora a mesma passe a ser realizada, há também a produção das plosivas [p] e [b] em seu lugar, evidenciando problemas com os traços [+contínuo], [coronal] e [-anterior]. A classe das líquidas ainda não é realizada e, no caso da vibrante múltipla, nesta etapa, o menino produz a plosiva coronal sonora [d], o que demonstra problemas com o contraste de traço [±soante].

Nesta etapa, S2 já produz sílabas com coda, porém observamos que há preferência pela realização de codas finais que envolvam a fricativa /s/ e a nasal /n/. Por essa razão, a estrutura silábica do informante passa a ser (C)V(C).

3.2.2.3 Sujeito 3

O sujeito 3 (a partir de agora S3) é do sexo feminino e teve seu desenvolvimento fonológico acompanhado pelo período de seis meses, desde a idade de 1:7 (anos: meses) até 2:1. A produção linguística da menina foi registrada em seis gravações, com o intervalo médio de um mês.

3.2.2.3.1 Sujeito 3 – Coleta 1 (idade - 1:7)

Na ocasião da primeira coleta de dados, a menina estava com 1 ano e 7 meses (1:7). Seu inventário fonético era constituído pelos sons [p, b, t, d, k, g, f, m, n, ɲ], os quais estão expostos no Quadro 38.

No Quadro 39 demonstramos a variabilidade na produção das consoantes e no Quadro 40 apresentamos o sistema de fonemas em contraste da informante para esta etapa.

Quadro 38 – Inventário fonético de S3 – 1ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	f		-		-	-	
africada					-		
nasal		m		n	ɲ		
líquida lateral				-			
não-lat. simp				-			
múlt				-			

Quadro 39 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S3 – 1ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
d → d	1/2	50			1/2	50
∅	1/2	50			1/2	50
s → ∅	1/2	50			1/2	50
p	1/2	50			1/2	50
ʒ → t	1/1	100	0/2	0	1/3	33
∅	0/1	0	2/2	100	2/3	67
x → p			1/2	50	1/2	50
k			1/2	50	1/2	50
tʃ → t			1/1	100	1/1	100
n → n			5/6	83	5/6	83
∅			1/6	17	1/6	17
l → ∅	2/2	100	2/2	100	4/4	100
r → ∅			2/2	100	2/2	100
ʁ → ∅			1/1	100	1/1	100
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
s → ∅			1/1	100	1/1	100
n → ∅	1/1	100	1/1	100	2/2	100

Quadro 40 – Sistema de fones contrastivos de S3 – 1ª gravação

OA

p p	b b	t s/poss	d (d Ø)		k k	g g
f s/poss		s (Ø p)			ʒ t	x s/poss
	m m		n n	tʃ s/poss		
			l Ø			
			ʀ s/poss			

OM

p p	b b	t t	d d		k s/poss	g g
f f		s s/poss			ʒ Ø	x (p k)
	m m		n n Ø	tʃ t		
			l Ø		ɲ ɲ	
			r Ø			
			ʀ Ø			

CM

s s/poss	N Ø
r s/poss	l s/poss

CF

s Ø	N Ø
r s/poss	l s/poss

A partir dos dados apresentados acima, verificamos que S3 possui um sistema com poucos contrastes. Na posição de OA, a classe das plosivas apresenta variabilidade de produção na coronal sonora, a qual deixa de ser produzida em algumas palavras. No que se refere às fricativas, a coronal [+anterior] tem em seu lugar um zero fonético ou é realizada como a plosiva labial [p], demonstrando problemas com o estabelecimento do contraste de traço [\pm contínuo]. Observamos que essa dificuldade também ocorre com a fricativa coronal [-anterior], que é produzida como plosiva coronal. Quanto às nasais,

S3 demonstra tê-las adquirido para essa posição silábica. Com relação à líquida lateral, observamos um zero fonético em seu lugar.

No que se refere à posição de OM, verificamos que as plosivas estão adquiridas, bem como a fricativa labial /f/. A fricativa coronal [-anterior] não é realizada e a fricativa dorsal /x/ é realizada como [p] ou [k], o que demonstra dificuldade no estabelecimento do contraste do traço [±contínuo]. Para a produção da africada, a menina produz a plosiva coronal [t], o que evidencia uma dificuldade no estabelecimento do contraste do traço [±anterior]. As nasais labial e palatal são produzidas, mas a coronal mostra variabilidade entre a produção correta e a não realização da consoante. Quanto às líquidas, observamos a predominância da não produção das mesmas.

Com relação às codas, verificamos que, em todas as possibilidades de realização há um zero fonético ocupando o espaço das consoantes. Além disso, todos os encontros consonantais são reduzidos à primeira consoante (ou plosiva ou fricativa). Isso demonstra que S3 estrutura suas sílabas com consoante e vogal.

3.2.2.3.2 Sujeito 3 – Coleta 2 (idade - 1:8)

Na segunda coleta de dados, S3 estava com 1 ano e 8 meses de idade (1:8) e seu inventário fonético era constituído pelos mesmos sons da etapa anterior, ou seja, plosivas, nasais e a fricativa labial, como demonstramos no Quadro 41.

No Quadro 42 expomos a realização das consoantes, no que se refere à variabilidade que as mesmas apresentaram. O Quadro 43 retrata o sistema de fones contrastivos para esta etapa de coleta.

Quadro 41 – Inventário fonético de S3 – 2ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	f		-		-	-	
africada					*		
nasal		m		n	ɲ		
líquida lateral				-			
não-lat. simp				-			
múlt				-			

Quadro 42 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S3 – 2ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
b → b	3/4	75	2/3	67	5/7	72
n	1/4	25	1/3	33	2/7	28
t → t			8/9	89	8/9	89
p			1/9	11	1/9	11
k → k	1/3	33,3	1/1	100	2/4	50
∅	1/3	33,3	0/1	0	1/4	25
m	1/3	33,3	0/1	0	1/4	25
s → f	2/2	100	1/3	33,3	3/5	60
n	0/1	0	1/3	33,3	1/5	20
t	0/1	0	1/3	33,3	1/5	20
ʒ → t	1/1	100	2/3	67	3/4	75
f	0/1	0	1/3	33	1/4	25
x → t	1/1	100	1/1	100	2/2	100
l → ∅			2/2	100	2/2	100
r → m			2/3	67	2/3	67
j			1/3	33	1/3	33
ř → ∅	1/2	50	0/1	0	1/3	33,3
f	1/2	50	0/1	0	1/3	33,3
g	0/2	0	1/1	100	1/3	33,3
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
n → n			2/4	50	2/4	50
∅			2/4	50	2/4	50
l → ∅	1/1	100			1/1	100
r → ∅	1/1	100			1/1	100

Quadro 43 – Sistema de fones contrastivos de S3 – 2ª gravação

OA

p p	b b n	t t	d d		k (k Ø m)	g g
f f		s f			ʒ t	x t
	m m		n s/poss	tʃ s/poss		
			l s/poss			
			ʀ (Ø f)			

OM

p p	b b n	t t	d s/poss		k k	g g
f s/poss		s (t n f)			ʒ t f	x t
	m m		n n	tʃ s/poss	ɲ ɲ	
			l Ø			
			r m j			
			ʀ g			

CM

s s/poss	N s/poss
r Ø	l Ø

CF

s s/poss	N (n Ø)
r s/poss	l s/poss

Os dados de S3, para esta etapa, demonstram que, em posição de *onset* absoluto, duas plosivas apresentam variabilidade em suas produções: a labial sonora ora é produzida como tal, ora é produzida como a nasal [n], e a dorsal surda, ora não é produzida, ora é realizada como tal e por vezes é realizada como a nasal [m], demonstrando dificuldades do informante com o estabelecimento do traço [-soante] e os traços de ponto. Quanto à classe das fricativas, observamos a produção correta da forma fonética da labial /f/, porém a coronal /s/ é realizada como [s] e [f], o que demonstra

problemas com o estabelecimento do contraste de ponto. Já a palatal /ʒ/ e a dorsal /x/ são produzidas como a plosiva [t], o que nos permite apontar para dificuldades com o contraste de traço [\pm contínuo].

Quanto às soantes, as nasais são realizadas e a vibrante múltipla por vezes é apagada e em outros momentos é realizada como [f], o que demonstra problemas com o traço [+soante] e os traços de ponto.

Na posição de OM, a plosiva /b/ é a única que apresenta variabilidade, uma vez que, em alguns momentos, é produzida a nasal [n] em seu lugar. Esse fato evidencia dificuldades com o estabelecimento do traço [-soante] e os traços de ponto. No que se refere às fricativas, a coronal [+anterior] é realizada como [f], demonstrando dificuldades com o estabelecimento do contraste de ponto labial *versus* coronal, é produzida também como [t], demonstrando problemas com o contraste [\pm contínuo] e é realizada, por vezes, como a nasal [n], o que demonstra dificuldades com o traço [-soante]. A fricativa coronal [-anterior] é realizada de duas maneiras, como [f] e [t], evidenciando problemas com contraste de ponto e com o traço [\pm contínuo] e [+anterior]. A mesma dificuldade com o contraste do traço [\pm contínuo] e dos traços de ponto ocorre também com a dorsal /x/, que é realizada como [t]. Com relação às líquidas, observamos o apagamento da lateral. Quanto à vibrante simples, verificamos a produção de uma nasal, [m], evidenciando problemas com o contraste do traço [\pm aproximante] e dos traços de ponto, e a produção da semivogal palatal [j]. A vibrante múltipla é realizada como [g], o que demonstra dificuldades com o estabelecimento de valores positivos aos traços [soante, contínuo, anterior].

No que se refere à coda, observamos uma preferência pela não realização das possibilidades licenciadas pela gramática dos sujeitos.

3.2.2.3.3 Sujeito 3 – Coleta 3 (idade - 1:9)

Na oportunidade da terceira coleta de dados, a menina estava com 1 ano e 9 meses de idade (1:9) e mantinha as mesmas produções fonéticas das etapas anteriores, conforme demonstramos no Quadro 44.

O Quadro 45 demonstra a variabilidade na produção de consoantes e o Quadro 46 apresenta o sistema de sons em contraste de S3.

Quadro 44 – Inventário fonético de S3 – 3ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	f		-		-	-	
africada					-		
nasal	m		n		ɲ		
líquida lateral			-				
não-lat. simp			-				
múlt			-				

Quadro 45 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S3 – 3ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
t → t			10/11	91	10/11	91
p			1/11	9	1/11	9
s → p	1/1	100	0/2	0	1/3	33,3
∅	0/1	0	1/2	50	1/3	33,3
f	0/1	0	1/2	50	1/3	33,3
ʒ → t	1/2	50	1/3	33,3	2/5	40
f	1/2	50	0/3	0	1/5	20
p	0/2	0	1/3	33,3	1/5	20
∅	0/2	0	1/3	33,3	1/5	20
x → ∅			1/1	100	1/1	100
tʃ → t	1/1	100	2/2	100	3/3	100
l → ∅	3/3	100	3/3	100	6/6	100
r → ∅			1/1	100	1/1	100
ř → ∅			1/1	100	1/1	100
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
s → s			4/6	67	4/6	67
∅			2/6	33	2/6	33
n → n	2/3	33	1/2	50	3/5	60
∅	1/3	67	1/2	50	2/5	40

Quadro 46 – Sistema de fones contrastivos de S3 – 3ª gravação

OA

p p	b b	t s/poss	d d		k k	g g
f f		s p			ʒ (t f)	x s/poss
				tʃ t		
	m m		n s/poss			
			l ∅			
			ʀ s/poss			

OM

p p	b b	t t	d d		k k	g s/poss
f f		s (∅ f)			ʒ (∅ p t)	x ∅
				tʃ t		
	m s/poss		n n		ɲ ɲ	
			l ∅			
			r ∅			
			ʀ ∅			

CM

s s/poss	N n ∅
r s/poss	l s/poss

CF

s s ∅	N (n ∅)
r s/poss	l s/poss

Os dados apresentados acima demonstram que a menina já adquiriu os contrastes alusivos às classes das plosivas, das nasais e da fricativa labial /f/, em ambas posições silábicas de *onset*.

Em OA, no contexto das [-soantes], a variabilidade apresentada na produção de /s/ está relacionada ao estabelecimento do contraste do traço [±contínuo]. Quanto à fricativa /ʒ/, observamos as mesmas dificuldades apresentadas em etapa anterior, correspondente a contrastes de ponto e do traço [±contínuo]. A africada é produzida

como plosiva, demonstrando problemas com o estabelecimento do contraste do traço [±anterior]. No contexto das [+soantes], há predominância de zero fonético no espaço de realização das consoantes.

Na posição de OM, as fricativas apresentam dificuldades com o estabelecimento do contraste de ponto, além de problemas com o traço [+contínuo]. Quanto à africada, observamos o mesmo fenômeno ocorrido em posição de OA. Quanto às líquidas, permanece a preferência de S3 por não produzi-las.

Com relação à coda, observamos que concorrem a realização correta e o zero fonético, no lugar das mesmas.

3.2.2.3.4 Sujeito 3 – Coleta 4 (idade - 1:11)

Na ocasião da quarta coleta de dados, a informante estava com 1 ano e 11 meses (1:11). Nesta etapa, seu inventário fonético aumenta com a inserção da fricativa coronal anterior [s], além daqueles sons já produzidos ([p, b, t, d, k, g, f, m, n, ɲ]), o que está evidente no Quadro 47.

No Quadro 48 tratamos da produção das consoantes e no Quadro 49 apresentamos o sistema de contrastes realizados por S3.

Quadro 47 – Inventário fonético de S3 – 4ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	f		s		-	-	
africada					-		
nasal		m		n	ɲ		
líquida lateral				-			
não-lat. simp				-			
múlt				-			

Quadro 48 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S3 – 4ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
s → f	1/2	50	0/1	0	1/3	33
s	1/2	50	1/1	100	2/3	67
ʒ → f	1/1	100	0/4	0	1/5	20
j	0/1	0	1/4	25	1/5	20
∅	0/1	0	3/4	75	3/5	60
x → ∅	2/2	100	0/1	0	2/3	67
f	0/2	0	1/1	100	1/3	33
tʃ → t			1/2	50	1/2	50
∅			1/2	50	1/2	50
l → ∅	2/2	100	2/2	100	4/4	100
r → ∅			2/3	67	2/3	67
n			1/3	33	1/3	33
ʀ → ∅	1/1	100	1/2	50	2/3	67
p	0/1	0	1/2	50	1/3	33
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
n → n	3/4	75	1/1	100	4/5	80
∅	1/4	25	0/1	0	1/5	20
l → j			1/1	100	1/1	100

Quadro 49 – Sistema de fones contrastivos de S3 – 4ª gravação

OA

p p	b b	t s/poss	d d		k k	g g
f s/poss		s (s f)			ʒ f	x Ø
	m m		n n	tʃ s/poss		
			l Ø			
			ʀ Ø			

OM

p p	b b	t t	d d		k k	g gg
f f		s s			ʒ Ø j	x f
	m m		n n	tʃ (Ø t)		
			l Ø		ɲ ɲ	
			r Ø n			
			ʀ (Ø p)			

CM

s s/poss	N n Ø
r s/poss	l s/poss

CF

s s/poss	N n
r s/poss	l j

Os dados apresentados, nesta etapa, demonstram que a menina possui em seu inventário fonológico os contrastes referentes à classe das plosivas, das nasais e das fricativas labial e coronal anterior, nas posições de *onset* absoluto e medial.

Na posição de OA, observamos que, no contexto das fricativas, há dificuldades com o estabelecimento do contraste de ponto labial *versus* coronal *versus* dorsal. A fricativa dorsal não é realizada pela informante, bem como a líquida lateral. A tendência

é que a fricativa labial, primeira a emergir nessa classe, ocupe o espaço das fricativas com outros pontos, seja coronal [\pm anterior], seja dorsal.

Na posição de OM, observamos a produção correta da fricativa labial e coronal anterior, contudo há variabilidade com a fricativa coronal não-anterior, que é apagada ou produzida como semivogal [j] (que também é palatal, mas [+soante]), e com a fricativa dorsal que é produzida como [f], evidenciando problemas com contraste de ponto. No que se refere à africada, mantém-se sua produção como a plosiva [t], o que demonstra dificuldades com o contraste de traço [\pm anterior]. Com relação às líquidas, observamos que no espaço da lateral há um zero fonético. A vibrante simples ou não é realizada ou é realizada como a nasal [n], demonstrando dificuldades com o estabelecimento do contraste de traço [\pm aproximante]. A vibrante múltipla é produzida como [p], o que demonstra dificuldades com o contraste do traço [\pm soante], ou um zero fonético ocupa seu lugar.

Com relação à coda, a única produção correta envolve a nasal /n/, tanto em coda medial quanto em coda final. Na coda final, a líquida /l/ é realizada como semivogal palatal [j].

Quanto à estrutura silábica, S3 já possui sílabas com coda, ou seja, CV(C).

3.2.2.3.5 Sujeito 3 – Coleta 5 (idade - 2:0)

Nesta etapa de coleta, a informante estava com 2 anos completos (2:0) e apresentava a produção de doze sons em seu inventário [p, b, t, d, k, g, f, s, m, n, ɲ, l], conforme consta no Quadro 50. Houve, pois, o acréscimo da líquida lateral.

O Quadro 51 retrata a variabilidade de produção das consoantes e o Quadro 52 demonstra os fones em contraste do sujeito, nesta etapa.

Quadro 50 – Inventário fonético de S3 – 5ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	f		s		-	-	
africada					-		
nasal		m		n	ɲ		
líquida lateral				l			
não-lat. simp				-			
múlt				-			

Quadro 51 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S3 – 5ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
t → t	2/2	100	6/7	86	8/9	89
p	0/2	0	1/7	14	1/9	11
d → d	3/3	100	3/4	75	6/7	86
∅	0/3	0	1/4	25	1/7	14
ʒ → ∅			1/2	50	1/2	50
t			1/2	50	1/2	50
x → k			1/1	100	1/1	100
tʃ → t	1/1	100			1/1	100
l → l			1/2	50	1/2	50
∅			1/2	50	1/2	50
r → j			1/2	50	1/2	50
∅			1/2	50	1/2	50
ř → n	2/2	100			2/2	100
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
s → ∅	2/2	100	2/5	40	4/7	57
s			3/5	60	3/7	43
n → ∅	3/6	50			3/6	50
n	3/6	50			3/6	50
r → ∅	1/1	100			1/2	50
j			1/1	100	1/2	50

Quadro 52 – Sistema de fones contrastivos de S3 – 5ª gravação

OA

p p	b b	t t	d d		k k	g g
f f		s s			ʒ s/poss	x s/poss
				tʃ t		
	m m		n n			
			l s/poss			
			ʀ n			

OM

p p	b b	t t	d d		k k	g g
f s/poss		s s			ʒ (Ø t)	x k
				tʃ s/poss		
	m m		n n		ɲ ɲ	
			l (l Ø)			
			r (Ø j)			
			ʀ s/poss			

CM

s Ø	N (n Ø)
r Ø	l s/poss

CF

s s Ø	N s/poss
r j	l s/poss

A partir desta penúltima etapa de coleta dos dados da informante, verificamos que as classes das plosivas e das nasais estão adquiridas, bem como a fricativa labial, em OA e a fricativa coronal anterior em OM.

No contexto das [-soante], observamos que a fricativa /ʒ/ apresenta um zero fonético em seu lugar ou a produção da plosiva [t], demonstrando problemas com o contraste de traço [+contínuo] e [+anterior], dificuldade também evidenciada na produção da fricativa dorsal, no que tange o estabelecimento do traço [+contínuo].

Quanto à africada, permanece a preferência por realizá-la como plosiva. Isso demonstra que S3 não distingue a plosiva /t/ da africada /tʃ/, ou seja, não estabeleceu o contraste [±anterior].

No contexto das [+soante], verificamos que há a produção correta da líquida lateral concorre com sua não realização. Quanto à vibrante simples, observamos que sua produção é realizada como semivogal ou é apagada. A vibrante múltipla é produzida como a nasal coronal anterior, demonstrando dificuldades com o contraste de traço [±aproximante].

Quanto à coda, observamos a predominância do zero fonético, contudo verificamos a produção da nasal /n/, em CM, e a produção da fricativa coronal /s/, em CF, bem como a vibrante simples é produzida como [j], na mesma posição silábica.

3.2.2.3.6 Sujeito 3 – Coleta 6 (idade - 2:1)

A última coleta de dados foi realizada quando a menina tinha 2 anos e 1 mês de idade (2:1). Seu inventário fonético era composto pelas classes das plosivas, nasais e fricativas, com exceção da fricativa velar. Seu inventário passou a incluir a fricativa palatal [ʃ], conforme demonstramos no Quadro 53.

No Quadro 54 apresentamos a variabilidade na produção das consoantes. No Quadro 55 retratamos a constituição do sistema de fones em contraste de S3, na ocasião dessa sexta coleta.

Quadro 53 – Inventário fonético de S3 – 6ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	f		s		ʒ	-	
africada					-		
nasal		m		n	ɲ		
líquida lateral				-			
não-lat. simp				-			
múlt				-			

Quadro 54 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S3 – 6ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
x → g	1/1	100	0/2	0	1/3	33
k	0/1	0	2/2	100	2/3	67
tʃ → t			1/1	100	1/1	100
l → Ø	3/3	100	0/1	0	3/4	75
ʒ	0/3	0	1/1	100	1/4	25
r → Ø			1/1	100	1/1	100
ř → f			1/1	100	1/1	100
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
r → Ø	1/2	50			1/2	50
ɾ	1/2	50			1/2	50

Quadro 55 – Sistema de fones contrastivos de S3 – 6ª gravação

OA

p p	b b	t t	d d			k k	g g
f f		s s			ʒ ʒ	x g	
	m m		n n	tʃ s/poss			
			l ∅				
			ʀ s/poss				

OM

p p	b b	t t	d d			k k	g s/poss
f s/poss		s s			ʒ ʒ	x k	
	m m		n n	tʃ t		ɲ ɲ	
			l ʒ				
			r ∅				
			ʀ f				

CM

s s	N n
r (r ∅)	l s/poss

CF

s s	N n
r s/poss	l s/poss

Os dados apresentados para esta última etapa de coleta demonstram que S3 já adquiriu contrastes referentes às classes das plosivas, das nasais e das fricativas, com exceção da dorsal. Essa é realizada como [g], em OA, e como [k], em OM, demonstrando dificuldade com o estabelecimento do contraste de traço [±contínuo]. Com relação à africada, percebemos que o contraste de traço [±anterior] ainda não está estabelecido.

Quanto às soantes, percebemos que S3 apresenta variabilidade de produção nas líquidas. A lateral é apagada, em OA, e é realizada como [ʒ], o que demonstra dificuldades com o traço [+soante] e [+anterior]. Quanto à vibrante simples, observamos um zero fonético em seu lugar. Já a vibrante múltipla é realizada como [f], evidenciando problemas com o estabelecimento do traço [+soante] e [coronal].

Com relação à coda silábica, observamos que a fricativa coronal e a nasal são produzidas de maneira correta, bem como há, no espaço da líquida não-lateral, a concorrência entre a produção de forma adequada e sua não produção. A estrutura CVC, portanto, já está estabelecida nesta etapa de desenvolvimento fonológico da menina.

3.2.2.4 Sujeito 4

O sujeito 4 (de agora em diante S4) é do sexo masculino e teve seu processo de aquisição fonológica acompanhado pelo período de seis meses, desde a idade de 1:7 até 2:0. A produção linguística do menino foi registrada em seis gravações, com intervalo médio de um mês.

3.2.2.4.1 – Sujeito 4 – Coleta 1 (idade – 1:6)

Na ocasião da primeira coleta de dados, o informante estava com 1 ano e 6 meses de idade (1:6) e seu inventário fonético era composto pelos sons [p, b, t, d, k, g, f, m, n, ɲ], como demonstramos no Quadro 56.

No Quadro 57 apresentamos a variabilidade de produção quanto às consoantes e por fim, no Quadro 58, o sistema de fones em contraste de S4, para essa primeira etapa.

Quadro 56 – Inventário fonético de S4 – 1ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	f		-		-	-	
africada					-		
nasal		m		n	ɲ		
líquida lateral				-			
não-lat. simp				-			
múlt				-			

Quadro 57 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S4 – 1ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
t → t	1/1	100	7/8	87,5	8/9	89
p	0/1	0	1/8	12,5	1/9	11
f → f	1/1	100	0/1	0	1/2	50
p	0/1	0	1/1	100	1/2	50
s → p	1/1	100	0/2	0	1/3	33,3
∅	0/1	0	1/2	50	1/3	33,3
k	0/1	0	1/2	50	1/3	33,3
ʒ → ∅	1/1	100	0/3	0	1/4	25
k	0/1	0	2/3	67	2/4	50
f	0/1	0	1/3	33	1/4	25
x → k			3/3	100	3/3	100
tʃ → t	1/1	100	1/1	100	2/2	100
l → ∅	2/2	100	4/4	100	6/6	100
r → ∅			2/3	67	2/3	67
j			1/3	33	1/3	33
ʁ → ∅	2/3	67	1/1	100	3/4	75
k	1/3	33	0/1	0	1/4	25
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
s → ∅	1/1	100	2/2	100	3/3	100
r → ∅	1/1	100	1/1	100	2/2	100
l → ∅	1/1	100	1/1	100	2/2	100

Quadro 58 – Sistema de fones contrastivos de S4 – 1ª gravação

OA

p p	b b	t t	d d		k k	g g
f f		s p			ʒ Ø	x s/poss
				tʃ t		
	m m		n n			
			l Ø			
			ʃ Ø k			

OM

p p	b b	t t	d d		k k	g g
f p		s (Ø k)			ʒ k f	x k
				tʃ t		
	m m		n n		ɲ ɲ	
			l Ø			
			r Ø j			
			ʃ Ø			

CM

s Ø	N s/poss
r Ø	l Ø

CF

s Ø	N s/poss
r Ø	l Ø

A partir dos dados apresentados acima, observamos que S4 já possui as classes das plosivas e das nasais.

Na posição de OA, percebemos a produção correta da fricativa labial e variabilidade na produção da coronal anterior e da palatal. A fricativa coronal anterior é realizada como a plosiva [p], demonstrando dificuldades com o contraste de traço [±contínuo] e [coronal]. Já a coronal não-anterior tem um zero fonético em seu lugar. No espaço da africada, observamos a realização da plosiva [t], o que demonstra

problemas com o contraste de traço [\pm anterior], sendo esse o responsável por opor a plosiva /t/ a africada /tʃ/. Quanto às líquidas, observamos a predominância de zero fonético em seus lugares e, especificamente, com a vibrante múltipla há a produção da plosiva [k], evidenciando dificuldades com o traço [+soante].

Em posição de OM, as fricativas apresentam problemas com o estabelecimento do contraste de ponto labial *versus* coronal *versus* dorsal e, também com o contraste de traço [\pm contínuo], uma vez que todas são realizadas como plosivas. Quanto à africada, verificamos que permanece a mesma dificuldade apresentada em posição de OA, assim como no contexto das líquidas. Nessas últimas, o que difere é a vibrante simples, que também é realizada como semivogal palatal.

Quanto à coda, observamos que em todos os contextos há a preferência por sua não realização; isso demonstra que a estrutura silábica de S4, para esta etapa, é composta por (C)V.

3.2.2.4.2 Sujeito 4 – Coleta 2 (idade – 1:8)

Quando da segunda etapa de coleta de dados, S4 estava com 1 ano e 8 meses de idade (1:8). O menino produzia os sons [p, b, t, d, k, g, f, m, n], conforme Quadro 59.

O Quadro 60 evidencia a produção das consoantes no que se refere à variabilidade, base para a Análise Contrastiva. No Quadro 61 visualizamos o sistema de fones contrastivos do sujeito.

Quadro 59 – Inventário fonético de S4 – 2ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	f		-		-	-	
africada					*		
nasal		m		-	*		
líquida lateral				-			
não-lat. simp				-			
múlt				-			

Quadro 60 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S4 – 2ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
t → t	3/3	100	7/8	87,5	10/11	91
p	0/3	0	1/8	12,5	1/11	9
s → Ø	1/2	50	0/1	0	1/3	33,3
p	1/2	50	0/1	0	1/3	33,3
f	0/2	0	1/1	100	1/3	33,3
ʒ → Ø			2/2	100	2/2	100
x → k	0/1	0	2/3	67	2/4	50
f	1/1	100	1/3	33	2/4	50
n → Ø			1/4	25	1/4	25
n			3/4	75	3/4	75
l → Ø	1/2	50	1/2	50	2/4	50
b	1/2	50	0/2	0	1/4	25
k	0/2	0	1/2	50	1/4	25
r → Ø			2/3	67	2/3	67
e			1/3	33	1/3	33
ř → p			1/1	100	1/1	100
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
s → Ø	1/1	100	1/1	100	2/2	100

Quadro 61 – Sistema de fones contrastivos de S4 – 2ª gravação

OA

p p	b b	t t	d d		k k	g g
f f		s (Ø p)			ʒ s/poss	x f
	m m		n n	tʃ s/poss		
			l (Ø b)			
			ʀ s/poss			

OM

p p	b b	t t	d s/poss		k k	g g
f f		s f			ʒ Ø	x k f
	m s/poss		n n Ø	tʃ s/poss		ɲ s/poss
			l Ø k			
			r Ø e			
			ʀ p			

CM

s Ø	N s/poss
r s/poss	l s/poss

CF

s Ø	N n
r s/poss	l s/poss

Os dados do menino, para esta segunda etapa, demonstram um sistema muito semelhante ao apresentado na etapa anterior.

Em *onset* absoluto, observamos a aquisição das plosivas, nasais e da fricativa labial. A produção da fricativa /s/ mostra a concorrência entre o zero fonético e a plosiva [p], o que demonstra dificuldades com o contraste de traço [\pm contínuo] e o traço [coronal]. A realização da fricativa /x/ evidencia problemas com o estabelecimento do contraste de ponto labial *versus* dorsal, uma vez que a mesma está sendo produzida

como [f]. Quanto à líquida lateral, observamos que, em seu espaço, há um zero fonético ou a plosiva [b], demonstrando dificuldades com os traços [+soante] e [coronal].

Em *onset* medial, verificamos a aquisição das plosivas e da fricativa labial. No contexto das fricativas, mantém-se a dificuldade com o estabelecimento do contraste de ponto entre essa classe e o estabelecimento do contraste de traço [\pm contínuo], no caso da fricativa velar. A nasal /n/ apresenta variabilidade, pois deixa de ser realizada em algum contexto. No que se refere às líquidas, percebemos que a lateral /l/ ora é apagada e ora é produzida como [k], demonstrando problemas com o traço [+soante] e [coronal], como ocorre, também, em posição de OA. A vibrante simples ora é apagada e ora é realizada como a vogal [e], e a vibrante múltipla é realizada como [p], evidenciando o mesmo problema apresentado pela produção da líquida lateral.

Em relação à coda medial e final, observamos a predominância de zero fonético e a produção da nasal /n/, de forma correta. A estrutura silábica permanece composta por *onset* simples e vogal, mostrando a sequência CVC somente em final de palavra e apenas quando a posição de coda é preenchida por nasal.

3.2.2.4.3 Sujeito 4 – Coleta 3 (idade - 1:9)

Na terceira coleta, S4 estava com 1 ano e 9 meses de idade (1:9) e seu inventário fonético manteve-se igual ao apresentado na primeira coleta, ou seja, o informante produzia as classes das plosivas, nasais e a fricativa labial, consoante Quadro 62.

A variabilidade de produção das consoantes está demonstrada no Quadro 63 e, na sequência, temos o Quadro 64, que apresenta os fones que estão em contraste nessa etapa de coleta.

Quadro 62 – Inventário fonético de S4 – 3ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	f		-		-	-	
africada					-		
nasal		m		n	ɲ		
líquida lateral				-			
não-lat. simp				-			
múlt				-			

Quadro 63 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S4 – 3ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
s → Ø	1/3	33,3	0/2	0	1/5	20
b	1/3	33,3	0/2	0	1/5	20
f	1/3	33,3	2/2	100	3/5	60
ʒ → Ø			1/3	33,3	1/3	33,3
t			1/3	33,3	1/3	33,3
s			1/3	33,3	1/3	33,3
x → Ø	1/1	100	1/2	50	2/3	67
k	0/1	0	1/2	50	1/3	33
tʃ → t	1/1	100	1/1	100	2/2	100
n → n	3/4	75	7/7	100	10/11	89
m	1/4	25	0/7		1/11	11
l → Ø	1/1	100	4/4	100	5/5	100
r → Ø			2/2	100	2/2	100
ʁ → Ø	1/1	100			1/1	100
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
n → Ø	1/3	67	0/1	0	1/4	25
n	2/3	33	1/1	100	3/4	75
r → Ø			1/1	100	1/1	100

Quadro 64 – Sistema de fones contrastivos de S4 – 3ª gravação

OA

p p	b b	t t	d d		k k	g g
f f		s (Ø f b)			ʒ s/poss	x Ø
				tʃ t		
	m m		n n m			
			l Ø			
			ʀ Ø			

OM

p s/poss	b b	t t	d d		k k	g s/poss
f f		s f			ʒ (Ø t s)	x (Ø k)
				tʃ t		
	m m		n n		ɲ ɲ	
			l Ø			
			r Ø			
			ʀ s/poss			

CM

s s/poss	N n Ø
r s/poss	l s/poss

CF

s s	N n
r Ø	l s/poss

Os dados desta terceira etapa demonstram a permanência de aquisição das mesmas classes naturais, bem como as mesmas dificuldades com relação ao estabelecimento de alguns contrastes, em se comparando com os meses anteriores.

Na posição de OA, verificamos que as plosivas e a fricativa labial foram produzidas de maneira correta. O fonema /s/ tem sua realização como zero fonético, como o som [f], demonstrando dificuldades com o estabelecimento do contraste de ponto, e como [b], o que demonstra problemas com o traço [+contínuo]. A africada /tʃ/

permanece sendo produzida como plosiva, demonstrando que o contraste de traço [±anterior] ainda não foi adquirido. A nasal /n/ apresenta variabilidade de produção, uma vez que é realizada como [n] e como [m], demonstrando problemas com o estabelecimento do contraste de ponto labial *versus* coronal, conforme já havia sido evidenciado na classe das fricativas. As líquidas continuam sendo apagadas, quando da possibilidade de suas realizações.

Na posição de OM, observamos que, além das plosivas e da fricativa labial, as nasais também não apresentam variabilidade. Quanto às fricativas, mantém-se a dificuldade com o estabelecimento do contraste de ponto, além de problemas com o contraste de traço [±contínuo]. A dificuldade com a africada permanece a mesma do que a apresentada em posição de OA. As líquidas ainda são ocupadas por um zero fonético em seus lugares.

Quanto à coda medial, verificamos a produção da nasal concorrendo com seu apagamento. Com relação à coda final, observamos a realização da fricativa coronal e da nasal, contudo a vibrante simples ainda não é produzida.

3.2.2.4.4 Sujeito 4 – Coleta 4 (idade – 1:10)

Quando o informante possuía 1 ano e 10 meses de idade (1:10), procedemos à quarta coleta de dados. Observamos que, nessa etapa, o inventário fonético de S4 sofreu alterações, através da produção de mais dois sons [s, ʃ], além daqueles que já eram produzidos em etapa anterior, o que fica evidente no Quadro 65.

No Quadro 66, demonstramos como as consoantes eram produzidas, nessa etapa. Já no Quadro 67, apresentamos o sistema de fones contrastivos do informante.

Quadro 65 – Inventário fonético de S4 – 4ª gravação

	labial		dent/alv		pal		velar	
plosiva	p	b	t	d			k	g
fricativa	f		s		ʃ	-	-	
africada					*			
nasal		m		n		ɲ		
líquida lateral				-				
não-lat. simp				-				
múlt				-				

Quadro 66 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S4 – 4ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
g → g	2/2	100	2/3	67	4/5	80
∅	0/2	0	1/3	33	1/5	20
s → s	1/2	50			1/2	50
∅	1/2	50			1/2	50
ʒ → ʃ	1/1	100			1/1	100
x → ∅	1/2	50	0/3	0	1/5	20
g	1/2	50	0/3	0	1/5	20
k	0/2	0	2/3	67	2/5	40
p	0/2	0	1/3	33	1/5	20
r → ∅			3/3	100	3/3	100
l → n	1/2	50	0/2	0	1/4	25
m	1/2	50	0/2	0	1/4	25
∅	0/2	0	1/2	50	1/4	25
t	0/2	0	1/2	50	1/4	25
ř → ∅	1/1	100	0/1	0	1/2	50
p	0/1	0	1/1	100	1/2	50
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
n → ∅	1/1	100	0/2	0	1/3	67
n	0/1	0	2/2	100	2/3	33
l → ∅	2/2	100			2/2	100
s → ∅	2/2	100	2/4	50	4/6	68
ʃ	0/2	0	2/4	50	2/6	32
r → ∅			1/1	100	1/1	100

Quadro 67 – Sistema de fones contrastivos de S4 – 4ª gravação

OA

p p	b b	t t	d d		k k	g g
f s/poss		s (Ø s)			ʒ ʒ	x (Ø g)
	m m		n n	tʃ s/poss		
			l (m n)			
			ʀ Ø			

OM

p p	b b	t t	d d		k s/poss	g g Ø
f f		s s/poss			ʒ s/poss	x k p
	m m		n n	tʃ s/poss		ɲ ɲ
			l (Ø t)			
			r Ø			
			ʀ p			

CM

s Ø	N Ø
r s/poss	l Ø

CF

s (Ø, ʃ)	N n
r Ø	l s/poss

A partir dos dados apresentados, verificamos que o informante continua evidenciando algumas dificuldades com o estabelecimento do contraste de traço [\pm contínuo].

Em posição de OA, as plosivas e nasais são produzidas de maneira correta. No contexto das fricativas, a produção da coronal anterior concorre com a sua não produção; a palatal sonora /ʒ/ é realizada como palatal surda [ʃ]; e a velar possui a plosiva [g] ou um zero fonético em seu lugar, demonstrando problemas com o traço

[+contínuo]. A líquida lateral /l/ é realizada como [m] ou [n], o que demonstra dificuldade com o contraste [±aproximante]. A vibrante múltipla não é produzida. É relevante observar que, na representação fonética da fricativa coronal palatal, o menino emprega segmento [-sonoro] em lugar de [+sonoro], embora jamais tenha mostrado problema com a oposição [±sonoro] em se tratando dos segmentos plosivos. Assim, tal substituição de valor de traço na classe das fricativas pode ser evidência da constituição, pela criança, de uma classe homogênea [+contínua, -sonoro] em sua gramática.

Na posição de OM, verificamos variabilidade com a plosiva velar, que em determinado contexto não foi produzida. Quanto à fricativa velar, observamos a realização de [k] e [p], em seu espaço, o que evidencia dificuldades com o contraste de traço [±contínuo]. As nasais são produzidas de maneira correta. As líquidas apresentam variabilidade em suas produções. A lateral por vezes não é realizada e, em outros contextos, é produzida como a plosiva [t], o que demonstra problemas com o traço [+soante]. A vibrante simples é apagada e a múltipla é produzida como [p], evidenciando, novamente, problemas com o estabelecimento do traço [+soante] e [coronal].

Quanto à posição de coda, observamos somente a produção da nasal. As outras possibilidades de coda não são produzidas ou, especificamente com relação à fricativa coronal, percebemos a realização da palatal surda, [ʃ], produção essa que também ocorreu na posição de OA.

Com relação à estruturação silábica, verificamos que S4 já admite sílabas com coda, isto é, estruturas compostas por (C)V(C).

3.2.2.4.5 Sujeito 4 – Coleta 5 (idade - 1:11)

Na quinta coleta de dados, o menino estava com 1 ano e 11 meses de idade (1:11) e produzia treze sons do inventário fonético de sua língua materna, conforme temos no Quadro 68, com a diferença de apresentar a fricativa palatal sonora [ʒ].

A variabilidade de realização das consoantes está disposta no Quadro 69 e, no Quadro 70, observamos como está constituído o sistema de sons contrastivos do informante, nessa etapa.

Quadro 68 – Inventário fonético de S4 – 5ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	f		s		ʒ	-	
africada					-		
nasal		m		n	ɲ		
líquida lateral				l			
não-lat. simp				-			
múlt				*			

Quadro 69 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S4 – 5ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
ʒ → ʒ			5/6	85	5/6	85
t			1/6	15	1/6	15
x → ʒ	1/3	67	0/1	0	1/4	25
f	2/3	33	0/1	0	2/4	50
k	0/3	0	1/1	100	1/4	25
tʃ → p	1/1	100			1/1	100
l → l	1/2	50	1/2	50	2/4	50
∅	1/2	50	1/2	50	2/4	50
r → ∅			2/2	100	2/2	100
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
s → s			1/3	33	1/3	33
∅			2/3	67	2/3	67
n → n	1/2	50	1/1	100	2/3	67
∅	1/2	50	0/1	0	1/3	33
l → ∅	3/3	100			3/3	100
r → ∅	1/1	100	1/2	50	2/3	67
j	0/1	0	1/2	50	1/3	33

Quadro 70 – Sistema de fones contrastivos de S4 – 5ª gravação

OA

p p	b b	t t	d d		k k	g s/poss
f f		s s			ʒ ʒ	x ʒ f
	m m		n n	tʃ p		
			l (l Ø)			
			ʀ s/poss			

OM

p p	b b	t t	d s/poss		k k	g g
f s/poss		s s			ʒ ʒ t	x k
	m m		n n	tʃ s/poss	ɲ ɲ	
			l (l Ø)			
			r Ø			
			ʀ s/poss			

CM

s s/poss	N (n Ø)
r Ø	l Ø

CF

s s Ø	N n
r (Ø j)	l s/poss

A partir desses dados, podemos verificar que o menino já adquiriu as classes das plosivas e das nasais e alguns segmentos fricativos.

No contexto das [-soante], em *onset* absoluto, o informante apresenta variabilidade na produção da velar /x/, que é realizada como [ʒ] e [f], demonstrando dificuldades com o estabelecimento do contraste de ponto. A africada /tʃ/ é realizada como [p], o que demonstra problemas com o contraste de ponto e de traço [±anterior], contraste que opõe a plosiva /t/ à africada /tʃ/. Em *onset* medial, observamos que, a

fricativa coronal palatal mostra concorrência com as realizações [ʒ] e [t], o que demonstra dificuldades com o estabelecimento do traço [+contínuo] e [-anterior]. A fricativa velar foi produzida como plosiva [k], evidenciando dificuldades com o estabelecimento do contraste de traço [±contínuo].

No contexto das [+soante], em *onset* absoluto e medial, a produção da líquida lateral concorre com seu apagamento e a vibrante simples ainda não é produzida.

Quanto à coda, temos a produção da nasal e da fricativa. A vibrante simples é apagada ou realizada como semivogal palatal.

3.2.2.4.6 Sujeito 4 – Coleta 6 (idade - 2:0)

Na ocasião da última coleta de dados, o informante estava com 2 anos de idade (2:0). Seu inventário fonético é composto pela classe das plosivas, nasais e fricativas labial, dental e palatal, conforme Quadro 71.

O Quadro 72 trata da variabilidade de produção das consoantes e o Quadro 73 apresenta os fones em contraste para essa última etapa de coleta.

Quadro 71 – Inventário fonético de S4 – 6ª gravação

	labial		dent/alv		pal	velar	
plosiva	p	b	t	d		k	g
fricativa	f		s		ʒ	-	
africada					-		
nasal		m		n	*		
líquida lateral				-			
não-lat. simp				-			
múlt				-			

Quadro 72 – Análise Contrastiva – Variabilidade de produção de S4 – 6ª gravação

Variabilidade de produção	OA		OM		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
t → t			11/12	91	11/12	91
p			1/12	9	1/12	9
s → s	2/2	100	4/5	80	6/7	86
ʃ	0/2	0	1/5	20	1/7	14
x → f			2/3	67	2/3	67
k			1/3	33	1/3	33
tʃ → t			2/2	100	2/2	100
l → Ø			2/2	100	2/2	100
r → Ø			2/4	50	2/4	50
n			1/4	25	1/4	25
j			1/4	25	1/4	25
ʃ → k	2/2	100			2/2	100
	CM		CF		TOTAL	
	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%	Oc/Poss	%
r → Ø	3/3	100	2/2	100	5/5	100
n → n	1/4	25	3/5	60	4/9	44
Ø	3/4	75	2/5	40	5/9	56

Quadro 73 – Sistema de fones contrastivos de S4 – 6ª gravação

OA

p p	b b	t s/poss	d d		k k	g g
f f		s s			ʒ ʒ	x s/poss
	m m		n n	tʃ s/poss		
			l s/poss			
			ʀ k			

OM

p p	b b	t t	d d		k k	g gg
f s/poss		s s			ʒ ʒ	x fk
	m m		n n	tʃ t		
			l ∅		ɲ s/poss	
			r ∅ (n,j)			
			ʀ s/poss			

CM

s s	N ∅ n
r ∅	l s/poss

CF

s s	N n ∅
r ∅	l s/poss

Os dados dessa última etapa demonstram que o informante adquiriu mais contrastes em seu sistema fonológico.

No que se refere às não-soantes, verificamos a aquisição das classes das plosivas, fricativas (com exceção da velar) e nasais. A velar é realizada como [f], demonstrando problemas com o estabelecimento do contraste de ponto, ou como [k], demonstrando problemas com o contraste de traço [\pm contínuo]. A africada [tʃ] segue

sendo realizada como plosiva, o que demonstra dificuldades com o contraste [±anterior].

Com relação às soantes, a líquida lateral possui um zero fonético em seu lugar. A vibrante simples é apagada, ou concorre com realização de [n] e [j], demonstra dificuldades com o contraste [±aproximante] e [±anterior], respectivamente. A vibrante múltipla é produzida como [k], o que demonstra algum problema com o contraste de traço [±soante].

A posição de coda permanece com as mesmas características, ou seja, a produção correta está relacionada à nasal e à fricativa. As outras possibilidades não são realizadas.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo procederemos à análise dos dados dos quatro sujeitos investigados neste estudo.

4.1 Sujeito 1

O Sujeito 1 (S1) foi acompanhado por seis meses, entre a faixa etária de 1:6 a 2:0, conforme descrito na seção 3.3.1. Com base nos dados dispostos na aludida seção, apresentamos um quadro-resumo (Quadro 74), contendo a discriminação da coleta e faixa etária correspondente, os segmentos adquiridos e não-adquiridos e os contrastes estabelecidos em cada fase, segundo cada coleta de dados.

Quadro 74 – Contrastes estabelecidos por S1

Coleta – faixa etária	Segmentos adquiridos	Segmentos não-adquiridos	Contrastes estabelecidos
1 - 1:6	/p/, /b/, /t/, /d/, /g/, /m/, /n/	/k/, /s/, /ʒ/, /x/, /ɲ/, /l/, /r/	soante <i>versus</i> obstruinte coronal <i>versus</i> labial <i>versus</i> dorsal / plosivas surda <i>versus</i> sonora / plosivas coronais surda <i>versus</i> sonora / plosivas labiais labial <i>versus</i> coronal / nasais
2 – 1:8	/p/, /b/, /t/, /d/, /f/, /m/, /n/	/k/, /g/, /s/, /ʒ/, /x/, /tʃ/, /ɲ/, /l/, /r/, /ʁ/	contínuo <i>versus</i> não- contínuo
3 – 1:9	/p/, /b/, /k/, /g/, /f/, /m/, /n/	/t/, /s/, /ʒ/, /tʃ/, /m/, /ɲ/, /l/, /r/, /ʁ/	surda <i>versus</i> sonora / plosivas dorsais
4 – 1:10	/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /f/, /m/, /n/	/g/, /s/, /ʒ/, /x/, /tʃ/, /r/	Nenhum contraste novo estabelecido
5 – 1:11	/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /ʒ/, /m/, /n/, /ɲ/	/s/, /x/, /tʃ/, /l/, /r/, /ʁ/	anterior <i>versus</i> não-anterior / nasais coronais labial <i>versus</i> coronal / fricativas
6 – 2:0	/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /s/, /ʒ/, /m/, /n/, /ɲ/	/x/, /tʃ/, /l/, /r/, /ʁ/	anterior <i>versus</i> não-anterior / fricativas coronais

Antes de apresentarmos comentários sobre o Quadro 74, trazemos o Quadro 75, com exemplos da produção linguística de S1 em cada etapa do desenvolvimento fonológico registrado no presente estudo.

Quadro 75 – Produções de S1

Etapas apresentadas por S1	Fonemas adquiridos	Exemplos de produções
1	/p/	1. pallazo – [pa'pafo] 2. zapato – [ˈpato]
	/b/	3. bruja – [ˈbuka] 4. Davi – [a'bi]
	/t/	5. tete – [ˈtete] 6. zapato – [ˈpato]
	/d/	7. dado – [ˈdado] 8. dedito – [de'dito]
	/g/	9. água – [ˈagwa] 10. gatillo – [ga'tjo]
	/m/	11. mami – [ˈmɛmi] 12. muñeca - [mu'eka]
	/n/	13. nena – [ˈnena] 14. niña – [ˈnena]
2	/f/	15. flor – [ˈfo] 16. café – [ka'fe]
3	k/	17. cutilla – [ku'tiza] 18. vaca – [ˈbaka]
4	/ʒ/	19. frutilla – [ˈtiʒa] 20. amarillo – [ˈama'ʒo]
	/ɲ/	21. niño – [ˈniɲo] 22. papiña – [pa'piɲa]
5	/s/	23. vaso – [ˈbaso] 24. sopa – [ˈsopa]

A partir dos dados apresentados nos Quadros 74 e 75, verificamos que, durante o período de desenvolvimento objeto de estudo nesta Dissertação (1:6 – 2:0), a menina apresenta cinco etapas de aquisição das consoantes de sua fonologia.

Inicialmente, ao produzir quase todos os segmentos da classe das consoantes plosivas e das nasais /m/ e /n/, S1 estabelece o contraste que opõe soantes a obstruintes. No contexto das plosivas, observamos o estabelecimento dos contrastes de ponto coronal *versus* labial *versus* dorsal, uma vez que há o emprego de pelo menos um

segmento que possui cada um desses pontos articulatórios. O contraste de sonoridade está plenamente adquirido no contexto das plosivas coronais e labiais. Já nas plosivas de ponto dorsal, a consoante sonora está adquirida, mas a surda está em aquisição, pois a menina a realiza com variabilidade. No contexto das consoantes nasais, observamos o estabelecimento do contraste de ponto coronal *versus* labial, com a aquisição dos segmentos /n/ e /m/.

A segunda etapa de S1 é caracterizada pela emergência do contraste [\pm contínuo], responsável pela oposição entre plosivas e fricativas, no contexto das obstruintes. Esse contraste surge em razão da aquisição da fricativa labial /f/.

Para a terceira etapa desta informante temos o estabelecimento do contraste de sonoridade, no contexto das plosivas dorsais, uma vez que o segmento-alvo passa a ser produzido, sem variabilidade, a saber a consoante surda /k/.

Na quarta etapa, observamos o surgimento de contrastes que envolvem as classes naturais das nasais e das fricativas. No contexto das soantes, emerge o segmento /ɲ/, o que demonstra o estabelecimento do contraste de ponto [\pm anterior], sendo esse o responsável por opor os segmentos /n/ de /ɲ/, na coocorrência [+soante, coronal]. No que se refere às obstruintes, verificamos a aquisição do fonema /ʒ/, demonstrando que o contraste de ponto coronal *versus* labial passa a estabelecer-se na coocorrência [-soante, +contínuo].

Na última etapa apresentada por S1, observamos o surgimento do segmento /s/, fricativa coronal anterior que se opõe à fricativa coronal não-anterior /ʒ/, evidenciando a emergência do contraste [\pm anterior], na classe das consoantes fricativas coronais.

Vislumbrando as cinco etapas apresentadas por S1, constantes no Quadro 74, salientamos a relevância da coocorrência de traços. É importante observar que os contrastes entre traços de ponto (coronal, labial e dorsal) surgem primeiro na coocorrência com o valor de traço [-contínuo], que caracteriza as classes das plosivas e das nasais. Também, o contraste [\pm anterior] surge, primeiramente, na coocorrência com [-contínuo] (classe das nasais) e, depois, na coocorrência com [+contínuo] (classe das fricativas). Percebemos que esta menina realiza o estabelecimento dos contrastes de ponto de sua gramática, inicialmente, na coocorrência com [-contínuo], traço considerado não-marcado por Clements ([2005] 2009).

O fato de haver o estabelecimento de determinados contrastes estabelecidos pelo mesmo traço, em momentos (etapas) diferentes, a depender do contexto de traços ou classe de segmentos envolvidos, confirma a importância do fenômeno da coocorrência de traços, uma vez que, como evidenciamos nas etapas apresentadas por S1, a emergência dos contrastes de traços não se estende, no mesmo momento, a todas as classes em que tais traços operam como distintivos.

No que se refere às etapas de aquisição previstas, preliminarmente, pelo PAC para o ESP (seção 2.6), observamos que a menina estabelece quase todos os contrastes alusivos às primeiras quatro etapas do modelo, com exceção daquele responsável pela oposição entre soantes nasais e orais e, também, o contraste de traço [dorsal], no contexto das fricativas. Além disso, o contraste entre consoantes plosivas, africada e fricativas não é estabelecido, pois, como já mencionado, essa oposição está vinculada à emergência dos contrastes de traço [\pm anterior], na coocorrência [-soante, -contínuo, coronal]. Contudo, as etapas em que tais contrastes são adquiridos não fazem correspondência direta às previstas de maneira preliminar pelo modelo. Além disso, a informante subdivide uma das etapas previstas, apresentando, portanto, cinco etapas, ao invés de quatro iniciais como o modelo sugeria.

Comparando as etapas de aquisição apresentadas por S1 e aquelas propostas pelo PAC para o ESP, verificamos que, na primeira etapa, S1 deixa de estabelecer o contraste de sonoridade, no contexto das plosivas dorsais, o qual é adquirido em sua terceira etapa, o que corresponde, em faixa etária, à segunda etapa preliminar do PAC para o ESP.

Os contrastes previstos pelo modelo, para a segunda etapa de aquisição, são estabelecidos pela informante em sua segunda e quarta etapas, sendo que em uma se estabelece o contraste [\pm contínuo], na coocorrência com [-soante] e, na outra, [\pm anterior], na coocorrência [+soante, -aproximante, coronal], seguindo essa ordem.

A terceira etapa do PAC para o ESP, em que está prevista a emergência dos contrastes de ponto entre as fricativas, corresponde à quarta etapa de S1, porém não há o estabelecimento do contraste de traço [dorsal], uma vez que S1 não adquiriu a fricativa velar /x/, durante o período de coleta.

Os contrastes previstos pela quarta etapa do modelo não são plenamente adquiridos, pois não há a aquisição do contraste referente à oposição entre nasais e líquidas. Já o contraste de traço [\pm anterior], no contexto das fricativas coronais, é estabelecido na quinta etapa apresentada pela menina.

Ao compararmos as cinco etapas apresentadas por S1 e as etapas propostas pelo PAC para o PB (seção 2.5), verificamos que a informante adquiriu os contrastes correspondentes à, aproximadamente, três etapas do modelo para o PB.

A primeira etapa do PAC para o PB (crianças de até 2:0 de idade) prevê a aquisição dos contrastes referentes à oposição entre soantes *versus* obstruintes, ponto labial *versus* coronal *versus* dorsal e sonoridade no contexto das consoantes plosivas, ponto labial *versus* coronal no contexto das nasais, e anterior *versus* não-anterior nas nasais coronais. Desses, percebemos que correspondem à primeira etapa de aquisição de S1 quase todos os contrastes previstos, com exceção do responsável pela oposição de sonoridade entre plosivas dorsais e o contraste de traço [\pm anterior], no contexto das nasais coronais, sendo que esses dois contrastes emergem, na gramática da informante, na terceira e quarta etapas, respectivamente. Com isso, concluímos que os contrastes estabelecidos pela primeira etapa do PAC para o PB são adquiridos por S1, em sua totalidade, até a faixa etária de 1:11.

Da segunda e terceira etapas de aquisição fonológica do PAC para o PB, surgem no sistema fonológico da menina dois contrastes, respectivamente: [\pm contínuo], na coocorrência com [-soante], e [\pm anterior], na coocorrência [+contínuo, coronal]. Uma vez que esses contrastes são estabelecidos nas faixas etárias de 1:8 ([\pm contínuo]) e 2:0 ([\pm anterior]), S1 antecipa as etapas previstas pelo PAC para o PB, pois essas oposições seriam adquiridas até 2:6, no primeiro caso, e até 3:0, no segundo. Esse fato nos permite refletir sobre a possibilidade de, na língua espanhola, contrastes que são estabelecidos mais tardiamente no português possam ser estabelecidos de maneira mais precoce na língua objeto de estudo desta pesquisa.

O comportamento da gramática fonológica dessa menina, no período, parece estar indicando dois fatos relevantes: primeiramente, parece estar apontando para a necessidade da revisão da proposta inicial apresentada para o PAC - ESP, mostrada na seção; em segundo lugar, parece atestar a necessidade de estabelecimento de diferença

entre o PAC - ESP e o PAC - PB, mesmo em se considerando os segmentos consonantais que os dois sistemas – o do português e o do espanhol – têm em comum.

4.2 Sujeito 2

Entre a faixa etária de 1:7 a 2:0, acompanhamos o desenvolvimento fonológico do Sujeito 2 (S2) e dispusemos a descrição dos dados resultantes desse acompanhamento em um quadro-resumo (Quadro 76), no qual constam informações referentes à coleta e faixa etária correspondente, os segmentos que o informante adquiriu e aqueles que ele não adquiriu e os contrastes que ele estabeleceu em cada período. No Quadro 77 apresentamos alguns exemplos das produções do menino.

Quadro 76 – Contrastes estabelecidos por S2

Coleta – faixa etária	Segmentos adquiridos	Segmentos não-adquiridos	Contrastes estabelecidos
1 - 1:7	/p/, /b/, /t/, /d/, /g/, /m/, /n/	/k/, /f/, /s/, /ʒ/, /tʃ/, /ɲ/, /l/, /r/, /ʁ/ /ʁ/	soante <i>versus</i> obstruinte coronal <i>versus</i> labial <i>versus</i> dorsal / plosivas surda <i>versus</i> sonora / plosivas coronais surda <i>versus</i> sonora / plosivas labiais labial <i>versus</i> coronal / nasais
2 – 1:8	/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /m/, /n/, /ɲ/	/s/, /ʒ/, /x/, /tʃ/, /l/, /r/	surda <i>versus</i> sonora / plosivas dorsais contínuo <i>versus</i> não- contínuo anterior <i>versus</i> não-anterior / nasais coronais
3 – 1:9	/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /m/, /n/	/f/, /s/, /ʒ/, /x/, /tʃ/, /ɲ/, /l/, /r/, /ʁ/	Nenhum contraste novo estabelecido
4 – 1:10	/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /m/, /n/	/s/, /ʒ/, /x/, /tʃ/, /ɲ/, /l/, /r/, /ʁ/	Nenhum contraste novo estabelecido
5 – 1:11	/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /m/, /n/, /ɲ/	/s/, /ʒ/, /x/, /tʃ/, /l/, /r/, /ʁ/	Nenhum contraste novo estabelecido
6 – 2:0	/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /s/, /m/, /n/, /ɲ/	/ʒ/, /x/, /tʃ/, /l/, /r/, /ʁ/	labial <i>versus</i> coronal / fricativas

Quadro 77 – Produções de S2

Etapas apresentadas por S2	Fonemas adquiridos	Exemplos de produções
1	/p/	1.lápiz – [‘api] 2.papá – [pa’pa] 3.zapato – [‘pate]
	/b/	4. abuelo – [‘bebo] 5. bicicleta – [‘bike]
	/t/	6. tren – [‘tene] 7. cutilla – [ti’tina] ~ [ku’tina]
	/d/	8. dado – [‘dado] 9. dedito – [de’dito]
	/g/	10. aguiña – [a’gina] 11. globo – [‘gobo]
	/m/	12. mamá – [ma’má] 13. mamadera - [‘mema]
	/n/	14. ventana – [be’tana] 15. nena – [‘nena]
2	/k/	16. casa – [‘kaka] 17. cucharilla – [kuta’ita]
	/f/	18. café – [ka’fe] 19. sofá – [fo’fa]
	/ɲ/	20. muñeca – [mu’neka] 21. niña – [ni’ɲa]
3	/s/	22. cinco – [‘sĩko] 23.pallazo – [pa’paso]

Os dados dispostos nos dois quadros acima permitem depreender que, para o período de desenvolvimento estudado, este menino apresenta três etapas de aquisição fonológica das consoantes de sua língua materna.

Fundamentalmente, os principais contrastes são estabelecidos nas duas primeiras etapas, que compreendem a faixa etária de 1:7 a 1:8. O último contraste adquirido somente passa a estabelecer-se na faixa etária de 2:0, portanto, S2 permanece por um período de três meses sem adquirir nenhum contraste novo em sua fonologia.

Na primeira etapa de aquisição apresentada pelo informante, verificamos que há a aquisição dos contrastes alusivos à oposição de duas grandes classes naturais: soantes e obstruintes. No contexto das soantes, o menino adquiriu as consoantes /m/ e /n/, demonstrando, portanto, que está estabelecido o contraste de ponto coronal *versus* labial entre a classe das nasais. No contexto das obstruintes, observamos a aquisição de quase todos os segmentos pertencentes à classe das consoantes plosivas. Os segmentos adquiridos evidenciam o estabelecimento dos contrastes de ponto coronal *versus* labial *dorsal* e de sonoridade entre as plosivas coronais e labiais. Assim como S1, S2 não adquiriu o contraste de sonoridade no contexto das plosivas dorsais, nessa primeira etapa.

Em sua segunda etapa de aquisição fonológica, o menino estabeleceu o contraste de sonoridade entre as consoantes plosivas dorsais, por meio da aquisição da plosiva dorsal surda /k/. Além desse contraste, verificamos também a aquisição do contraste de traço [\pm contínuo], que distingue as plosivas das fricativas, por meio da emergência da fricativa labial /f/, que passa a compor o inventário fonológico do informante. Na classe das soantes, há o surgimento do contraste [\pm anterior] no contexto das consoantes nasais coronais. Com o estabelecimento desse contraste, temos a conclusão da emergência dos contrastes referentes à classe das nasais.

A terceira etapa de aquisição apresentada pelo informante é caracterizada pela emergência do contraste de ponto coronal *versus* labial, na coocorrência [-soante, +contínuo], isto é, na classe das fricativas, por meio da aquisição do fonema /s/.

No que concerne à coocorrência de traços, percebemos que, assim como a informante 1, S2 também estabelece os contrastes de ponto labial *versus* coronal *versus* dorsal e o contraste de traço [\pm anterior], primeiramente, na coocorrência com [-contínuo] para, posteriormente, adquiri-los na coocorrência com [+contínuo]. Isso demonstra uma tendência de ambos os informantes a evitar traços considerados marcados, o que corrobora o quarto princípio fonológico proposto por Clements ([2005] 2009).

Analisando, de maneira comparativa, as etapas de aquisição apresentadas por este menino e aquelas previstas pelo PAC para o ESP, podemos verificar que, para as fases propostas para o período de acompanhamento, S2 deixa de estabelecer os

contrastes alusivos à quarta etapa, que compreende à faixa etária a partir dos 2:0 de idade. No que se refere ao detalhamento dos contrastes estabelecidos em cada etapa, é possível afirmarmos que as três etapas apresentadas por este sujeito convergem em somente um ponto, em relação às fases previstas pelo modelo para o espanhol. Essa convergência diz respeito ao contraste de sonoridade entre consoantes plosivas dorsais, que, para o PAC, é adquirido em primeira etapa e em S2 observamos que ele é estabelecido na segunda etapa.

Cabe salientar que a quarta etapa prevista pelo modelo compreende o estabelecimento dos contrastes de traço [\pm anterior], na coocorrência com [-soante, +contínuo, coronal] e [\pm aproximante], na coocorrência com [+soante]. Porém, o menino não adquiriu qualquer segmento responsável por tais oposições.

Os dados de S2, em comparação às etapas propostas pelo PAC para o PB, mostram que os contrastes estabelecidos pelo menino em três etapas, durante o período de desenvolvimento acompanhado, correspondem a duas etapas do modelo para o português. A primeira etapa do informante e dois contrastes adquiridos na segunda etapa fazem correspondência com a primeira etapa prevista pelo PAC para o PB. O outro contraste estabelecido na segunda etapa, [\pm contínuo], também emerge em uma segunda fase no modelo para o PB. No que se refere ao contraste de ponto coronal *versus* labial, na coocorrência [-soante, +contínuo], que surge na terceira etapa apresentada por S2, no PAC para o português sua emergência ocorre na segunda etapa, juntamente com o contraste [\pm contínuo].

Os dados de aquisição da gramática fonológica deste menino conduzem a duas reflexões importantes: com relação à proposta preliminar do PAC para o espanhol, verificamos que há correspondência entre as etapas de aquisição apresentadas por S2 e aquelas previstas pelo modelo, com exceção da quarta etapa, da qual nenhum contraste é estabelecido pelo menino; quanto ao PAC para o PB, observamos que todos os segmentos adquiridos por esse informante também constituem a gramática fonológica do português brasileiro, e a convergência existente entre o modelo para o português e os dados de S2 dizem respeito à não aquisição de alguns contrastes referentes à segunda etapa do PAC para o PB.

Comparando, de maneira geral, as reflexões sobre S1 e de S2, verificamos que esse último apresenta etapas de aquisição fonológica mais próximas às previstas, preliminarmente, pelo PAC para o ESP e pelo PAC para o PB.

4.3 Sujeito 3

O Sujeito 3 (S3) teve seu desenvolvimento fonológico acompanhado por seis meses, na faixa etária de 1:7 a 2:1. Com o objetivo de demonstrar esse desenvolvimento, apresentamos, no quadro-resumo abaixo (Quadro 78), as seguintes informações: da esquerda para direita, na primeira coluna constam a faixa etária e a coleta correspondente à idade; na segunda, temos a listagem de segmentos adquiridos; na próxima, os segmentos que não foram adquiridos pela informante, e, por último, os contrastes estabelecidos durante o período de acompanhamento.

Para demonstrar as produções de S3, temos no Quadro 79 exemplos de palavras em que constam os segmentos-alvo adquiridos pela menina, em cada etapa que há emergência de um novo contraste.

Quadro 78 – Contrastes estabelecidos por S3

Coleta – faixa etária	Segmentos adquiridos	Segmentos não-adquiridos	Contrastes estabelecidos
1 - 1:7	/p/, /b/, /t/, /k/, /g/, /f/, /m/, /ɲ/	/d/, /s/, /ʒ/, /x/, /tʃ/, /n/, /l/, /r/, /ʁ/	soantes <i>versus</i> obstruintes coronal <i>versus</i> labial <i>versus</i> dorsal / plosivas surda <i>versus</i> sonora / plosivas labiais surda <i>versus</i> sonora / plosivas dorsais labial <i>versus</i> coronal / nasais contínuo <i>versus</i> não-contínuo
2 – 1:8	/p/, /t/, /d/, /g/, /f/, /m/, /n/, /ɲ/	/b/, /k/, /s/, /ʒ/, /x/, /ɲ/, /l/, /r/, /ʁ/	surda <i>versus</i> sonora / plosivas coronais anterior <i>versus</i> não-anterior / nasais coronais
3 – 1:9	/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /m/, /n/, /ɲ/	/s/, /ʒ/, /x/, /tʃ/, /l/, /r/, /ʁ/	Nenhum contraste novo estabelecido
4 – 1:11	/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /m/, /n/, /ɲ/	/s/, /ʒ/, /x/, /tʃ/, /l/, /r/, /ʁ/	Nenhum contraste novo estabelecido
5 – 2:0	p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /s/, /m/, /n/, /ɲ/	/ʒ/, /x/, /tʃ/, /l/, /r/, /ʁ/	labial <i>versus</i> coronal / fricativas
6 – 2:1	/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /s/, /ʒ/, /m/, /n/, /ɲ/	/x/, /tʃ/, /l/, /r/, /ʁ/	anterior <i>versus</i> não-anterior / fricativas coronais

Quadro 79 – Produções de S3

Etapas apresentadas por S2	Fonemas adquiridos	Exemplos de produções
1	/p/	1. pez – [‘pe] 2. perro – [‘peo]
	/b/	3. abuela – [abu’ea] 4. banana – [ba’naa]
	/t/	5. dedito – [‘dito] 6. pajarito – [papa’ito]
	/k/	7. conejo – [ko’neko] 8. cuchara – [ku’tia]
	/g/	9. agua – [‘agwa] 10. dragón – [da’go]
	/f/	11. elefante – [‘fãte] 12. frutilla – [fu’tita]
	/m/	13. jamón – [ta’món] 14. zumo – [‘umo]
	/ɲ/	15. muñeca – [mu’neka] 16. cariño – [mi’miɲo]
2	/d/	17. dulce – [‘dute] 18. dibujo – [di’buko]
	/n/	19. gallina – [ga’tina] 20. banana – [ba’nana]
3	/s/	21. zapato – [as’pato] 22. onza – [‘õsa]
4	/ʒ/	23. cepillo – [se’piʒo] 24. silla – [‘siʒa]

A partir dos dados apresentados nos Quadros 78 e 79, podemos verificar que, para o período de estudos desta pesquisa, S3 apresenta quatro etapas para a aquisição das consoantes de sua gramática.

Já na primeira etapa, que corresponde à primeira coleta, seis contrastes são estabelecidos pela menina. A emergência desses contrastes é responsável pelo surgimento de três grandes classes naturais: plosivas, fricativas e nasais. Ao adquirir o contraste que opõe soantes a obstruintes, a menina está adquirindo segmentos das

classes das plosivas e das nasais e, ao estabelecer o contraste de traço [\pm contínuo], ela está adquirindo a oposição de consoantes plosivas a consoantes fricativas. Esse último contraste é estabelecido por meio da aquisição da fricativa labial /f/, que já é produzida sem variabilidade pela informante. Na classe das plosivas foram estabelecidos os contrastes de ponto coronal *versus* labial *versus* dorsal e, também, de sonoridade nas coocorrências [-soante, -contínuo, labial] e [-soante, -contínuo, dorsal]. O contraste [\pm voz] não é plenamente adquirido por S3, pois não há a produção do fonema sonoro /d/, nesta etapa, para contrastar com a consoante surda /t/. No contexto das nasais, observamos que S3 estabelece o contraste de ponto coronal *versus* labial, com a aquisição dos fonemas /n/ e /m/.

A segunda etapa apresentada por esta menina é caracterizada pela emergência do contraste de sonoridade na coocorrência [-soante, -contínuo, coronal] e o contraste de traço [\pm anterior], no contexto das nasais coronais, através da aquisição do fonema /n/.

Na terceira etapa, S3 adquiri o fonema /s/, estabelecendo, assim, o contraste de ponto coronal *versus* labial, no contexto das consoantes fricativas.

A emergência do contraste de traço [\pm anterior], no contexto das fricativas coronais, caracteriza a última etapa desta informante, no período acompanhado. Esse contraste é estabelecido por meio da aquisição da fricativa não-anterior /ʒ/.

Diante dos contrastes estabelecidos em cada etapa, podemos reconhecer que o inventário fonológico desta menina, assim como de S1 e S2, parte de coocorrências de traços não marcados para as diferentes classes de segmentos. Esse fenômeno fica evidente, no caso de S3, pelo estabelecimento dos contrastes de ponto, primeiramente, na coocorrência com [-contínuo], classe das consoantes plosivas e nasais, para, depois, em etapa posterior, ser estabelecido na coocorrência com [+contínuo], classe das fricativas. O mesmo fato ocorre com o contraste de traço [\pm anterior], que é adquirido na coocorrência [+soante, -contínuo], na primeira etapa de S3, e na coocorrência [-soante, +contínuo], em sua última etapa.

Ao compararmos as etapas apresentadas por S3 e as previstas pelo PAC para o ESP, observamos que, para o período de desenvolvimento acompanhado, esta é a primeira informante que possui o mesmo quantitativo de etapas em relação às propostas,

de maneira preliminar, pelo modelo para o espanhol. Contudo, há divergência nos períodos em que determinados contrastes são estabelecidos.

Com relação à primeira etapa prevista pelo modelo, observamos que S3 adquiriu a quase totalidade dos contrastes previstos, deixando de estabelecer somente o contraste de sonoridade, no contexto das plosivas coronais, o qual é adquirido na etapa subsequente. Os contrastes propostos para a segunda etapa são estabelecidos em duas etapas pela menina: o contraste [\pm contínuo], na primeira etapa, e o contraste [\pm anterior], na segunda etapa, sendo que esse último emerge correspondentemente à etapa prevista pelo modelo. O terceiro período determinado pelo PAC está relacionado à terceira etapa apresentada por S3, porém, assim como acontece com os outros dois sujeitos, S3 estabelece o contraste de ponto labial *versus* coronal, na coocorrência com [-soante, +contínuo], porém, por não adquirir a fricativa dorsal /x/, não estabelece o contraste de ponto referente a essa consoante. A última etapa de S3 tem correspondência com a quarta etapa proposta pelo PAC para o ESP, no que se refere à aquisição do contraste de traço [\pm anterior], na coocorrência [-soante, +contínuo, coronal], porém o contraste que opõe nasais às líquidas, a saber [\pm aproximante], não é estabelecido.

Analisando as etapas em que determinados contrastes são estabelecidos pela menina e as etapas propostas pelo PAC para a aquisição de contrastes do PB, verificamos que a primeira e a segunda etapas da menina possuem certa relação com as duas primeiras etapas do modelo para o PB, visto que há dois pontos divergentes: o contraste [\pm contínuo] é adquirido na primeira etapa por S3 e está previsto para ser estabelecido em segunda etapa na gramática do português; e o contraste de sonoridade entre plosivas coronais é adquirido no segundo período pela menina e tem previsão de aquisição na primeira etapa no modelo para o PB.

No que se refere à terceira etapa de S3, em que o contraste de ponto labial *versus* coronal entre fricativas é estabelecido, observamos que a previsão de estabelecimento desse contraste, no modelo para o PB, ocorre em etapa anterior, ou seja, na segunda etapa.

A quarta etapa da informante corresponde ao estabelecimento de um contraste previsto pelo PAC para o PB, em sua terceira fase, [\pm anterior], na coocorrência [-soante, +contínuo, coronal]. O contraste [\pm aproximante], que também é previsto para a terceira

etapa do PAC para o PB, não é adquirido por S3, bem como os contrastes previstos para a quarta etapa do modelo para o português.

O comportamento da gramática fonológica de S3 está muito próximo ao que preliminarmente propusemos como modelo de aquisição de contrastes para o espanhol, assim como evidenciamos algumas correspondências com o PAC para o PB, com relação àqueles contrastes que são comuns às duas línguas – espanhol e português.

4.4 Sujeito 4

O Sujeito 4 (S4) teve seu processo de aquisição da fonologia acompanhado durante seis meses, na faixa etária de 1:6 a 2:0. No Quadro 80, apresentamos um quadro-resumo com os dados que foram descritos na seção 3.3.4. Nele estão discriminadas as coletas e as faixas etárias correspondentes, os segmentos adquiridos e não-adquiridos em cada faixa etária, e os contrastes estabelecidos. No Quadro 81, são apresentados exemplos de palavras em que constam os segmentos-alvo adquiridos por S4, com o registro da emergência de contrastes.

Quadro 80 – Contrastes estabelecidos por S4

Coleta – faixa etária	Segmentos adquiridos	Segmentos não-adquiridos	Contrastes estabelecidos
1 - 1:6	/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /m/, /n/, /ɲ/	/f/, /s/, /ʒ/, /x/, /tʃ/, /l/, /r/, /ʁ/	soantes <i>versus</i> obstruintes coronal <i>versus</i> labial <i>versus</i> dorsal / plosivas surda <i>versus</i> sonora / plosivas coronais, labiais e dorsais labial <i>versus</i> coronal / nasais anterior <i>versus</i> não-anterior / nasais coronais
2 – 1:8	/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /m/	/s/, /ʒ/, /x/, /n/, /l/, /r/, /ʁ/ /m/	contínuo <i>versus</i> não- contínuo
3 – 1:9	/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /m/, /n/, /ɲ/	/s/, /ʒ/, /x/, /tʃ/, /l/, /r/, /ʁ/	Nenhum contraste novo estabelecido
4 – 1:10	/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /f/, /m/, /n/, /ɲ/	/g/, /s/, /ʒ/, /x/, /tʃ/, /l/, /r/, /ʁ/	Nenhum contraste novo estabelecido
5 – 1:11	/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /s/, /m/, /n/, /ɲ/	/ʒ/, /x/, /tʃ/, /l/, /r/, /ʁ/	labial <i>versus</i> coronal / fricativas
6 – 2:0	/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /s/, /ʒ/, /m/, /n/	/x/, /tʃ/, /l/, /r/, /ʁ/	anterior <i>versus</i> não-anterior / fricativas coronais

Quadro 81 – Produções de S4

Etapas apresentadas por S4	Fonemas adquiridos	Exemplos de produções
1	/p/	1. lápiz – [‘api] 2. zapato – [sa’pato]
	/b/	3. navío – [na’bio] 4. árbol – [‘abo]
	/t/	5. bicicleta – [bi’keta] 6. auto – [‘ato]
	/d/	7. rueda – [‘weda] 8. dos – [‘do]
	/k/	9. caballo – [ka’bako] 10. rico – [‘iko]
	/g/	11. gato – [‘gato] 12. água – [‘agwa]
	/m/	13. amarillo – [ama’ifo] 14. mamá – [ma’mi]
	/n/	15. conejo – [ko’neko] 16. nena – [‘nena]
2	/ɲ/	17. muñeca – [mu’ɲeka] 18. niña – [ni’ɲa]
		19. frutilla – [‘futi] 20. teléfono – [‘tefono]
3	/s/	21. saltar – [sa’ta] 22. cielo – [‘sjeo]
4	/ʒ/	23. llegando – [ʒe’gãndo] 24. estrella – [eS’tɛʒa]

A partir dos dados observados nos Quadros 80 e 81, verificamos que este menino apresenta quatro etapas de aquisição da fonologia de sua língua materna, para o período acompanhado.

Na primeira etapa, S4 estabelece o contraste de traço [\pm soante], que opõe soantes a obstruintes, e contrastes de ponto e de sonoridade. A aquisição dos seis segmentos plosivos, /p, b, t, d, k, g/ evidencia os contrastes de ponto labial *versus* coronal *versus* dorsal e o contraste de sonoridade, na coocorrência com [-soante, -contínuo]. No

contexto das consoantes soantes, o menino estabeleceu o contraste de ponto labial *versus* coronal e o contraste de traço [\pm anterior], na coocorrência [+soante, -contínuo, coronal], por meio da aquisição dos fonemas /n/ e /ɲ/.

A segunda etapa deste informante é caracterizada pela oposição entre consoantes plosivas e fricativas, por meio do estabelecimento do contraste de traço [\pm contínuo]. Esse contraste é adquirido a partir do emprego do segmento fricativo labial /f/.

A terceira etapa do menino é determinada pela aquisição do fonema /s/. A partir dessa aquisição, verificamos que é estabelecido o contraste de ponto coronal *versus* labial, na coocorrência [-soante, +contínuo].

Na última e quarta etapa de S4, observamos que há a aquisição do contraste de traço [\pm anterior] no contexto das fricativas coronais, a partir da produção do fonema /ʒ/, o qual se opõe ao fonema /s/, adquirido em etapa anterior.

Refletindo sobre as quatro etapas apresentadas por S4 e os contrastes que são estabelecidos em cada uma, ratificamos a relevância de compreender a aquisição de contrastes a partir da coocorrência de traços. É importante observar que os contrastes de ponto (labial, coronal e dorsal) são estabelecidos, primeiramente (primeira etapa), na coocorrência com o valor de traço [-contínuo], característico das classes das plosivas e das nasais. Posteriormente (terceira etapa), é que esse contraste de ponto é adquirido pelo menino na classe das fricativas. O contraste de traço [\pm anterior] que, para a língua espanhola, é distintivo entre consoantes nasais e fricativas, ambas de ponto coronal, é estabelecido, primeiro, na coocorrência [+soante, -contínuo, coronal], ou seja, na classe das nasais, para depois ser estabelecido na coocorrência [-soante, +contínuo, coronal], classe das fricativas. No que se refere às etapas, o contraste de traço [\pm anterior], no contexto das nasais é adquirido na primeira etapa pelo menino e, no contexto das fricativas, na quarta etapa. Isso auxilia na confirmação de que a emergência dos contrastes de traços não se dá, simultaneamente, em todos os contextos ou classes de segmentos, em que tais traços são distintivos.

Comparando as etapas apresentadas por S4 e aquelas propostas, preliminarmente, pelo PAC para o ESP, verificamos que há um paralelismo quanto à quantidade de etapas previstas e poucas divergências quanto aos contrastes que são

estabelecidos em cada etapa. Quanto à primeira etapa do menino, verificamos que há correspondência com aquela proposta pelo modelo para o espanhol. A diferença está no estabelecimento do contraste [\pm anterior], na coocorrência [+soante, -contínuo, coronal], o qual é adquirido na primeira etapa por S4 e está prevista para ser estabelecido na segunda etapa, segundo o PAC. O outro contraste previsto para a segunda etapa, conforme o modelo, [\pm contínuo], é estabelecido na segunda etapa do informante. Quanto à terceira etapa, observamos que há aquisição da oposição de ponto coronal *versus* labial, na coocorrência [-soante, +contínuo], porém a primeira versão do modelo prevê, ainda, a oposição com o ponto dorsal, o que não ocorre com S4, bem como com nenhum dos outros três sujeitos. Dos dois contrastes previstos para serem estabelecidos na quarta etapa, segundo o PAC para o ESP, apenas um é adquirido pelo menino: [\pm anterior], no contexto das consoantes fricativas coronais. O contraste de traço [\pm aproximante] não é estabelecido, uma vez que o informante não produz nenhum segmento com valor de traço [+aproximante].

No que se refere à comparação entre o PAC para o PB e as etapas apresentadas por S4, verificamos que esse informante é o que possui a aquisição dos contrastes de sua língua materna mais próxima àquela que propõe o modelo para o português. Os contrastes estabelecidos segundo a primeira etapa do modelo e os que são adquiridos pelo informante são idênticos, demonstrando que ambas as primeiras etapas são iguais. No que tange à segunda etapa do PAC para o PB, observamos que S4 adquiriu os contrastes dessa etapa em dois períodos: [\pm contínuo] na segunda etapa e o contraste de ponto coronal *versus* labial, entre consoantes fricativas, na terceira etapa. A terceira etapa do modelo para o português corresponde à quarta etapa de S4, sem o contraste que opõe nasais a líquidas, pois esse não foi adquirido pelo informante, durante o período de acompanhamento de sua aquisição fonológica.

O sistema fonológico de S4 conduz a duas reflexões relevantes quanto às propostas do PAC: para o espanhol, verificamos que a ordem dos contrastes previstos pelo modelo é muito semelhante ao que o informante apresenta; para o português, observamos que, para os contrastes que são comuns a ambas as línguas, S4 é o informante que apresenta etapas mais correspondentes àquelas previstas pelo PAC para o PB.

5. IMPLICAÇÕES DA ANÁLISE

A partir dos dados analisados nas seções do capítulo 4, apresentamos duas seções, neste capítulo. Na primeira seção, fazemos uma revisão da proposta preliminar do PAC para o ESP, com base na análise dos dados dos informantes, e apresentamos, então, a proposta final do modelo para a língua em análise, a fim de que seja consolidado um perfil da aquisição do sistema consonantal do espanhol. Na segunda seção, estabelecemos uma comparação entre a proposta final do modelo para o espanhol e o PAC para o PB, proposto por Lazzarotto-Volcão (2009).

5.1. O modelo PAC para o espanhol – proposta final

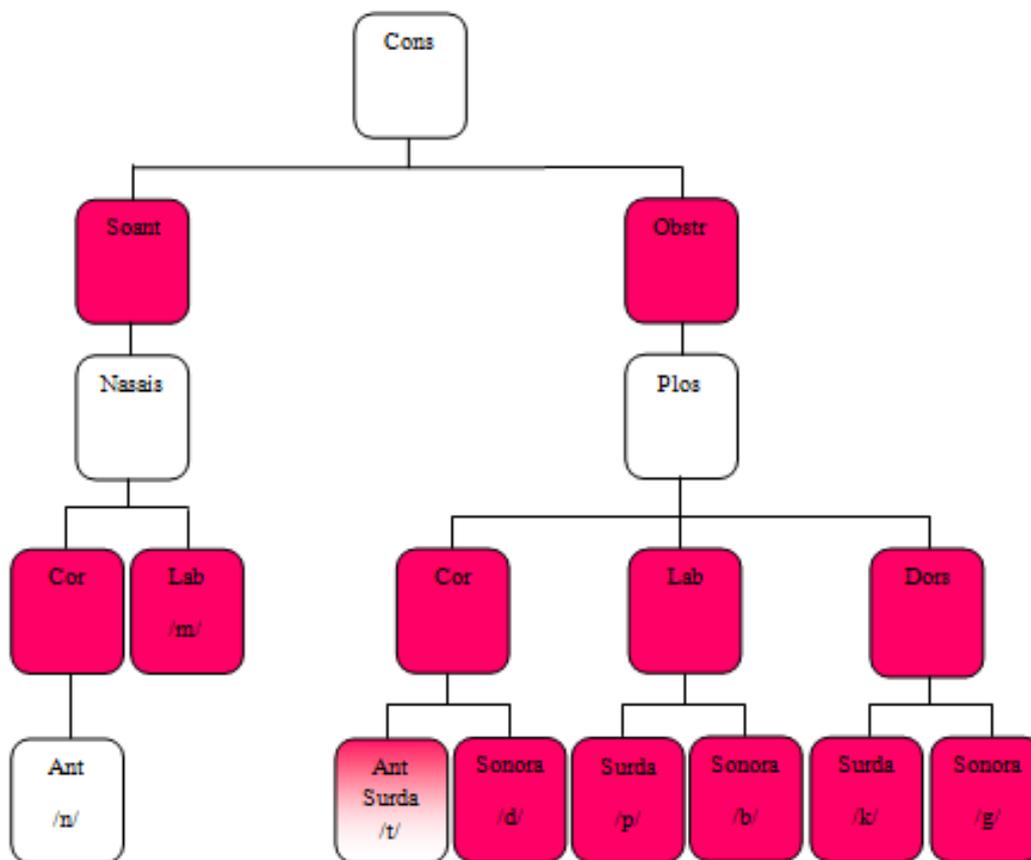
A partir da análise dos dados dos quatro informantes, acompanhados por este estudo (realizada no capítulo 4), revisamos a versão preliminar do modelo PAC para o ESP, proposta na seção 2.6, com objetivo de estabelecer um perfil para a aquisição do sistema consonantal do espanhol.

A compilação das reflexões resultantes dos dados analisados permitiu que observássemos a proposta preliminar do modelo, a partir dos contrastes estabelecidos pelas crianças, assim como pelas etapas de aquisição que elas apresentaram.

Sendo assim, com base nos dados apresentados pelos informantes, durante o período de acompanhamento de seus respectivos desenvolvimentos fonológicos, propomos que crianças falantes nativas de espanhol possuem quatro etapas iniciais de aquisição da fonologia de seu sistema consonantal, as quais, em consonância com as crianças reunidas neste estudo, se estendem até cerca de 2 anos de idade. Salientamos que, na proposta final do modelo, assim como na versão preliminar, lançamos a hipótese da existência de duas etapas posteriores, a fim de contemplar a aquisição de todos os contrastes do sistema fonológico da língua espanhola.

Representada pela cor rosa, demonstramos, na sequência, na Fig. 21, a primeira etapa de aquisição da fonologia do espanhol, que compreende a faixa etária entre 1:6 a 1:7.

Fig. 21 – 1ª etapa de aquisição fonológica do ESP – proposta final



A primeira etapa de aquisição do PAC para o ESP é caracterizada pela emergência dos contrastes que determinam grandes classes naturais. Conforme previmos na versão preliminar do modelo, nesta etapa desenvolvimental há o estabelecimento do contraste $[\pm\text{soante}]$, que opõe soantes a obstruintes. No contexto das soantes, evidenciamos o surgimento dos contrastes de ponto coronal *versus* labial, na coocorrência com $[\text{+nasal}]$. No que se refere às obstruintes, são estabelecidos dois contrastes: de ponto (coronal *versus* labial *versus* dorsal) e de sonoridade.

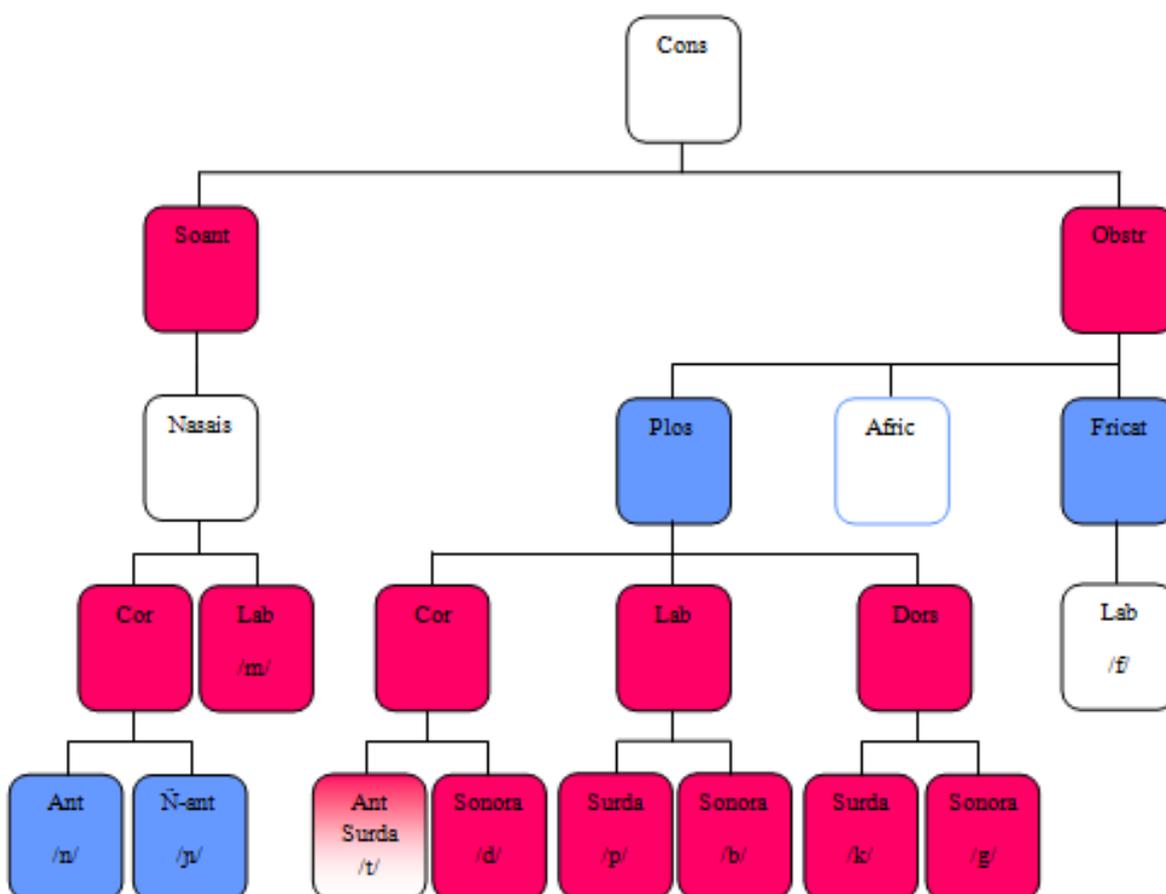
Reiteramos a justificativa por colorir o espaço da plosiva coronal /t/, em duas cores, pois esse fonema é responsável por dois contrastes: $[\pm\text{voz}]$ na coocorrência $[-\text{soante}, \text{coronal}]$ e $[\pm\text{anterior}]$ na coocorrência $[-\text{contínuo}, \text{coronal}]$. Pela primeira, /t/ se opõe à consoante /d/; pela segunda, /t/ se opõe à consoante /tʃ/. Em se considerando esses dois tipos de contraste que envolvem a plosiva coronal surda /t/, nessa primeira etapa,

surge somente o contraste de sonoridade; por esse motivo seu espaço está em rosa e branco, sendo essa última cor representativa da ausência do outro contraste.

Com o estabelecimento desses contrastes, temos a surgimento dos fonemas /p, b, t, d, k, g, m, n/, seguindo as emergências que foram propostas na versão preliminar do modelo.

Para representar os contrastes estabelecidos na segunda etapa de aquisição, a qual compreende a faixa etária de 1:8 a 1:10, utilizamos a cor azul.

Fig. 22 – 2ª etapa de aquisição fonológica do ESP – proposta final



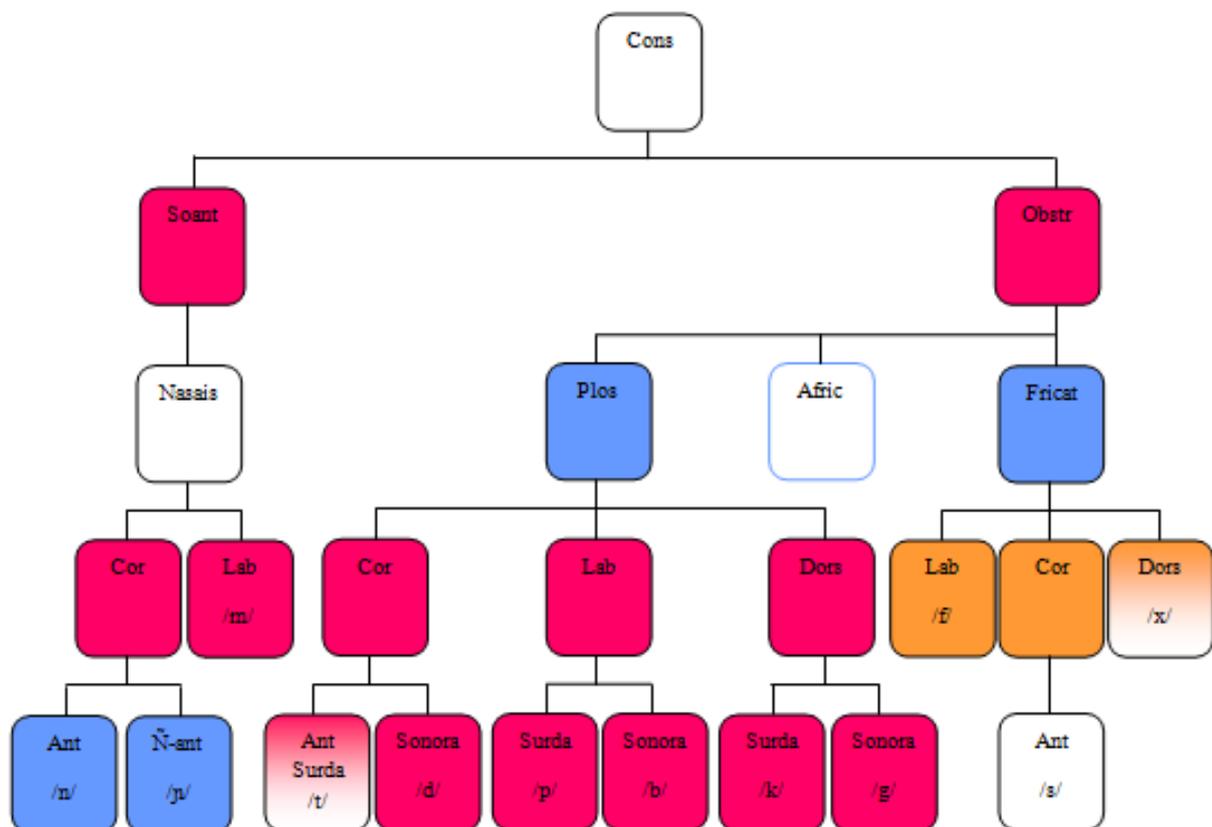
Na segunda etapa de aquisição, são estabelecidos os contrastes de traço [\pm anterior], na coocorrência [+soante, -aproximante, coronal], a partir da oposição entre os fonemas /n/ e /ɲ/, e o contraste de traço [\pm contínuo], que opõe consoantes plosivas a consoantes fricativas, na coocorrência, portanto, com o traço [-soante]. Reiteramos que o

espaço da consoante africada /tʃ/ está reservado e permanecerá em branco, pois o segmento responsável pela oposição que está envolvida em sua emergência somente será adquirido, conforme nossa hipótese, na quinta etapa de aquisição, ou seja, não houve o estabelecimento do contraste que implica dentro da classe.

Nesta etapa de aquisição observamos a emergência dos segmentos /f, ɲ/.

Para representar a terceira etapa de aquisição da fonologia do sistema consonantal do espanhol, que ocorre entre a faixa etária de 1:11 e 2:0 de idade, utilizamos a cor laranja.

Fig. 23 – 3ª etapa de aquisição fonológica do ESP – proposta final



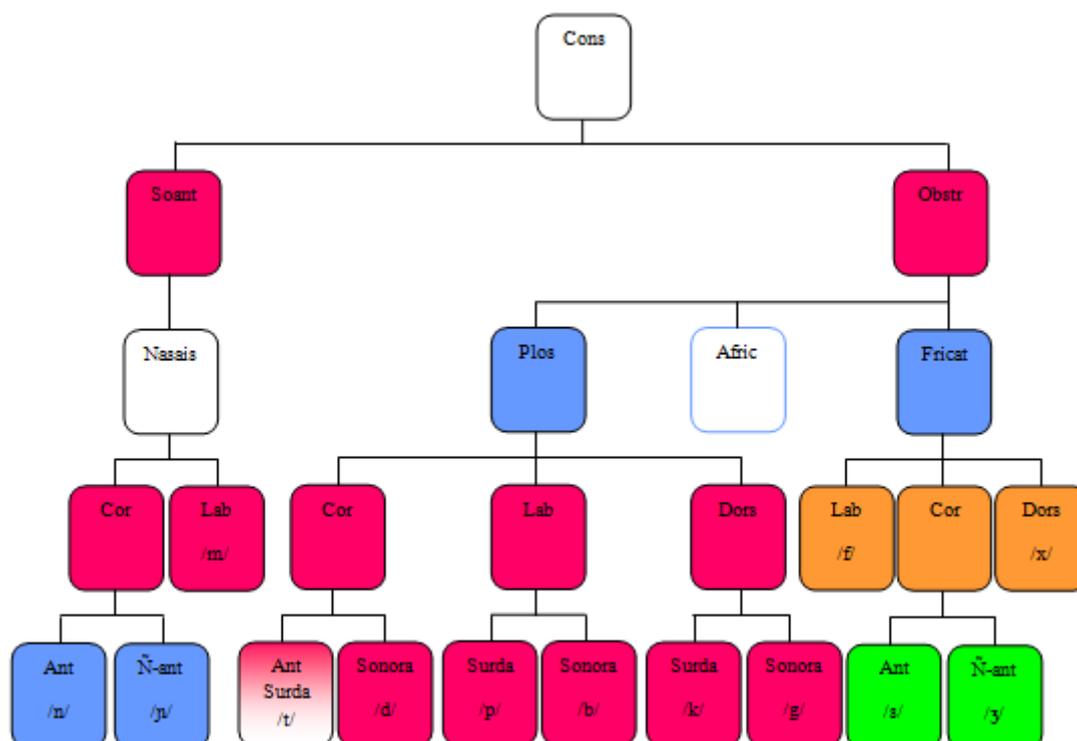
Para a terceira etapa de aquisição, propomos a emergência dos contrastes de ponto labial *versus* coronal, no contexto das consoantes fricativas. No que se refere à fricativa dorsal /x/, verificamos, a partir dos dados analisados, que não há a aquisição deste segmento até a faixa etária de 2:0, o que nos leva a supor, obviamente, que esse fonema surge na fonologia das crianças em etapa posterior. Seguindo as etapas do

modelo PAC, supomos que o segmento emerge na quinta etapa e, por esse motivo, optamos por formalizar o espaço dessa consoante em duas cores: laranja, referente à segunda etapa, e roxo, referente à quinta etapa. Com essa formalização, buscamos evidenciar que o traço [dorsal] se opõe aos traços [labial] e [coronal] e, com eles, constitui uma classe natural no contexto das fricativas do espanhol, e que, na segunda etapa de aquisição, há a emergência do contraste de ponto entre fricativas; no entanto, o segmento fricativo responsável pelo ponto dorsal só surgirá na quinta etapa, ou seja, o traço [dorsal], considerado marcado, na coocorrência [-soante, +contínuo], não emerge juntamente com os outros traços de ponto.

Na terceira etapa, temos o surgimento do fonema /s/.

Os contrastes que emergem na quarta etapa de aquisição são representados pela cor verde claro. Essa etapa é caracterizada pela faixa etária de 2:0 a 2:1 de idade.

Fig. 24 – 4ª etapa de aquisição fonológica do ESP – proposta final

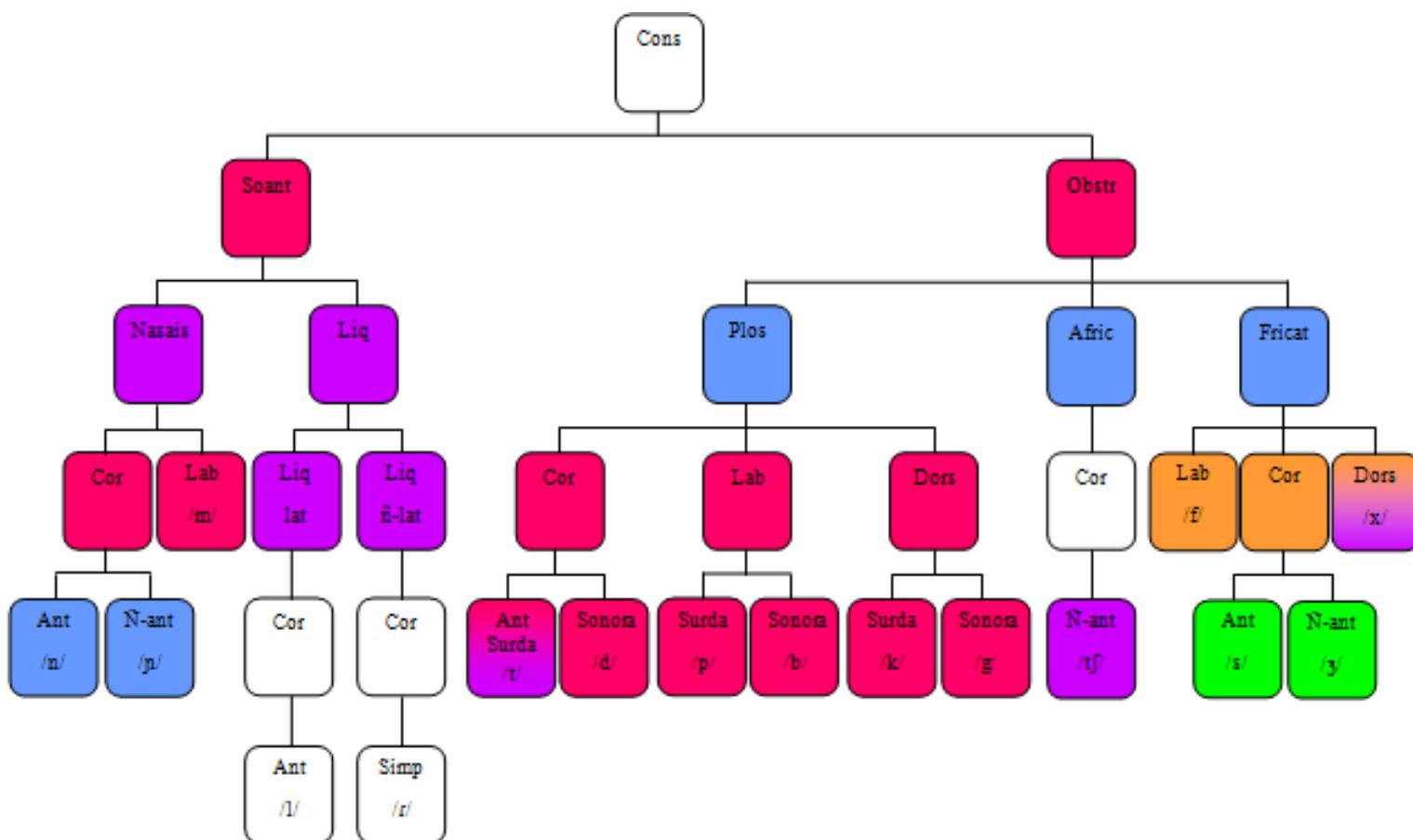


Na quarta etapa de aquisição, temos a emergência do contraste de traço $[\pm\text{anterior}]$, no contexto das fricativas coronais, o qual evidencia a oposição entre /s/ e /z/. Portanto, nesta etapa, há a aquisição dos fonemas /z/.

Como já mencionado na seção 2.6 e, também, nesta seção, o período de desenvolvimento objeto de estudo desta Dissertação permitiu que estabelecêssemos somente as quatro primeiras etapas da aquisição de contrastes do sistema consonantal do espanhol. Com base no modelo PAC para o PB, proposto por Lazzarotto-Volcão (2009) e a fim de contemplar todo o inventário fonológico da língua em análise, propomos duas etapas subsequentes – 5ª e 6ª etapas de aquisição –, que são registradas a seguir.

Como cor representativa da quinta etapa, utilizamos o roxo, conforme demonstração que segue.

Fig. 25 – 5ª etapa de aquisição fonológica do ESP (hipotética) – proposta final

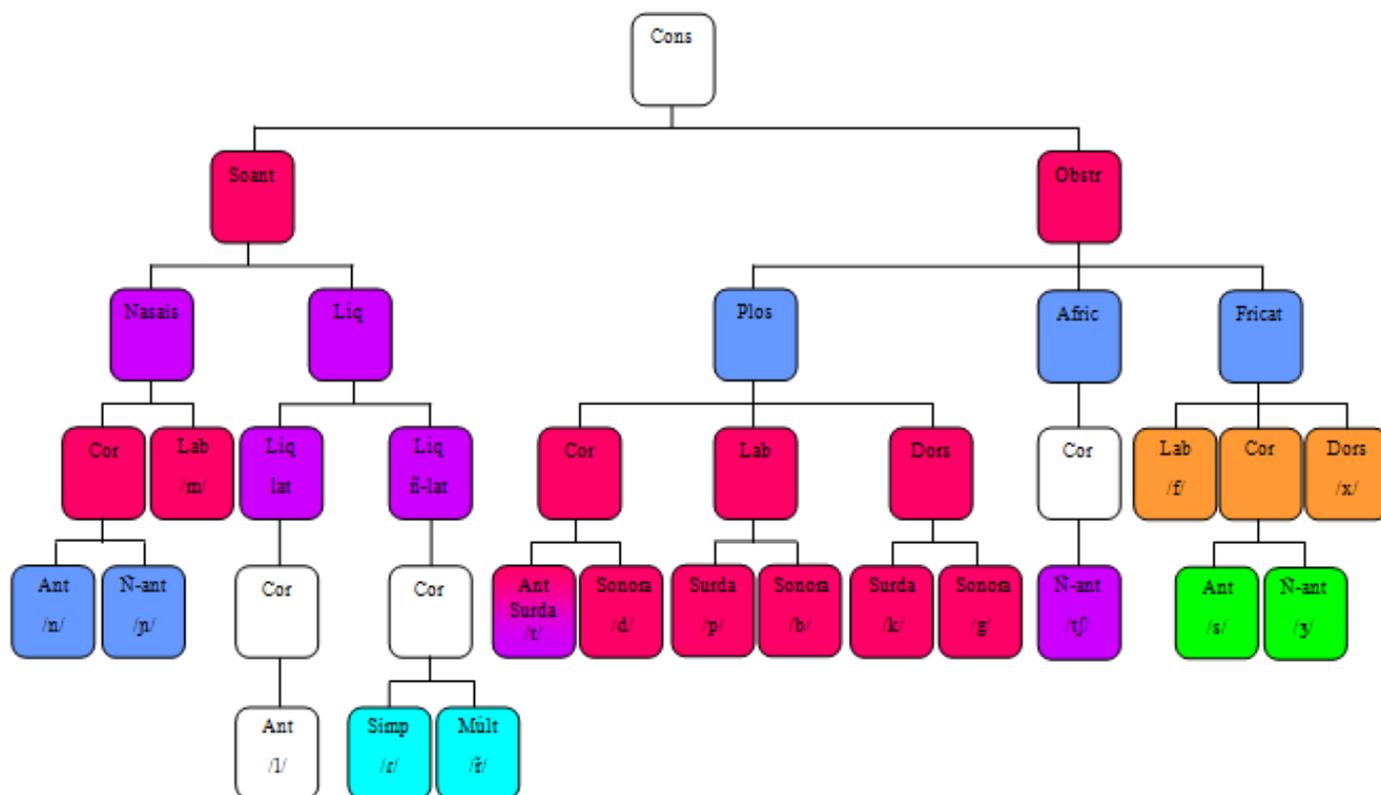


Para a quinta etapa, a partir dos dados analisados, temos a hipótese de emergência do contraste de traço [\pm aproximante], no contexto das soantes, responsável pela oposição entre nasais e líquidas, diferentemente do que propomos na versão preliminar do modelo, na qual havia a hipótese de emergência do referido contraste na quarta etapa de aquisição. Também, para esse período, prevemos a aquisição do contraste de traço [\pm contínuo] que opõe aproximantes laterais a não-laterais, na coocorrência com [+soante]. No contexto das obstruintes, nossa hipótese é a de que haja o surgimento da oposição anterior *versus* não-anterior, na coocorrência [-soante, -contínuo, coronal], responsável pela oposição entre a plosiva /t/ e a africada /tʃ/. Diferentemente da proposta preliminar do modelo para o espanhol, no contexto das fricativas, propomos a possibilidade de surgimento do contraste de traço [dorsal] com os traços [labial] e [coronal] na classe das fricativas, que opõe /x/ à labial /f/ e às coronais/s, ʒ/. Na primeira versão do modelo, havíamos proposto a emergência desse contraste na terceira etapa de aquisição.

Ao final desta etapa, surgiriam três fonemas /l, r, tʃ, x/.

Para demonstrar a sexta e última etapa de aquisição fonológica, utilizamos a cor azul claro.

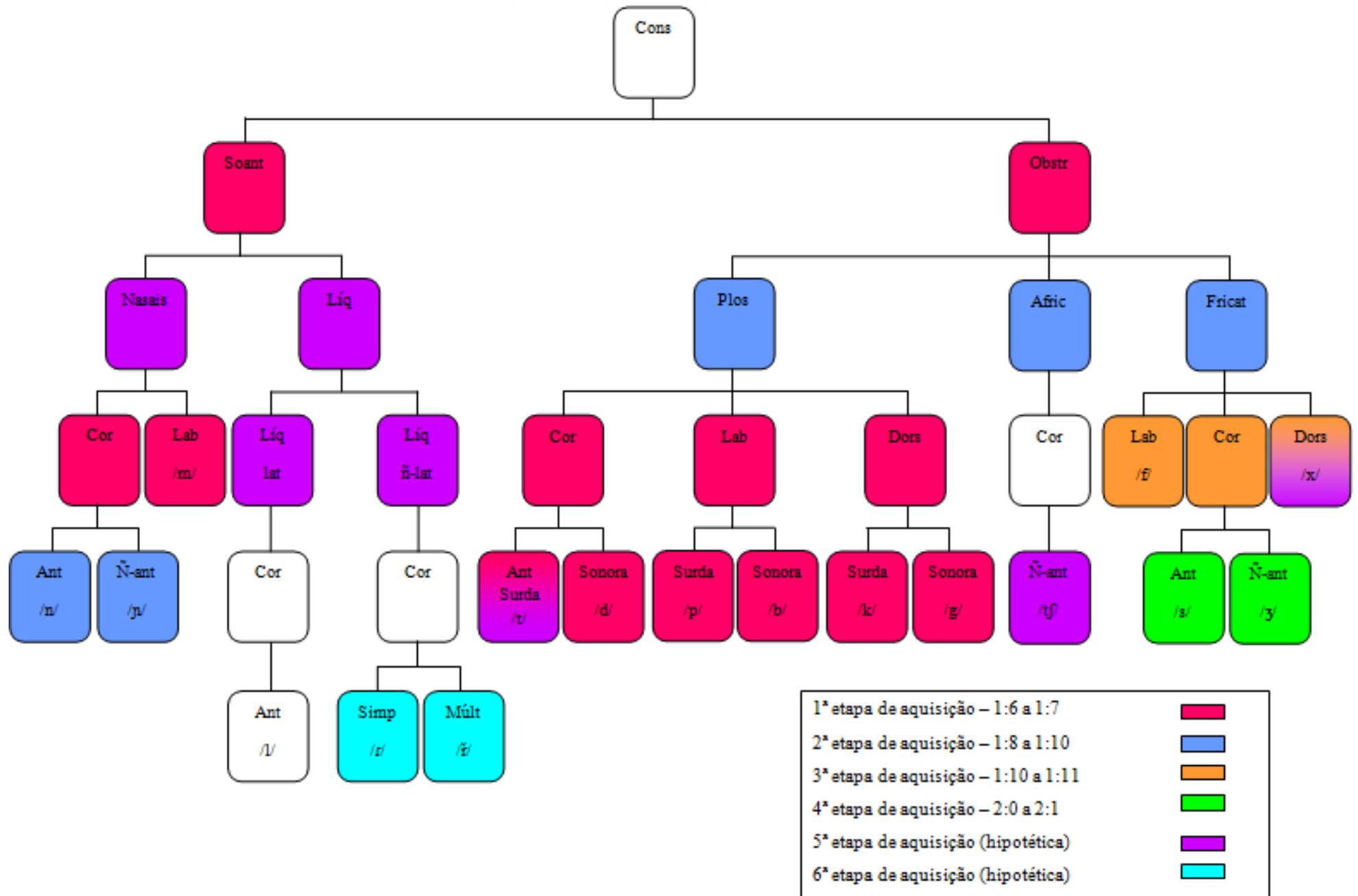
Fig. 26 – 6ª etapa de aquisição fonológica do ESP (hipotética) – proposta final



Na sexta etapa de aquisição fonológica para o ESP, emergiria o contraste pertinente na classe das aproximantes não-laterais, sendo esse o responsável pela aquisição do segmento /ĩ/.

Reunindo todas as etapas apresentadas, temos, na Fig. 27, a formalização do modelo PAC para o ESP.

Fig. 27 – PAC para o ESP – proposta final



5.2 Comparação entre a proposta final do PAC para o português brasileiro e para o espanhol

Com base na proposta final do modelo PAC para o PB (Lazzarotto-Volcão, 2009) e para o ESP (seção 5.1), estabelecemos uma comparação entre a aquisição de contrastes em ambas as línguas. Essa comparação justifica-se pela importância de compreender o comportamento do processo de aquisição do inventário fonológico das gramáticas das duas línguas e, por consequência, de buscar generalizações no encaminhamento de se estabelecerem universais linguísticos.

Tal comparação entre as etapas de aquisição fonológica do PB e do ESP será realizada por meio da Escala de Robustez para Coocorrências de Traços para a aquisição do PB (Fig. 28), proposta por Lazzarotto-Volcão (*op. cit.*, p. 204): a autora, com base em uma reanálise da Escala de Robustez de Clements, constrói uma escala em que ficam evidentes as coocorrências de traços que vão sendo estabelecidas, ao longo do processo de aquisição, sendo que cada nível da escala corresponde a uma etapa de aquisição do modelo PAC. Outro fator relevante dessa escala é que as coocorrências estão hierarquizadas, sendo que as mais robustas estão posicionadas em um nível mais alto e as menos robustas em um nível mais baixo da escala.

Fig. 28 – Escala de Robustez para Coocorrências de Traços para a Aquisição do PB

- a) [\pm soante]
- [-soante, -contínuo, coronal]
 - [-soante, -contínuo, labial]
 - [-soante, -contínuo, dorsal]
 - [-soante, -contínuo, \pm voz]
 - [+soante, -aproximante, labial]
 - [+soante, -aproximante, coronal]
 - [+soante, -aproximante, coronal, \pm anterior]
- b) [-soante, \pm contínuo]
- [-soante, +contínuo, coronal]
 - [-soante, +contínuo, labial]
 - [-soante, +contínuo, coronal, \pm voz]
 - [-soante, +contínuo, labial, \pm voz]
- c) [-soante, +contínuo, coronal, \pm anterior]
- [-soante, +contínuo, coronal, -anterior, \pm voz]
 - [+soante, \pm aproximante]
- d) [+soante, +aproximante, \pm contínuo]
- [+soante, +aproximante, - contínuo, \pm anterior]
 - [+soante, +aproximante, +contínuo, coronal]
 - [+soante, +aproximante, +contínuo, dorsal]

Partindo desses pressupostos, construímos uma Escala de Robustez para Coocorrências de Traços para a aquisição do ESP, conforme apresentamos a seguir.

Fig. 29 – Escala de Robustez para Coocorrências de Traços para a Aquisição do Espanhol

- a) [±soante]
 [-soante, -contínuo, coronal]
 [-soante, -contínuo, labial]
 [-soante, -contínuo, dorsal]
 [-soante, -contínuo, ±voz]
 [+soante, -aproximante, labial]
 [+soante, -aproximante, coronal]
- b) [-soante, ±contínuo]
 [+soante, -aproximante, coronal, ±anterior]
- c) [-soante, +contínuo, labial]
 [-soante, +contínuo, coronal]
- d) [-soante, +contínuo, coronal, ±anterior]
- e) [-soante, -contínuo, coronal, ±anterior]
 [-soante, +contínuo, dorsal]
 [+soante, ±aproximante]
 [+soante, +aproximante, ±contínuo]
- f) [+soante, +aproximante, +contínuo, ±tenso²³]

Cabe salientar dois pontos importantes sobre as comparações aqui estabelecidas:

1º) a primeira etapa do PAC para o PB (Lazarotto-Volcão, 2009) compreende o desenvolvimento fonológico de crianças até a idade de 2 anos e a segunda etapa de aquisição, entre 1:8 a 2:6, enquanto no PAC para o ESP as quatro primeiras etapas registram o processo de aquisição fonológica para crianças com a idade de até 2:1; assim, a hipótese é que, se houvesse paralelismo pleno na aquisição das duas línguas, as quatro primeiras etapas do PAC para o ESP teriam de estar totalmente contidas na primeira e segunda etapas do PAC para o PB;

²³ Neste trabalho, defendemos que na fonologia do espanhol existem dois tipos de róticas: r-forte e r-fraco. Miranda (1996) também defende essa posição para o português, com base em dados de aquisição. Para evidenciar a oposição entre essas róticas, utilizamos, conforme Colina (2010), o contraste de traço [±tenso].

2º) envolvem, obviamente, os contrastes de traços comuns a ambas as línguas.

Com relação à primeira etapa de aquisição do modelo, observamos que, para o PB, existem oito coocorrências para o estabelecimento dos primeiros contrastes, os quais também se encontram no modelo para o ESP, com exceção do último contraste [\pm anterior], na coocorrência [+soante, -aproximante, coronal], o qual é adquirido na segunda etapa no PAC para o ESP. Portanto, nessa primeira etapa, no PAC para o PB (até 2:0) temos a aquisição dos fonemas /p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ/ e, no PAC para o ESP (1:6-1:7), os segmentos adquiridos são /p, b, t, d, k, g, m, n/.

No que tange à segunda etapa de aquisição, observamos que, quanto ao estabelecimento da oposição contínuo *versus* não-contínuo, no contexto das obstruintes, as duas propostas de modelo são equiparáveis. Como divergência, verificamos a aquisição do contraste de traço [\pm anterior], no contexto das nasais coronais que, como já mencionado, é estabelecido na primeira etapa no modelo para o português e em segunda etapa no modelo para o espanhol, assim como o contraste de ponto labial *versus* coronal, na coocorrência [-soante, +contínuo], o qual tem sua aquisição na segunda etapa no PB (1:8-2:6) e na terceira para o ESP (1:10-1:11). Ao final da segunda etapa, o modelo para o PB (1:-8-2:6) prevê a aquisição dos segmentos /f, s/ e o modelo para o ESP (1:8-1:10) propõe a aquisição dos fonemas /f, ɲ/.

A terceira etapa do modelo para o PB (2:8-3:0) é caracterizada pela emergência dos contrastes previstos para a quarta etapa do modelo para o ESP. Tais contrastes são responsáveis pela oposição entre segmentos fricativos coronais anteriores *versus* não-anteriores e consoantes soantes aproximantes *versus* não-aproximantes. No PAC para o ESP, a terceira etapa (1:10-1:11) corresponde à emergência dos contrastes de ponto labial *versus* coronal, no contexto das consoantes fricativas, oposição essa que ocorreu na segunda etapa do modelo para o português. O estabelecimento desses contrastes evidencia a aquisição dos fonemas /ʒ, l/, para o PB, e /s/, para o ESP, nessa etapa.

Na quarta etapa dos modelos, assim como na etapa anterior, não encontramos nenhuma semelhança quanto aos contrastes estabelecidos. Essa constatação pode ter explicação nas faixas etárias em que estamos observando a aquisição de contrastes. O modelo PAC para o PB é construído por meio do processo total de aquisição da

fonologia, já o modelo para o ESP contempla, por meio de evidências empíricas, até a faixa etária de 2:1 de idade. Em razão disso, nas próximas comparações faremos uso das etapas de aquisição hipotéticas previstas no PAC para o espanhol. Assim sendo, a quarta etapa do PAC para o ESP (2:0-2:1) corresponde à terceira etapa do modelo para o português (2:8-3:0), enquanto a quinta etapa de aquisição do espanhol (a partir de 2:1) corresponde à quarta etapa do PAC para o PB (3:4-4:2). Com relação à aquisição de segmentos, nessa quarta etapa, temos, para o português, os fonemas /l, r/ e, para o espanhol, o fonema /ʒ/.

Uma vez que o PAC para o PB apresenta quatro etapas, com o intuito de comparar a aquisição de todos os contrastes comuns às línguas em discussão, verificamos, na quinta etapa proposta pelo PAC para o ESP, o estabelecimento dos contrastes de traço [\pm aproximante], no contexto das soantes, e [\pm contínuo], na coocorrência [+soante, +aproximante]: a primeira oposição é adquirida na terceira etapa segundo o PAC para o PB, e o segundo contraste é estabelecido na quarta etapa no modelo para o PB. Com essa etapa, temos a aquisição dos fonemas /l, r/, para o espanhol.

A comparação estabelecida nesta seção permite que verifiquemos que existe semelhança entre a progressiva aquisição de contrastes do PB e do ESP, principalmente no que se refere aos contrastes estabelecidos na primeira etapa. Porém, para atender a hipótese de que há paralelismo pleno na aquisição de contrastes entre as duas línguas – português e espanhol –, as quatro primeiras etapas do PAC para o ESP deveriam estar contidas na primeira e na segunda etapas do modelo PAC para o PB. No entanto, verificamos que esse fenômeno não acontece, pois a aquisição do contraste [\pm anterior], no contexto das fricativas coronais ocorre mais precocemente em crianças uruguaias (quarta etapa do modelo – faixa etária de 2:0 a 2:1) do que em crianças brasileiras (terceira etapa para o PAC-PB – faixa etária de 2:8 a 3:0). Uma possível explicação para esse fenômeno é que, na classe das fricativas do espanhol, a oposição determinada pelo traço [\pm anterior] distingue as consoantes /s/ e /ʒ/, as quais, além do contraste pela propriedade [\pm anterior], também se diferem pelo traço [\pm voz]; assim, no espanhol, não é exclusividade do traço [\pm anterior] a oposição entre fricativas coronais, como ocorre no português.

A partir da comparação entre os modelos para o PB e para o ESP, podemos constatar que, afora o contraste do traço [\pm anterior] na classe das fricativas, as quatro primeiras etapas do PAC para o ESP estão praticamente todas contidas na primeira e segunda etapas do PAC para o PB, evidenciando quase total paralelismo na aquisição das duas línguas em suas etapas mais iniciais.

Os contrastes alusivos à sonoridade e ao ponto, nas consoantes de traço [-contínuo] – plosivas e nasais –, são estabelecidos muito cedo por crianças falantes nativas de espanhol (até 1:7); pode-se ter a hipótese de que também o sejam por crianças falantes de português, uma vez que o PAC para o PB não diferencia idades anteriores a 2 anos. A única exceção à aquisição precoce da classe das obstruintes do espanhol se refere à aquisição do contraste de traço [\pm anterior], na coocorrência [-soante, -contínuo, coronal], que opõe a plosiva /t/ à africada /tʃ/. Esse contraste está previsto para ser adquirido na quinta etapa hipotética do modelo para o ESP. Em contraposição, talvez a classe das aproximantes, ou seja, das líquidas seja estabelecida mais tardiamente nas fonologias de crianças uruguaias e mais cedo nas gramáticas de crianças brasileiras, pelo tipo de traço que opõe essas consoantes no espanhol [\pm aproximante], – essa hipótese somente poderá ser confirmada em pesquisa com crianças de idade que vá além de 2:1, que é a idade máxima das crianças do presente estudo.

Essa comparação entre o processo de construção do inventário fonológico de consoantes por crianças falantes de português e de espanhol, segundo os modelos propostos, pode ser registrada por seu pareamento, conforme Fig. 30, na qual aparecem as escalas de robustez para coocorrências de traços para a aquisição de cada uma das duas línguas, com a idade de aquisição pelas crianças.

Fig. 30 – Escala de Robustez para Coocorrências de Traços para a Aquisição do PB e do ESP²⁴

Escala de Robustez para Coocorrências de Traços para a Aquisição do PB, com especificação da idade de cada etapa	Escala de Robustez para Coocorrências de Traços para a Aquisição do Espanhol, com especificação da idade de cada etapa
<p>a) até 2:0 [±soante] [-soante, -contínuo, coronal] [-soante, -contínuo, labial] [-soante, -contínuo, dorsal] [-soante, -contínuo, ±voz] [+soante, -aproximante, labial] [+soante, -aproximante, coronal] [+soante, -aproximante, coronal, ±anterior]</p> <p>b) 1:8 a 2:6 [-soante, ±contínuo] [-soante, +contínuo, coronal] [-soante, +contínuo, labial] [-soante, +contínuo, coronal, ±voz] [-soante, +contínuo, labial, ±voz]</p> <p>c) 2:8 a 3:0 [-soante, +contínuo, coronal, ±anterior] [-soante, +contínuo, coronal, -anterior, ±voz] [+soante, ±aproximante]</p> <p>d) 3:4 a 4:2 [+soante, +aproximante, ±contínuo] [+soante, +aproximante, - contínuo, ±anterior] [+soante, +aproximante, +contínuo, coronal] [+soante, +aproximante, +contínuo, dorsal]</p>	<p>a) 1:6 a 1:7 [±soante] [-soante, -contínuo, coronal] [-soante, -contínuo, labial] [-soante, -contínuo, dorsal] [-soante, -contínuo, ±voz] [+soante, -aproximante, labial] [+soante, -aproximante, coronal]</p> <p>b) 1:8 a 1:10 [-soante, ±contínuo] [+soante, -aproximante, coronal, ±anterior]</p> <p>c) 1:10 a 1:11 [-soante, +contínuo, labial] [-soante, +contínuo, coronal]</p> <p>d) 2:0 a 2:1 [-soante, +contínuo, coronal, ±anterior]</p> <p>e) a partir de 2:1 [-soante, -contínuo, coronal, ±anterior] [-soante, +contínuo, dorsal] [+soante, ±aproximante] [+soante, +aproximante, ±contínuo]</p> <p>f) a partir da etapa anterior [+soante, +aproximante, +contínuo, ±tenso]</p>

O resultado aponta para uma generalização: há uma tendência geral para a aquisição mais precoce dos contrastes responsáveis pelas oposições entre segmentos de

²⁴ A disposição das alíneas que constituem os níveis das Escalas de Robustez mostradas na Fig.30 atende a uma tentativa de emparelhar, na medida do possível, as idades de aquisição de coocorrências de traços no PB e no espanhol.

traço [-contínuo], tanto no português quanto no espanhol, o que demonstra que ambas as línguas tendem a estabelecer as aquisições de seus fonemas com valor marcado [+contínuo] mais tardiamente, optando por traços (ou valores de traço) mais robustos, o que confirma os princípios fonológicos de Evitação de Traços Marcados e de Robustez, propostos por Clements ([2005] 2009). Esse resultado vem ao encontro do fato, registrado na literatura, desde Jakobson (1968 [1941]), sobre aquisição da linguagem, de que plosivas e nasais são as classes de consoantes de aquisição mais precoce, sendo seguidas pela classe das fricativas e, depois, pela classe das líquidas.

Pelos dados da Fig.30, mais uma vez se tem a confirmação de que há quase total equiparação das quatro etapas iniciais de aquisição do espanhol (até 2:1) com a primeira e a segunda etapas de aquisição do PB, se considerarmos a idade máxima de 2:0. A diferença, conforme já foi referido, é a precocidade de aquisição da coocorrência [-soante, +contínuo, coronal, ±anterior] em crianças falantes de espanhol.

Também a partir das Escalas de Robustez pareadas na Fig. 30, é possível verificarmos que as coocorrências de traços que implicam a aquisição de contrastes que são específicos de uma e de outra língua – espanhol e PB – têm aquisição mais tardia: somente na segunda etapa do PAC para o PB (1:8 a 2:6), surgem as ocorrências que implicam oposição do traço [±voz] entre as fricativas homorgânicas, própria do português: [-soante, +contínuo, coronal, ±voz] e [-soante, +contínuo, labial, ±voz]; por outro lado, somente depois da idade máxima estudada nesta pesquisa (2:1), vai emergir a oposição determinada pelo traço [±anterior], na coocorrência [-soante, -contínuo, coronal, ±anterior], que é exclusiva do espanhol, em se comparando com o PB.

Uma vez que, seguindo o que foi estabelecido por Lazzarotto-Volcão (2009, p. 204) para o PB, já propusemos a Escala de Robustez para Coocorrências de Traços para o Espanhol, analisando o comportamento da gramática fonológica dessa língua a partir de dados de aquisição, apresentamos, a seguir, como os princípios fonológicos propostos por Clements (op. cit.) agem nesse sistema fonológico.

Quanto ao Princípio da Limitação de Traços, observamos que esse princípio se relaciona a essa gramática em aquisição, uma vez que os traços, à medida que vão surgindo no sistema, já vão sendo responsáveis pelos contrastes estabelecidos, bem como pelos fonemas que são adquiridos.

No que se refere à Economia de Traços, verificamos que o espanhol tende a ser mais econômico nas primeiras fases de aquisição fonológica, através da maximização de combinação de traços adquiridos, assim como traços (ou valores de traços) não-marcados são adquiridos mais cedo do que aqueles que são marcados, o que confirma o Princípio da Evitação de Traços Marcados.

Além disso, constatamos, a partir desta análise, que o PAC é um modelo capaz de analisar a aquisição de contrastes da língua espanhola, e em consequência, também serve como subsídio para determinar um perfil da aquisição fonológica do sistema consonantal do espanhol.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar o estudo proposto por esta Dissertação, podemos afirmar que os objetivos propostos foram atingidos de maneira satisfatória. As questões que nortearam esta pesquisa foram respondidas ao longo do trabalho, contudo as retomamos para determinarmos as principais indicações conclusivas deste estudo.

Retomamos as questões norteadoras desta investigação:

◆ Qual é o ordenamento do processo de aquisição do inventário consonantal por crianças falantes nativas de espanhol? O PAC é um modelo teórico capaz de analisar a aquisição de contrastes entre as consoantes do Espanhol?

Com relação a esta primeira pergunta, a partir das análises realizadas no capítulo 4, que culminaram com as considerações apresentadas na seção 5.1 – proposta final do modelo PAC para o ESP –, foi possível determinarmos qual a ordem de aquisição dos contrastes fonológicos no sistema consonantal do espanhol. Essa ordem está representada na Fig. 29, da seção 5.2. No entanto, como a idade máxima das crianças cujos dados linguísticos foram observados no presente estudo foi 2:1 – idade em que o inventário de consoantes ainda não está adquirido em sua totalidade –, foi necessário que apresentássemos duas etapas hipotéticas, visando à integralização do sistema de contrastes entre os segmentos consonantais do espanhol.

No que se refere à segunda pergunta, desta questão norteadora, reiteramos que este estudo é o primeiro a utilizar o modelo PAC para analisar a aquisição de contrastes de outra língua que não o português. Segundo Lazzarotto-Volcão (2009, p. 208), em suas considerações finais, é importante “*referir que o modelo PAC, por estar fundamentado em um paradigma gerativista, possui uma essência universal e, portanto, deve ser testado no estudo da aquisição materna de outras línguas (...)*”. Essa testagem foi realizada neste trabalho e, conforme já concluído ao final da seção 5.2, o modelo PAC é plenamente capaz de subsidiar a análise da aquisição de contrastes entre as consoantes da língua espanhola. Apesar de fazermos duas adaptações ao modelo, (relativas ao uso de duas cores em um mesmo retângulo) motivadas por especificidades da língua em análise, o modelo mostrou-se totalmente flexível a essa nova formalização e permitiu o estabelecimento de comparação entre o processo de aquisição dos sistemas consonantais do espanhol e do PB, confirmando tendências gerais nas etapas de desenvolvimento fonológico mais precoces.

◆ A progressiva aquisição de contrastes entre consoantes é semelhante entre crianças falantes nativas de Espanhol e do Português do Brasil?

Em relação a essa segunda questão, apresentamos sua resposta na seção 5.2, na qual fazemos uma comparação entre o modelo PAC para o PB e o PAC para o ESP. A comparação entre as propostas finais dos modelos permitiu que concluíssemos que existe grande semelhança na progressiva aquisição de contrastes entre crianças brasileiras e uruguaias, no que se refere à primeira e segunda etapas de aquisição. Contudo, para que houvesse total paralelismo entre a aquisição de ambas as línguas, as etapas propostas pelo PAC para o ESP deveriam estar totalmente contidas nas primeiras etapas do PAC para o PB e, como já constatamos, isso não ocorre, sendo que há apenas uma única diferença: as crianças falantes nativas de espanhol mostram maior precocidade na aquisição da coocorrência de traços [-soante, +contínuo, coronal, ±anterior] e, conseqüentemente, na aquisição do contraste que ela determina.

Uma tendência geral que evidenciamos diz respeito à preferência de crianças falantes de ambas as línguas adquirirem os contrastes entre consoantes de traço [-contínuo] de maneira mais precoce, demonstrando total relação com os Princípios de Robustez e de Evitação de Traços Marcados, propostos por Clements ([2005] 2009).

Como especificidade na aquisição dos contrastes, verificamos que as crianças uruguaias adquirem muito precocemente os contrastes presentes nas consoantes caracterizadas pelo traço [-contínuo], classes das plosivas e das nasais; um estudo com crianças brasileiras com idade inferior a 2 anos pode confirmar ou não essa precocidade na aquisição do PB. Também um estudo com crianças maiores do que 2 anos falantes nativas de espanhol é importante para que se possa comparar a emergência das consoantes da classe aproximante nos dois sistemas linguísticos.

◆ É possível, com o subsídio do PAC, determinar um perfil do processo de aquisição do espanhol por crianças falantes nativas da língua?

O estabelecimento da proposta final do PAC para o ESP, com o ordenamento das etapas de aquisição de contrastes para o sistema consonantal do espanhol, permitiu que estabelecêssemos um perfil do processo de aquisição da fonologia do espanhol por crianças falantes nativas. Conforme confirmamos na primeira questão norteadora, o PAC é um modelo capaz de subsidiar a análise qualquer sistema fonológico e, em consequência, subsidia a determinação de um perfil para o processo de aquisição da fonologia de outra língua além do PB, neste caso, o espanhol.

Com relação aos Princípios Fonológicos baseados em Traços, propostos por Clements ([2005] 2009), base teórica desta pesquisa, concluímos que todos os princípios são totalmente aplicáveis à aquisição de contrastes da língua espanhola e que, conforme o autor sugere, é na aquisição inicial da linguagem que o funcionamento dos sistemas fonológicos encontram explicação.

Ao concluir sobre a pertinência desta proposta teórica para a análise da aquisição do componente fonológico de uma língua, ressaltamos, também, a importância que os traços possuem nestas análises, juntamente com o fenômeno da coocorrência de traços, sendo esse o responsável por compreendermos que os traços não agem de forma isolada na aquisição da gramática fonológica das crianças. Portanto, é a ação em conjunto dos traços fonológicos que determina a emergência dos contrastes presentes nos inventários fonológicos e, que por consequência, determinam suas constituições.

Por compreender que os estudos iniciados por uma Dissertação não se encerram nela mesma, é necessário que a pesquisa aqui proposta possa ser mais desenvolvida, levando em consideração as faixas etárias não contempladas aqui, ou seja, aquelas que compreendem maior proximidade ao sistema alvo, até a total aquisição da fonologia da língua. De grande relevância seria também o estabelecimento de comparações entre a progressiva aquisição de contrastes entre consoantes do espanhol europeu e de outras variedades da língua, além da determinação de paralelos com o processo de construção do inventário de segmentos de outros sistemas linguísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCOS, Emílio. (1950) **Fonología Española**. 4ª ed. Madrid: Sánchez Pacheco, 1991. p. 39-53.

_____. (1994) **Gramática de la Lengua Española**. 1ª ed. Madrid: Escasa Calpe, 1999. 406p.

BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5. ed.. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 1, 2010.

CATAÑO, L., BARLOW, J.A.; MOYNA, M.I. Phonetic inventory complexity in the acquisition of Spanish: a retrospective, typological study. **Clinical Linguistics & Phonetics**. v. 23, p. 446-472, 2009.

COLINA, Sonia. Rhotics in Spanish: A New Look at an Old. In: **Problem Selected Proceedings of the 12th Hispanic Linguistics Symposium**, BORGONOVO, Claudia et al., Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, p. 75-86 2010.

CHOMSKY, Noam e HALLE Morris. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper and Row, 1968.

_____. **Knowledge of Language: its nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986.

CLEMENTS, G. N.; HUME, Elisabeth V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (org.) **The handbook of phonological theory**. Cambridge: Blackwell, 1995. p. 245-306.

_____. Phonological Feature. In: RAIMY, Eric e CAIRNS, Charles E. **Contemporary Views on Architecture and Representations in Phonology**: MIT Press, 2009. p. 19-68. Publicado em 2005 no sítio < <http://www.nickclements.free.fr>>. Acesso em agosto de 2012.

FIKKERT, Paula. **On the Acquisition of Prosodic Structure**. Doctoral Dissertation. Dordrecht: HIL, 1994.

GOLDSMITH, John. **Autosegmental Phonology**. Bloomington: IULC, 1976.

GRIJZENHOUT, J.; JOPPEN, S. “**First steps in the acquisition of German consonants – a case study**”. (1998). Disponível em: <<http://web.phil-fak.uni-duesseldorf.de/~grijzenh/#PUBLICATIONS>>, acesso em 03.12.2013.

HIDALGO, Antonio; QUILIS, Mercedes. **Fonética y Fonología españolas**. 2ª ed. Valencia: Tirant lo Blanch, 2004. 278p.

HENSEY, F.G. **The Sociolinguistics of the Brazilian-Uruguay an Border**. The Hague-Paris: Mouton, 1972.

HUALDE, José Ignacio. Quasi-Phonemic Contrasts in Spanish. **WCCFL 23 Proceedings**. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2004.

INGRAM, David. **First Language Acquisition: method, description and explanation**. New York: Cambridge – Print On, 1989.

LAMPRECHT, Regina R. (Org.) et. al. **Aquisição fonológica do Português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Modelo padrão de aquisição de contrastes: uma proposta de avaliação e classificação dos Desvios Fonológicos**. 2009. 218f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2009.

LLEÓ, Conxita. To spread or not to spread: different styles in the acquisition of Spanish phonology. In B. Bernhardt, J. Gilbert & D. Ingram (eds.). **Proceedings of the UBC International Conference on Phonological Acquisition**. Somerville: Cascadilla Press, p. 215-228, 1996.

LORANDI, Aline; CRUZ, Carina Rebello; SCHERER, Ana Paula Rigatti. Aquisição da linguagem. **Verba Volant**, v. 2, nº 1. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2011.

MATZENAUER-HERNANDORENA, Carmen Lúcia. **Aquisição da fonologia do Português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos**. 1990. Tese (Doutorado) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

_____. Relações implicacionais na aquisição da fonologia. **Letras de Hoje**. Porto Alegre. v.31, n.2, p. 67-79, 1996.

_____. A generalização em desvios fonológicos: o caminho pela recorrência de traços. **Letras de Hoje**, v. 43, p. 27-34, 2008a.

_____. Sobre variação, aquisição e tipologias de línguas. In: 8 Encontro do CELSUL, 2008, Porto Alegre. 8 Encontro do CELSUL - Programação e Resumos. Pelotas: EDUCAT, 2008b. v. 1. p. 21-21.

_____.; LAMPRECHT, Regina R. A aquisição das consoantes líquidas do português. Trabalho apresentado no XI Encontro Nacional da ANPOLL. João Pessoa, jun. 1996.

_____.; MIRANDA, A. R. M. Melodic and metrical conditions on the vowel system functioning the case of the brazilian portuguese acquisition process. In: **Phonetics and Phonology in Iberia** - PaPI2007 - Program and Abstracts. Braga: Universidade do Minho, 2007. v. 1. p. 107-107.

_____. A construção do conhecimento fonológico na aquisição da linguagem. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 91-124, jul./dez. 2012.

McCARTHY, John J.e PRINCE, Alan S. **Prosodic Morphology I: constraint interaction and satisfaction**. New Brunswick: Rutgers University Center for Cognitive Science, 1993.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco. **A aquisição do ‘r’**: uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico. 1996. 125p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

_____. A representação das consoantes róticas nos sistemas de crianças brasileiras e argentinas. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 38, n.2, p. 111-122, 2003.

NAVARRO TOMAS, Tomás. **Manual de pronunciación española**. 22ª ed. Madrid: Instituto Miguel de Cervantes, 1985. 326p.

OLIVEIRA, Carolina Cardoso. **A aquisição das consoantes róticas no Português Brasileiro e no Espanhol: um estudo comparativo**. 2006. 175f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. **Optimality theory: Constraint interaction and generative grammar**. Report n. RuCCS-TR-2. New Brunswick: Rutgers University Center for Cognitive Science, 1993.

QUILIS, Antonio; FERNÁNDEZ, Joseph A. **Curso de Fonética y Fonología Españolas**: para estudantes angloamericanos. 4ªed. Madrid: Instituto Miguel de Cervantes, 1969. 223p.

SCARPA, Ester Mirian. Aquisição da Linguagem. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 203-232.

STAMPE, D. **A Dissertation on Natural Phonology**. Ph.D. (Dissertation) – Chicago: University of Chicago, 1973.

VIHMAN, Marilyn May. **Phonological Development: the origins of language in the child**. Cambridge: Blackwell, 1996.

VIVAR, P., LEÓN, H. Desarrollo fonológico-fonético en un grupo de niños entre 3 y 5,11 años. **Rev. CEFAC**, v. 11, nº2, p. 190-198, 2009.

YAVAS, Mehmet, MATZENAUER-HERNANDORENA, Carmen L. e LAMPRECHT, Regina R. **Avaliação fonológica da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.